



JÉSSICA E PEDRO: OBRA LITERÁRIA DE APOIO À DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Márcio Kleber Morais Pessoa



VOLUME IV



**JÉSSICA E PEDRO:
OBRA LITERÁRIA DE APOIO À
DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Márcio Kleber Morais Pessoa



VOLUME IV





Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Reitora

Cicília Raquel Maia Leite

Vice-Reitor

Francisco Dantas de Medeiros Neto

Diretor da Editora Universitária da Uern – Eduern

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Chefe do Setor Executivo da Editora Universitária - Eduern

Jacimária Fonseca de Medeiros



Conselho Editorial das Edições UERN

Edmar Peixoto de Lima

Filipe da Silva Peixoto

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Jacimária Fonseca de Medeiros

José Elesbão de Almeida

Maria José Costa Fernandes

Maura Vanessa Silva Sobreira

Kalidia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Rosa Maria Rodrigues Lopes

Saulo Gomes Batista

Identidade

Coleção Ciência também é vida:

Alice Kelly Silva Oliveira

Ilustração faces: Priscila Kruger

Diagramação:

Alice Kelly Silva Oliveira

Ilustrações: Alice Magalhães Pessoa

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

Pessoa, Márcio Kleber Moraes.

Jéssica e Pedro: obra literária de apoio à docência na educação básica. Vol . IV [recurso eletrônico]. / Márcio Kleber Moraes Pessoa. – Mossoró, RN: Edições UERN, 2024.

125 p.

ISBN: 978-85-7621-508-0 (E-book).

Coleção: Ciência Também é Vida!

1. Educação e ensino. 2. Educação - Novas abordagens. 3. Docência - Educação básica. I. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. II. Título.

UERN/BC

CDD 370

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha esposa, Katharine, e à minha filha, Alice, que sempre me apoiaram e contribuíram para que essa obra virasse realidade. Agradeço à minha filha também por ter produzido as ilustrações para a obra.

À querida Danyelle Nilin, profissional competente e dedicada, que aceitou prontamente escrever o prefácio da obra.

À querida amiga Yandra Lôbo, assim como aos queridos amigos Manoel Neto, Joannes Forte, Thiago Ribeiro e Vinícius Limaverde.

COMUNICADO

Prezada leitora,

Prezado leitor,

Este livro se caracteriza como uma obra literária da área de Ciências Humanas. Trata-se de uma obra juvenil que aborda a trajetória de duas crianças – Jéssica e Pedro – e todos os conflitos relacionados ao dia a dia de muitas pessoas brasileiras: desigualdade de gênero, desigualdade racial, racismo, preconceito de classe social, reivindicação por moradia, cidadania, etc. Por ser uma obra juvenil, narra conflitos que são comuns ao público, além de haver manifestações menos comuns, tais como: xingamentos, violência policial, etc.

O objetivo deste texto é servir de apoio pedagógico aos docentes da área de Ciências Humanas, contribuindo com os estudantes com a cultura da leitura, além de problematizar as questões presentes no enredo. O livro se divide em 5 capítulos: Ser menino, ser menina; Eu não sou racista; Amor e ódio; O que Deus tem a ver com isso?; Adeus ou até logo. Ao final da obra, há a seção “Problematizando”, em que são discutidas questões acerca dos conflitos presentes nos capítulos. Além disso, há dicas de filmes, de documentários, de músicas, de imagens, de dados estatísticos, de livros, de peça teatral, de *podcasts* e de atividades tradicionais e diversificadas sobre os temas abordados.

Espero que sua experiência de leitura seja gratificante e que Jéssica e Pedro possam contribuir com sua visão crítica acerca de nossa realidade.

Boa leitura,

Márcio Pessoa,
Fortaleza, julho de 2020.

SUMÁRIO

Como usar este livro.....	07
Prefácio do autor.....	09
Prefácio (por Danyelle Nilin Gonçalves).....	10
Personagens.....	13
 PARTE 1.....	 15
Capítulo 1 – Ser menino, ser menina.....	16
Capítulo 2 – Eu não sou racista.....	27
Capítulo 3 – Amor e ódio.....	36
Capítulo 4 – O que Deus tem a ver com isso?.....	45
Capítulo 5 – Adeus ou até logo.....	60
 PARTE 2.....	 64
Problematizando.....	65
Problematizando: Capítulo 1 – Ser menino, ser menina.....	69
Problematizando: Capítulo 2 – Eu não sou racista.....	80
Problematizando: Capítulo 3 – Amor e ódio.....	94
Problematizando: Capítulo 4 – O que Deus tem a ver com isso ?.....	105
 Referências.....	 121
 Sobre o autor.....	 125
Sobre a ilustradora.....	125

Como usar este livro

Prezada professora,
Prezado professor,

Este livro tem o intuito de contribuir em sua atividade docente. Com ele, discentes terão acesso a situações fictícias e reais que podem servir para discussões em sala de aula. A leitura da obra literária *Jéssica e Pedro* é fácil e agradável, sendo um motivador a mais para discentes. Algumas situações vividas pelos personagens podem atrair ainda mais a atenção de discentes, visto que podem ter vivenciado ou podem conhecer alguém que tenha vivenciado situações parecidas em suas trajetórias. Dessa forma, a intenção primeira do livro é fazer o alunado ter acesso à literatura. No caso específico deste livro, tendo a literatura como suporte para discussões e problematizações no dia a dia de discentes da área de Ciências Humanas.

Jéssica e Pedro pode ser utilizado em sala de aula de várias formas. A seguir, destaco quatro sugestões:

1. Realizar a leitura e as discussões do livro em um único período letivo. Se sua escola dividir o ano letivo de bimestres ou trimestres, você pode incluir em seu plano de curso a leitura e as discussões sobre a obra em um desses períodos, fazendo a leitura de um capítulo e de uma seção *Problematizando* a cada duas semanas, por exemplo.

2. Outra possibilidade é trabalhar a obra durante todo o semestre ou o ano letivo, realizando as discussões de um capítulo no final de cada bimestre ou trimestre, por exemplo. Com o advento do Novo Ensino Médio, passou a ser comum em escolas a organização semestral, principalmente as disciplinas eletivas. Dessa forma, o final do período – momento, geralmente, muito estressante para docentes e discentes – poderia ser ressignificado, sendo um momento mais prazeroso com a leitura de uma obra literária.

3. Você pode optar por discutir os capítulos de forma totalmente independente durante todo o ensino médio, ou seja, se você aborda racismo na 1ª série, gênero na 2ª série e movimentos sociais na 3ª série, pode propor a leitura dos capítulos sobre esses temas em cada uma dessas séries. Todavia, isso fragmentará a leitura da obra literária e pode ter um efeito de frustração no alunado, logo, é importante refletir se essa divisão é benéfica.

4. Por fim, uma possibilidade também é tentar desenvolver algum projeto com docentes de outras disciplinas, como, por exemplo: Língua Portuguesa, Redação e até Matemática. Esse trabalho inter-

disciplinar, além de estar em acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pode contribuir para maior interesse do alunado e maior detalhamento da obra. Um exemplo é trabalhar dados estatísticos sobre racismo e desigualdade racial juntamente com a disciplina de Matemática, realizando com a turma um trabalho de análise de estatísticas.

Você pode pensar em outras formas de trabalhar a obra literária, podendo discutir a seção Problematizando com a turma ou não, a depender de seu interesse e dos objetivos do plano de curso.

Bom trabalho.

Márcio Pessoa,
Mossoró, março de 2024.

Prefácio do autor

Este livro conta uma história inventada... mas nem tanto. Na cidade real de Fortaleza, capital do Ceará, há uma diversidade real de histórias e de trajetórias que se cruzam diariamente. Anas, Franciscos, Pedros, Marias, Jéssicas, Robertos... Algum deles terá vivido situações parecidas com as que são contadas neste livro? É possível que sim.

Uma cidade tão grande, tão densa, tão cheia de diversidade, mas também tão desigual. Marcada por sorrisos, mas também por lágrimas que simbolizam a tristeza, a solidão e, às vezes, a perda. Alguma Jéssica terá sido vítima da violência tão comum em Fortaleza? Algum Pedro terá tido a alegria de cursar o ensino superior em uma das universidades públicas da capital cearense? É possível que sim.

Esta é uma história de possibilidades. Mais: é uma história de probabilidades. Quais as chances de você, leitor ou leitora, ter vivenciado algo parecido com o que acontece aos personagens deste livro atrevido? Sim, atrevido, mas também de “pés no chão”, pois, sem perceber como, todos vamos acomodando nossas trajetórias à história do local onde vivemos. Do Bom Jardim à Aldeota, da Messejana à Barra do Ceará, os cruzamentos de Fortaleza deixam um rastro nas vidas das pessoas. Sabendo disso, é importante frisar: Pedro e Jéssica são personagens inventados... mas, nem tanto.

Prefácio

Foi com muita felicidade que recebi o convite para prefaciar o livro de Márcio Kleber Moraes Pessoa, colega de profissão, a quem acompanho o trabalho há vários anos. Com sua sensibilidade, conquistada em anos de educação básica, o autor nos presenteia com “Jéssica e Pedro”, uma obra literária, que se propõe a ser um instrumento de apoio pedagógico na educação básica, sobretudo para a área de Ciências Humanas e suas Tecnologias. Não é comum termos obras literárias que sirvam a esse propósito e, também por isso, devemos saudar essa iniciativa.

Dividido em cinco capítulos, ao longo de cerca de 50 páginas, denominados “Ser menino, ser menina”, “Eu não sou racista”, “Amor e ódio”, “O que Deus tem a ver com isso?” e “Adeus ou até logo”, a obra aborda – de forma sensível e provocativa – questões fulcrais da sociedade contemporânea, como desigualdade de gênero, racismo, preconceito de classe social, reivindicação por moradia e cidadania. Ademais, o autor sugere diversas possibilidades de uso em sala de aula.

A narrativa fictícia, ambientada em Fortaleza, capital do Ceará, serve como ponto de partida para discussões em sala de aula, estimulando a reflexão crítica dos leitores sobre os temas elencados acima. Além de ser uma obra juvenil, narra conflitos que são comuns ao público em geral, permitindo que muita gente se reconheça nas histórias e diálogos apresentados.

Há ainda a seção Problematicando na segunda parte do livro, no qual o autor reflete sobre as questões discutidas em cada capítulo e que tem como objetivo aprofundar a compreensão dos temas abordados na obra literária, incentivando o desenvolvimento da “imaginação sociológica” pelos leitores. A partir do diálogo com autores especializados, os discentes são convidados a refletir sobre as questões sociais presentes no texto, ampliando sua visão de mundo e promovendo a consciência crítica. Com dicas de leituras complementares, películas, documentários, músicas e atividades diversificadas, a obra “Jéssica e Pedro” se destaca como uma ferramenta pedagógica versátil, capaz de instigar o interesse dos alunos e enriquecer o debate em sala de aula, ainda mais num contexto de Reforma do Ensino Médio.

Porém, importa salientar que a leitura de “Jéssica e Pedro” não se propõe a ser somente para fruição. Ela deve propiciar a reflexão e, por conseguinte, levar à ação em prol de uma sociedade mais igualitária. Que as histórias desses jovens personagens, tão cotidianas na realidade brasileira, inspirem em cada discente e leitor a busca por um mundo mais consciente, empático e solidário.

E ao autor, que ele continue nos inspirando com seu espírito arguto e crítico e nos brindando com novas obras. Urgentes e necessárias!

Danyelle Nilin Gonçalves,
Fortaleza, março de 2024.



Jessica

&

Pedro

Autor:
Márcio Kleber
Morais Peres

Ilustradora:
Cilice Magalhães
Peres

Personagens

Jéssica e Pedro são grandes amigos. Eles estudam juntos na Escola Arco-íris, que fica no mesmo bairro onde moram: Montese. Arco-íris é uma pequena escola particular. A mãe de Jéssica, dona Mariana, é professora na escola e ensina a ambos, os quais são da mesma turma. Já o pai de Pedro, seu Arnaldo, é porteiro na escola. Aliás, esse é o motivo para Pedro estudar ali – já que sua família não teria condições de pagar a mensalidade daquela escola –, se beneficiando da gratuidade devido ao fato de seu pai trabalhar na escola, fruto de um acordo entre o Sindicato dos Porteiros e o Sindicato de Escolas Privadas. Seu Arnaldo não entende dessas coisas de sindicato muito bem, mas vê com bons olhos o benefício para o seu filho.

Para seu Arnaldo e dona Luana, pai e mãe de Pedro, a oportunidade de ter o filho estudando em uma escola particular é muito importante, algo que eles mantêm com muito sacrifício, pois acreditam que a escola pública não daria melhores condições para seu filho. Isso, entretanto, traz alguns problemas para o garoto, já que ele é o único aluno negro da escola, o que lhe rende apelidos e brincadeiras de mau gosto por parte de alguns alunos, o que nos dias de hoje se chama de *bullying*, mas que no Ceará todos conheciam como “arenga”. É apenas o segundo ano de Pedro na escola Arco-íris, pois antes disso seu pai era porteiro de prédio.

Já Jéssica estuda ali desde sempre. Sua mãe trabalha na escola e seu pai é contador de uma empresa de transportes. A menina mora em um condomínio com vários apartamentos. O muro é alto e o acesso é restrito. O número de condomínios no bairro cresce. O próximo a ser construído será ao lado de onde ela mora, onde hoje fica a carente Vila Santo Expedito, que será desapropriada. É lá onde mora Pedro. Todos os moradores da vila, cerca de cem pessoas, serão expulsos porque a Construtora *Efficiency* ganhou na justiça a posse do terreno. Na entrada da Vila Santo Expedito, vai ser fixada uma enorme e brilhante placa com os seguintes dizeres: “Aqui em breve terá mais um condomínio de luxo: *Paz Residence*. Adquira o seu apartamento. Entre em contato com a *Efficiency* Soluções Imobiliárias e fique tranquilo”.

Em breve, a vida de Pedro não vai ser fácil. Morou toda a sua vida ali. Seus pais moram lá há quase 20 anos. Começou com uma ocupação com poucos barracos. Atualmente, são umas 20 casas de alvenaria. Algumas até são rebocadas. A família de Pedro ainda não sabe o que vai fazer, onde vai morar. Conseguiram construir aquela casinha com muito esforço, mas atualmente não é nada fácil conseguir um novo terreno para construir. Provavelmente, terão de pagar aluguel. Com o que ganham, terão que se mudar para regiões onde o

aluguel não seja tão caro, talvez em algum município vizinho a Fortaleza. Ouviram dizer que a cidade de Maracanaú possui aluguéis com preços razoáveis. Contudo, atualmente, seu Arnaldo e Pedro vão a pé para a escola. Morando longe terão que ir de bicicleta ou, o que pode ser pior, pagar por transporte coletivo, uma despesa a mais para um orçamento já curto.

Seu Arnaldo vive chateado com a atitude da construtora, mas, em seu entender, se a justiça decidiu, é porque é o certo. Ele não entende bem como a construtora pode ser dona daquele terreno que, no passado, era um brejo, um pântano. Ele lembra bem que várias construtoras começaram a cercar terrenos naquele brejo, após os moradores da Vila construírem suas casas. Anos depois, os prédios foram sendo levantados. Quando já não havia mais espaço para novos condomínios, os moradores da vila foram surpreendidos com a ação na justiça.

Apesar disso, a vida de Pedro é cheia de agitação e de animação. Até porque o garoto é craque no futebol e adora jogar na pracinha da Amizade, que fica em frente à vila onde mora. A pracinha não é reformada há muitos anos, mas o campinho de areia é perfeito para Pedro mostrar suas habilidades. Ele ouviu dizer que alguns moradores de condomínios vizinhos estão se organizando para reformar a praça por conta própria, o que estão chamando de “adotar a praça”. Ele adorou a ideia! Mas achou estranho o fato de esses moradores estarem querendo restringir a entrada de pessoas na praça devido à insegurança. Pedro nunca percebeu nenhum episódio de violência ali. Mas sempre estranhou o fato de que a maioria dos garotos e das garotas de sua idade que moram nos condomínios ao redor não frequentarem a praça. “Bem, certamente têm medo de desafiar Pedro, o craque do campinho”, pensa. Será que o campinho reformado terá grama? Ele nunca jogou em um campo com grama. Seria um sonho!

A stylized, minimalist line-art illustration of a woman's face in profile, facing left. The drawing is composed of thick, light pink lines on a solid pink background. The features are simplified, with the eye, nose, and lips clearly defined by the outlines. The hair is also indicated by a few simple strokes.

PARTE 1

CAPÍTULO 1

Ser menino, ser menina

Hora do recreio! É a melhor hora do dia para os amigos Pedro e Jéssica, ainda mais depois da aula de Matemática do professor Alfredo.

- Ninguém merece o professor Alfredo, diz Jéssica.

- Eu gosto da aula dele. Você não gosta é de Matemática, responde Pedro rindo.

- É, talvez você tenha razão, cai na gargalhada Jéssica. Eu vou à cantina comprar um lanche. Você vem?

- Não, eu trouxe meu lanche de casa. Te espero no banco de sempre.

Os amigos gostariam de passar mais tempo juntos, mas é muito difícil: a sala de aula tem lugar marcado por ordem alfabética, o que os deixa a duas filas de distância um do outro. Em casa, apesar de serem vizinhos, quase nunca se encontram na rua porque os pais de Jéssica dificilmente a deixam sair sozinha e a mãe de Pedro não gosta que seu filho vá para a casa da amiga: “Esse pessoal chique não gosta de receber visita”, justifica ela. Assim, sobra pouco tempo para estarem juntos: além do recreio, se encontram na igreja do bairro frequentada pelas famílias de ambos.



Jéssica encontra com Pedro no banco em frente à secretaria da escola.

Depois de quase 10 minutos, Jéssica encontra com Pedro no banco em frente à secretaria da escola, onde sempre ficam. Pedro sempre leva o lanche de casa porque não tem condições de comprar todos os dias. Ele sente vergonha de não poder comprar o lanche sempre, mas justifica para a sua amiga dizendo que a comida da cantina é “só porcaria que faz mal à saúde”. Ele sabe que todos sabem que ele é pobre e não tem dinheiro para isso. Pedro vai sendo deixado de lado na escola por vários motivos: por ser pobre, por ser negro, por só ter uma amiga, uma garota, o que lhe rende brincadeiras dos colegas, principalmente de Raul e sua turma, o aluno mais bagunceiro da sua turma.

- As amigas estão merendando juntinhas, grita Raul ao passar por eles. Toda a sua turma ri e tira sarro de Pedro e de Jéssica.

- Esse Raul só fala besteira, diz Jéssica.

- Eu não ligo mais pra ele, fala Pedro. Ele diz isso porque sabe que somos os melhores alunos da turma.

- Isso mesmo, não liga pra ele, Pedro.

A amiga tenta animar, mas Pedro sente na pele o tratamento dos colegas. Não só por ter Jéssica como única amiga na escola, mas também por sua cor. Quanto mais o tempo passa, mais ele percebe que o tratamento diferente vem de todos os lados, não só das crianças.

- Você viu o resultado da monitoria de Matemática?, pergunta Pedro.

- Vi, sim. Não entendi porque escolheram a Amanda. Você tem notas melhores do que as dela.

- A coordenadora Vânia disse que ela se saiu melhor na entrevista, responde Pedro.

- Não fica triste, Pedro, vai ter seleção pra monitor de Ciências também. Você tem as melhores notas em Ciências da turma!

- É, você tem razão, acho que vai dar certo.

No ano anterior, Pedro também tinha as melhores notas em Matemática e em Ciências, mas também não foi selecionado para ser monitor. Sempre sua nota baixava na fase da entrevista. As notas dos concorrentes sempre aumentavam nessa fase. Apesar de sempre ser tranquilo e seguro em momentos como esses e de sempre se sair bem em apresentações orais diante da turma, ele estava começando a crer que isso tinha relação com algum tipo de nervosismo que lhe atingia no momento da seleção. O que mais poderia explicar suas notas baixas nas seleções?

Na tentativa de animar o amigo e fazer Pedro se distrair da tristeza de ter perdido uma oportunidade mais uma vez, Jéssica propõe:

- Que tal brincarmos hoje à noite? Você poderia ir lá em casa.

- Não sei, tenho que estudar pra seleção de monitoria de Ciências, responde Pedro sem querer dizer para a amiga que sua mãe o proibiu de frequentar a casa dela. E também, vou jogar de bola na pracinha. Por que você não aparece na pracinha hoje à noite?

- Meus pais não deixam, sempre dizem que a pracinha não é local pra uma menina como eu e de uns tempos pra cá estão dizendo que tem muita violência lá.

- Não tem violência lá. Eu brinco lá todo dia e nunca vi nada disso.

- Eu disse a eles isso. Eu estou sabendo que os moradores vão reformar a pracinha e vão barrar as pessoas violentas. Espero que façam logo isso pra eu poder descer e brincar com você lá.

- Mas, quem eles vão barrar? Será que de madrugada vão pessoas fazer coisa errada lá? Só se for isso. Mas por que então eles não deixam você ir mais cedo?

Não houve tempo para a resposta. O sinal do fim do recreio tocou e os amigos voltaram para a sala de aula. Após a aula, Jéssica voltava para casa com sua mãe, de carro, e Pedro, a pé, com seu pai, que ia almoçar.

À tarde, Jéssica dormia um pouco e, depois, aproveitava para fazer as tarefas da escola. Já Pedro tinha que ajudar a cuidar de seu irmão menor, Paulinho, de só dois anos de idade. Assim, ele não tinha muito tempo para descansar e tinha que aproveitar bem as sonecas de seu irmãozinho para fazer as tarefas da escola.

Jéssica era tratada como uma princesa em casa. Seu quarto cor de rosa tinha várias bonecas, casinhas, animais de pelúcia, etc. À noite, enquanto sua mãe cozinhava e seu pai assistia ao jornal, ela ficava no quarto brincando. Mas o que ela queria mesmo era brincar na pracinha com Pedro. Do seu quarto, no terceiro andar do prédio, dá para ver o campinho onde as crianças jogam.

- Será que Pedro está lá agora jogando?, pensou.

- Filha, a janta tá na mesa, chama a mãe.

- Mãe, depois da janta, vamos na pracinha passear um pouco?, pergunta Jéssica, durante a janta.

- Quem sabe, se você comer tudinho...

- Nada de praça, interrompe seu Roberto. Ali não é lugar pra uma princesinha como você.

- Mas, pai, o Pedro brinca lá todo dia e eu gostaria de brincar também.

- Minha filha, o Pedro já é acostumado em brincar na praça, já tem contato com as pessoas que andam lá. Nós não seríamos bem-vindos.

- Mãe, diz algo, você sabe que lá é tranquilo.

- Meu amorzinho, se o papai diz que não, então é não.

- Não se preocupe, minha filha, eu e alguns vizinhos estamos organizando uma associação dos moradores e iremos reformar a pracinha, diz o pai. Vamos barrar todo tipo de mau elemento. Aí, sim, a pracinha vai ser um espaço de convivência bom pra gente, você vai ver.

Enquanto isso, Pedro via sua mãe trabalhando muito na co-

zinha, enquanto seu pai cochilava com a TV ligada. Decidiu então ajudar a mãe e, sem pedir autorização, foi lavar as louças do jantar.

- O que você tá fazendo, meu filho?

- Vou te ajudar, mãe. Você trabalha muito na cozinha.

- Largue já isso, Pedro! Cozinha não é lugar de menino, deixe isso aí.

- Mãe, a senhora tá trabalhando muito, eu quero ajudar.

- Eu já disse: saia. Vá brincar de bola, não me aperreie.

Pedro não entendia por qual motivo sua mãe nunca aceitava sua ajuda. Ele sempre considerou o trabalho doméstico realizado por ela como algo desgastante, principalmente, porque nunca havia folga, sempre havia algo sujo ou por fazer. Além disso, ela não tinha a ajuda de mais ninguém em casa.

Alguns minutos depois, Pedro estava se preparando para ir ao campinho. Ele era o melhor jogador do bairro e seu maior sonho era ser jogador de futebol. Viviam pedindo ao seu pai para participar de alguma “peneira” em algum clube profissional de futebol. Mas seu Arnaldo sempre dizia que a prioridade dele deveria ser os estudos.

- Você já vai jogar de bola?, pergunta seu Arnaldo.

- Vou, sim. Hoje tem campeonato. Pai, quando eu vou poder fazer a “peneira”?

- Meu filho, você se ilude e perde muito tempo com essa bobagem. Você tem que estudar muito pra ser alguém na vida.

- Mas eu já estudo muito e tiro boas notas na escola.

- Então por que você não passou na monitoria?

- Bem, é que eu acho que fiquei nervoso na hora da entrevista.

- Então você tem que se esforçar mais, porque só assim você vai vencer na vida. Sua mãe e eu nos esforçamos muito pra dar a você uma boa educação pra você poder ter uma vida melhor do que a nossa.

Pedro foi ao campinho naquela noite, mas não fez uma boa partida. As palavras de seu pai ficaram martelando em sua cabeça. Ele era o melhor aluno da sala, mas nunca conseguiu uma monitoria, o que lhe garantiria uma bolsa de estudos para ajudar em casa. Não era muita coisa, mas ajudaria nas despesas com material escolar e talvez ele até pudesse comprar um tênis novo.

- Pô, Pedro, você hoje tava matando o time. Não adianta nada eu defender todas as bolas lá atrás e você não fazer os gols, disse Jorge, vizinho de Pedro.

- É, hoje eu não estava inspirado, respondeu Pedro cabisbaixo.

Naquele dia, Pedro voltou para casa, tomou banho e, em vez de dormir, foi estudar. Seus pais pareciam estar decepcionados com o desempenho dele na escola. Na manhã seguinte, mais um dia de aula. Sempre ao sair ou ao entrar na Vila Santo Expedito tinham que passar pela placa da construtora, a placa que anunciava o fim da vila.

- A gente já começa o dia vendo essa placa, já começa o dia com chateação, disse seu Arnaldo, saindo de casa com o filho para ir à escola.

- Pai, a gente vai ter que se mudar mesmo, vão nos expulsar?

- Meu filho, eu ainda não sei o que vão fazer, mas a justiça disse que esse terreno é da construtora, nos declararam como invasores. Espero que a prefeitura, os governantes, sei lá quem, intercedam a nosso favor. Muita gente da vila não tem pra onde ir.

- Mas a mamãe disse que esse terreno era um brejo, que não tinha dono, quando vocês chegaram aqui. Ela disse que a construtora tá querendo nos expulsar só pra ganhar dinheiro com esse terreno.

- Pedro, se o juiz disse que estamos errados, então alguma coisa nós fizemos errada. O juiz é homem de estudo e sabe dessas coisas de lei. Você acha que ele ia decidir isso sem ter certeza?

Pedro não conseguia entender o mundo dos adultos. Sua mãe dizia uma coisa, seu pai dizia outra. Quem estava certo? E o pior: os dois pareciam ter alguma razão em suas falas. Para ele isso era tudo muito complicado.

Na escola, naquela mesma manhã, Pedro e Jéssica decidiram que iriam brincar juntos à noite.

- Pedro, fala com seu pai, diz que minha mãe te convidou pra ir brincar lá em casa.

- Meu pai deixa. O problema é minha mãe.

- Por isso que você vai falar com seu pai, ora. Aí você vai lá pra a minha casa e passamos a noite brincando.

- Tá certo! Eu vou tentar.

- Pedro, deixa de ser negativo! Vai dar tudo certo!

À noite, Pedro esperou um momento em que sua mãe saiu de casa e foi falar com seu pai. Ele tinha que ser rápido e seguro para não levantar suspeitas, por isso, treinou o que ia dizer dezenas de vezes.

- Pai, a professora Mariana me convidou pra ir na casa dela brincar com a Jéssica. Eu já fiz minhas atividades, tomei banho e jantei. Posso ir?

Seu Arnaldo, sonolento e tentando se manter acordado para terminar de assistir ao jornal, respondeu quase automaticamente: “Vá,

meu filho, mas volte logo”.

Pedro saiu de mansinho. Quando chegou à rua, correu até a portaria do prédio da amiga. Jéssica, que elaborara todo o plano, estava ao lado do interfone, pronta para autorizar a entrada do amigo. Quando Pedro chegou ao apartamento, foi recebido por dona Mariana.

- Boa noite, Pedro. Tudo bem? Que bom que seus pais deixaram você vir brincar hoje aqui. Estávamos com saudade.

- Oi, professora. Tudo bem?

- Pedro, aqui eu não sou professora. Pode me chamar só de Mariana.

- Desculpa, professora. Digo, dona Mariana.

- Querido, olha quem veio nos visitar...

- Quem?, perguntou seu Roberto.

- O Pedro, colega da Jéssica.

- Ah!Boa noite, Pedro, respondeu sem dar importância.

- Boa noite, seu Roberto.

Jéssica, muito feliz, levou o amigo até o seu quarto para brincarem. Fazia alguns meses que Pedro não ia à casa da amiga. Como se fosse a primeira vez, ele fica maravilhado com aquele quarto tão bonito e cheio de brinquedos. Ele nunca conheceu alguém com tantos brinquedos como a Jéssica. Além disso, a cor e a luz do quarto eram vibrantes, chegavam a ofuscar a visão. Bem diferente da parede branca e mal iluminada do quarto dele e do Paulinho. Aquilo era como um paraíso.

- Nossa, Jéssica, você tem muitos brinquedos. Você consegue brincar com todos eles?

- Acho que sim, responde Jéssica, distraída.

- Eu acho que deve levar um ano inteiro pra conseguir brincar com tudo isso.

- Você não tem muitos brinquedos, Pedro?

- Eu tenho alguns, mas não tantos como você. E o que eu mais gosto é a minha bola de meia. Minha mãe falta enlouquecer quando eu brinco de futebol usando as cadeiras como gol.

Ambos caem na gargalhada.

- Vamos brincar de quê?, pergunta Pedro.

- Podemos brincar de boneca.

- Eu não quero brincar de boneca, isso é coisa de menina, reclama Pedro.

- Eu só tenho bonecas. Do que vamos brincar, então?

- Você jogaria de bola comigo? Claro que não!

- Eu jogaria, sim. Eu adoraria ir no campinho jogar com você. Só vocês meninos que podem sair na rua e brincar sem se preocupar com nada.

- Eu duvido que você jogue de bola. Você nunca nem chutou uma bola, aposto.

- Mas eu aprenderia. Qual o problema?

- Jéssica, a minha mãe sempre diz que existem brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas. Não dá pra misturar.

- Pois, eu não concordo com ela. Você chegou aqui todo animado porque viu meus brinquedos, mas de repente mudou de opinião e agora não quer mais brincar. Por que não brincamos de ser cozinheiros? Poderíamos fazer comidas de faz de conta um pro outro.

- Mas esse negócio de cozinhar também é coisa de menina.

- Como é que é? Você tá ficando lelé, Pedro? Quem te disse isso?

- Ora, só minha mãe cozinha lá em casa. Onde tá sua mãe agora? Na cozinha. Isso enquanto seu pai fica assistindo TV, que nem meu pai faz.

Jéssica ficou pensando por um tempo. Realmente era difícil pensar em homens cozinhando. Na sua família, por exemplo, ela nunca tinha visto nenhum. Finalmente teve uma ideia:

- Mas, se um homem mora só, ele vai morrer de fome porque não pode cozinhar? Ou ele vai aprender a cozinhar? Eu acho que ele vai aprender. Sua mãe cozinha porque não tem um emprego, como o seu pai. Cozinhar é a contribuição dela.

- Mas sua mãe trabalha e mesmo assim tá na cozinha agora, enquanto seu pai assiste TV.

A discussão entre os amigos estava começando a “esquentar”, quando o interfone tocou.

- Pois não?, fala dona Mariana ao interfone. A mãe do Pedro? Pode pedir pra ela subir.

Os amigos se olham desconfiados. Pedro já entendeu que sua mãe está vindo buscá-lo e que devia estar muito brava com ele.

- Pedro, sua mãe tá subindo, acho que quer falar com você, diz Mariana.

- Obrigado, dona Mariana, responde Pedro, se voltando depois para a amiga: Jéssica, acho que já tenho que ir. Minha mãe deve estar zangada porque vim aqui.

- Que pena, Pedro. Não se preocupa, eu vou falar com ela.

A campainha do apartamento toca. Mariana abre a porta.

- Boa noite, Luana.

- Boa noite, dona Mariana. O Pedro tá aqui?

- Tá, sim.

- Dona Mariana, a senhora desculpa o que vou falar, mas acho que não é bom Pedro e Jéssica brincarem juntos.

- A senhora acha? Eu sempre gostei da amizade dos dois. O Pedro é tão bonzinho. E com essa violência da rua acho melhor que eles brinquem dentro de casa mesmo.

- Eu também gosto muito da Jéssica, mas o problema é outro: esse negócio de menino e menina brincando juntos não dá certo.

- Ah, disso você tem razão. Pode ser prejudicial pro desenvolvimento deles, não é? Eu recebi um vídeo pelo celular que dizia isso.

Nesse momento, Pedro, cabisbaixo, se aproxima da mãe.

- Oi, mãe.

- Meu filho, a dona Mariana e eu discutimos aqui e achamos que você não deve mais brincar sozinho com a Jéssica.

- Mas mãe...

- Nada de “mas”... Eu estou falando e você tem que obedecer. E vamos já pra casa.

Pedro ficou muito triste com aquela situação. Dona Luana foi da casa de Jéssica até à sua brigando com o garoto, dizendo que ele estava proibido de frequentar a casa da amiga.

- Você vai ficar por aí brincando de boneca, meu filho? Isso não é coisa de menino. Você tem que ir jogar de bola na pracinha, como sempre faz.

Pedro sempre ouviu sua mãe e outras pessoas dizendo isso, mas ele pensava: “se não posso brincar com os brinquedos da Jéssica e a Jéssica não pode brincar de bola comigo, então isso significa que não posso ser amigo dela? Mas nós somos grandes amigos. Minha única amiga na escola”. No dia seguinte, na escola Arco-íris, os amigos estavam tristes, pensando na situação do dia anterior.

- E agora, o que vamos fazer?, questiona Pedro.

- Que tal conversarmos com o professor Andrade? Ele pode nos dar uma dica.

- Boa ideia, vamos.

Andrade era o professor mais querido da escola. Todas as crianças gostavam dele. Nesse dia, Jéssica e Pedro aproveitaram o

pouco movimento na sala dos professores e entraram nos últimos minutos do intervalo.

- Professor, podemos conversar com você? Temos um problema.

- Mas é claro, digam.

Após ouvir toda a história, Andrade tentou explicar aos garotos o que pensava de tudo.

- Olha, essa é uma situação bem complicada. As mães e os pais de vocês foram criados de um jeito e acham que essa é a maneira correta de criar vocês também. Mas os tempos mudaram, o que é difícil pra eles aceitarem. Muitas pessoas lembram do seu passado e pensam que aquele tempo é que era o tempo bom, o tempo correto. Mas antes delas, os pais, os avós e os bisavós delas pensavam a mesma coisa. O tempo é muito traiçoeiro nesse sentido.

- Faz sentido, professor, disse Pedro, que estava atento.

- As pessoas hoje pensam que o contato entre crianças de sexos diferentes pode fazer com que o desenvolvimento de cada uma delas seja negativo, continua Andrade. Mas, ironicamente, a sociedade hoje nos cobra posturas diferentes das que cobrava no passado, por exemplo: nos dias de hoje, as mulheres devem trabalhar fora de casa pra garantir o sustento da família. Antigamente, isso não existia, era cobrado da mulher o contrário: que não saísse do lar, de perto da família.

- É isso mesmo. Eu quero ter um emprego e trabalhar fora de casa, quando for adulta, diz Jéssica.

- E é esse seu desejo de trabalhar fora de casa, somado com a cobrança da sociedade de que as mulheres devem trabalhar fora pra melhorar a economia do país, que está fazendo com que um número cada vez maior de mulheres precise se empregar, mudando os costumes dessa sociedade que seus pais sentem falta, mas que já não existe. Mas não é só isso que eu disse que cobra que a mulher trabalhe fora, pois sabemos que o uso da mão-de-obra feminina está relacionado com o pagamento de salários mais baixos para as mulheres. Não se esqueçam disso.

- Isso é um verdadeiro absurdo, professor, diz Pedro, enquanto Jéssica concorda balançando a cabeça.

- Eu concordo com você, Pedro. Deveria haver igualdade entre homens e mulheres, mas nossa sociedade está longe disso. Mas veja que irônica a consequência disso tudo: como as mulheres estão mais no mercado de trabalho, é comum que mulheres sejam a chefe da família, a pessoa que paga as contas, etc. Isso faz cada vez mais com

que homens assumam o papel que antigamente era da mulher: cuidar da casa e dos filhos. Logo, essas brincadeiras que hoje seus pais classificam como sendo “de menina”, na verdade, estão cada vez mais fazendo parte da vida dos homens. Com um detalhe: como nós homens não fomos treinados para isso na infância, temos muita dificuldade com essas tarefas. A infância é uma preparação para a vida adulta. Por isso é importante que a gente aprenda de tudo um pouco, quando crianças, para termos facilidade de fazer de tudo, quando adultos.

- Professor, achei muito legal tudo isso que você falou, mas como fazemos pra que nossos pais entendam isso?, pergunta Jéssica.

- Antes de qualquer coisa, vocês são crianças e devem obedecer às mães e aos pais de vocês. Essa fase da infância pode ser angustiante porque vocês praticamente não têm autonomia, eu lembro bem da minha infância. Mas a vida é assim: vocês vão crescer e cada vez mais vão ganhar autonomia. Na adolescência, vocês já vão ter maior liberdade do que têm hoje. Eu sei que é complicado ouvir isso, mas a dica que eu dou é: conversem com as mães e os pais de vocês. Desrespeitar as orientações deles é a pior coisa que vocês podem fazer. Tentem convencê-los do ponto de vista de vocês. Nada garante que conseguirão, mas não custa tentar.

Não havia tempo para mais nada, o sinal do recreio tocou e eles deveriam voltar para a sala de aula.

Sempre que podiam, Jéssica e Pedro tentavam conversar com seus pais. Em alguns momentos, percebiam avanços. Em outros, nem tanto. Apesar disso, eles pareciam entender cada dia mais que a vida é mais complicada e diversificada do que imaginavam. O que lhes confortava, em algumas ocasiões, é que, mesmo sendo crianças, já pareciam compreender isso mais do que alguns adultos.

CAPÍTULO 2

Eu não sou racista

A coordenadora Vânia entra na sala. Como sempre, rapidamente, todos os alunos se ajeitam nas cadeiras e ficam em silêncio.

- Bom dia! Com licença, professora Mariana, mas preciso dar um aviso rápido. Como todos sabem, daqui a algumas semanas comemoraremos a Abolição da Escravatura no Brasil. Assim como nos últimos anos, realizaremos uma peça teatral que será apresentada a todos os alunos e aos pais, no dia 13 de maio. Vou passar esta lista e quero que quem tenha interesse em participar da peça preencha com seu nome e sua turma. Obrigada.



Vou passar esta lista e quero que quem tenha interesse em participar da peça preencha com seu nome e sua turma.

Jéssica olhou desconfiada para Pedro, que estava de cabeça baixa e parecia não querer encarar a coordenadora. Ela lembra bem como tudo ocorreu no ano anterior. No recreio, eles conversaram.

- Pedro, mas veja bem, talvez este ano seja diferente do ano passado.

- Não adianta, Jéssica, eu não vou participar. Aquela foi a maior vergonha que eu já passei na minha vida.

- Por que você não conversa com a Vânia? Se você explicar direitinho, talvez ela entenda.

Por coincidência, a coordenadora Vânia estava se aproximando das crianças e ouviu seu nome sendo citado.

- O que tem eu, garotos?

- O-oi. Bom dia, coordenadora Vânia.

- Bom dia, Jéssica. Você falou meu nome?

- N-Não. Quer dizer, sim. É que estávamos conversando sobre a peça do dia 13 de maio.

- Ah, que bom que vocês estão empolgados também. Pedro, este ano nossa peça vai ser muito melhor do que a do ano passado, que já foi um enorme sucesso. O primeiro ensaio já será amanhã. Jéssica, você deveria participar também. Tchauzinho, crianças!

Jéssica ficou paralisada com a fala da coordenadora, nem conseguia olhar para Pedro. A coordenadora sequer perguntou se Pedro gostaria de participar. Como o único aluno negro da escola, sua participação era obrigatória, no pensamento de Vânia.

- Você viu isso? O que posso fazer? A coordenadora já decidiu por mim.

- Calma, Pedro, vamos dar um jeito. Você participa, mas as coisas não precisam ser como no ano passado.

- Você acha mesmo que vão ser diferentes, Jéssica? Eu vou passar vergonha de novo e todos os alunos vão tirar sarro de mim por várias semanas. Foi depois daquela peça que o Raul começou a me amolar.

No final do recreio, no caminho para a sala de aula, os amigos passam por Raul e sua turma.

- E aí, Tição, pronto pra ser libertado este ano de novo?

- Raul, você é um chato mesmo, não é?, falou Jéssica.

- Não liga pra ele, Jéssica. Vamos pra sala, falou Pedro sem sequer levantar a cabeça.

Pedro estava preocupado e triste com a possível participação

na peça teatral. No ano anterior, ele inicialmente ficou feliz em participar da peça, mas, depois, percebeu que as coisas não seriam como ele imaginava. Ainda por cima, teve que aguentar Raul interpretando um Senhor de Engenho e o chicoteando em uma das cenas. As chicotadas deveriam ser falsas, mas Raul acabou incorporando o personagem e batendo com força em Pedro. Apesar disso, os pais presentes adoraram o momento, pois foi a primeira vez que um aluno negro participava da peça, dando maior “veracidade” à encenação, como lhe disse um dos pais que foi parabenizá-lo. Depois daquele dia, vários alunos passaram a tirar sarro de Pedro, incluindo Raul, que o escolheu como alvo das chacotas.

- Ei, Pedro, é brincadeira, você sabe, respondeu Raul.

- Eu não sei de nada, Raul. Você sempre faz essas brincadeiras sem graça. Isso é racismo, falou Pedro.

- Deixa disso, Pedro, tá todo mundo rindo. Nós somos todos amigos, somos todos iguais. Eu não sou racista. Agora, você não aguenta uma brincadeirinha.

- Raul, tá bom, só deixa a gente ir pra sala. Tchau, despediu-se Pedro rispidamente.

Pedro percebia sempre o mesmo tipo de atitude de quem fazia esse tipo de “brincadeira” com ele: a pessoa falava algo que ele achava ser racismo, mas depois recuava e dizia ser apenas uma brincadeira inofensiva.

- Sempre é a mesma coisa, Jéssica. Sempre ele vem com esse papo de brincadeirinha, falou Pedro mexendo os dedos indicadores e médios de ambas as mãos para cima e para baixo. Não só ele, mas todos que falam essas coisas comigo aqui na escola. Ninguém é racista nesta escola, dizem, mas muitos falam essas coisas comigo.

- Pedro, será mesmo que não foi só brincadeira?

- Brincadeira ou não, o estrago tá feito, todo mundo ri e me olha de um jeito diferente. Você não entende, porque nunca passou por isso.

- Pedro, eu te entendo, sim.

- Você me entende, Jéssica, mas não entende o que eu passo, o que é ser alvo dessas brincadeiras, dia após dia.

Naquele dia, Pedro ficou o resto da aula cabisbaixo e desatento. Jéssica também não ouvia o professor, apenas olhava para Pedro e pensava na conversa que tiveram.

Enquanto isso, a peça teatral também era assunto entre os profissionais da escola. Na sala dos professores, alguns docentes conversavam sobre o evento.

- Queridos professores, precisamos da ajuda de todos vocês para a realização da peça de 13 de maio, disse a coordenadora Vânia.

- Ótimo, Vânia, mas vai ser aquele mesmo absurdo do ano passado?, questionou professor Andrade.

- Ora, professor, a peça do ano passado foi a mais elogiada de todos os tempos, foi um sucesso.

- Pode ter sido, mas eu sou contra uma peça sobre a abolição da escravidão em que os protagonistas são brancos. A princesa Isabel foi a principal personagem. Eu achava que era uma pegadinha.

- Mas foi ela quem assinou a Lei Áurea, Andrade, interrompeu o professor Maurício.

- Maurício, e por que ela fez isso? Uma senhora de um enorme coração, preocupada com o bem-estar dos negros? Por favor, Maurício, não me venha com abobrinhas.

- Professores, eu não estou aqui para discutir o roteiro da peça, que já está definido pela equipe da coordenação, disse Vânia usando um tom mais sério. Eu só estou aqui para lhes informar que precisaremos que todos contribuam.

No dia seguinte, os ensaios para a peça tiveram início. A coordenadora foi à sala de aula e convocou todos os alunos que colocaram seus nomes na lista, além de Pedro. Como o aluno já previa, o roteiro da peça era praticamente idêntico ao do ano anterior, com a diferença de que ele teria mais cenas.

- Jéssica, eu te disse: eu vou fazer o mesmo papel, vou ser zoadado novamente. Eu não gostaria de participar, mas a coordenadora Vânia sequer me deixa falar qualquer coisa.

- Nossa, Pedro, que chato. E se eu tentar falar com ela?

- Você faria isso?

- Claro que sim. Deixa comigo, vou agora mesmo na sala dela.

A amiga foi muito empolgada à sala da coordenadora Vânia. Tinha certeza de que conseguiria ajudar o amigo.

- Bom dia, coordenadora Vânia.

- Bom dia, meu anjinho, pode entrar. O que você deseja?

- Eu gostaria de conversar com a senhora sobre a peça de 13 de maio.

- Ah, que bom que você tá adorando a peça, assim como eu. Este ano faremos mais sucesso do que no ano passado. Vamos até gravar e colocar as imagens na internet pra divulgar a parte cultural da escola. Estamos antenados com o século XXI.

- Ótimo, mas é que eu queria falar sobre o papel do Pedro.

- Sim, é um ótimo papel, não é? Pedro é um dos principais responsáveis pelo sucesso da peça, todos querem ver a ótima atuação dele, uma atuação emocionante e muito realista. Agora, meu amor, vá pra sala de aula porque já vai acabar o recreio e eu estou muito ocupada...

- Mas é que...

- E não se esqueça de convidar seu pai pra peça. Tchauzinho.

O plano de Jéssica passou longe de funcionar. Parece que não iria conseguir ajudar o amigo.

- E aí, como foi?

- Ela sequer me deixou abrir a boca.

- Eu sabia, ela é desse jeito. Não tem saída, vou ter que atuar de qualquer forma.

Jéssica, mais uma vez, estava triste pelo amigo. Ela passou o dia pensando em algo para evitar que Pedro passasse pelo mesmo que passou no ano anterior. Em casa, durante o jantar, Pedro falou com seus pais.

- Pai, mãe, a coordenadora Vânia quer eu participe da peça de 13 de maio.

- Ótimo, meu filho, esse negócio de peça é bom pra revelar seu talento, disse dona Laura.

- Mas, mãe, eu não queria participar este ano. Vocês se lembram como foi ano passado: eu fiz papel de escravo, não falei nada e meus amigos ainda ficaram tirando sarro de mim.

- Meu filho, deixe disso, esse tipo de coisa é bom pra você, continuou a mãe.

- Eu também não gostei nada da peça do ano passado, interrompeu seu Arnaldo. Eu não estudei muito, mas eu acho que a peça sobre a abolição da escravidão deveria ter mais participação dos negros. Eu ouvi o professor Andrade falando isso na portaria com uns alunos e concordo com ele.

- Isso mesmo, pai. É exatamente o que eu penso.

- Mas você vai ter de participar, continuou o pai. A coordenadora Vânia me abordou esses dias pra falar sobre a peça, ela realmente acha que você foi responsável pelo sucesso do ano passado. Se você desistir, eu não sei o que ela pode fazer comigo. Às vezes, parece que estão me fazendo um favor por eu estar trabalhando ali, ainda mais porque você não paga mensalidade.

Pedro não teve condições de falar mais nada, ele entendeu o

recado do pai. Baixou a cabeça e terminou de jantar. Não foi a primeira vez que ele ouviu aquilo: na única vez em que foi retirado de sala, por estar conversando, a coordenadora Vânia também havia destacado que ele não pagava mensalidade e que deveria ter mais cuidado para não perder esse benefício.

Perto dali, Jéssica havia bolado outro plano para ajudar o amigo: decidiu apelar para a sua mãe.

- Mãe, você tá participando dos preparativos da peça de 13 de maio?

- Sim, minha filha, todos os professores tiveram que participar. Por quê?

- É que eu gostaria de participar também.

- Que bom, meu amor. Acho que posso conseguir um papel de destaque pra você. Gostaria de interpretar a princesa Isabel?

- Mãe, na verdade, eu tinha outra coisa em mente...

E então, no dia seguinte, na hora do ensaio, a própria coordenadora Vânia anunciou uma modificação na peça.

- Este ano, teremos uma inovação na peça: no final, dois alunos farão um discurso sobre a importância do 13 de maio. Uma das oradoras será a aluna Jéssica, que foi quem propôs essa inovação. Gostaríamos de um menino pra falar também. Quem se propõe?

Pedro não pensou duas vezes e levantou a mão. Somente ele. Pedro olhou para Jéssica muito feliz, a amiga estava realmente empenhada em ajudá-lo.

- Vou repetir: precisamos de mais uma pessoa, de preferência um menino, mas pode ser menina também, para ser orador.

Nesse momento, Raul levantou o braço, olhou para Pedro e sorriu.

- Muito bem, então os oradores serão Jéssica e Raul. Pedro continuará sendo nosso protagonista.

Pedro não podia acreditar naquilo. Sua expressão fácil mudou radicalmente. Ele estava chateado e ficou mais chateado ainda quando olhou para Jéssica e ela continuava sorrindo. Se aproximou dela para conversar.

- Por que você tá sorrindo? Seu plano não funcionou, o Raul foi escolhido pra ser orador. Você, por acaso, entrou na turminha dele e agora quer tirar sarro de mim também?

- Pedro, você tem cada ideia sem pé nem cabeça. Eu não entrei na turma do Raul e não quero tirar sarro de você.

- Então por qual motivo você parece feliz?

- Muito simples: quem disse que meu plano não deu certo?

Pedro tentou de todos os modos descobrir o que a amiga planejara, mas ela jurou que não diria a ninguém. Ele sabia que era algo muito importante e que ela estava se arriscando, então decidiu aguardar para ver o que ocorreria. Jéssica, por sua vez, passou todos os dias antes da peça pesquisando na biblioteca no turno da tarde.

Assim, o tempo foi passando e, finalmente, o dia da peça chegou. Toda a encenação ocorreu da mesma forma como no ano anterior, com a diferença que Pedro foi mais exposto ainda, por ter mais cenas. Em certo momento, lá estava Pedro sendo chicoteado. Ao final, o auditório aplaudiu de pé o que considerou um grande espetáculo. Foi então que a coordenadora Vânia anunciou que dois alunos fariam um discurso sobre a data de 13 de maio. Vânia estava muito entusiasmada pela novidade, mas também tranquila, visto que os discursos foram escritos por ela e os alunos apenas teriam de ler no microfone.

- O primeiro a falar será o aluno Raul Soares, anúncio que veio acompanhado de muitos aplausos.

- Boa noite, me chamo Raul e falarei um pouco sobre o 13 de maio. A escravidão foi uma enorme mácula na história do Brasil. Seres humanos foram tirados de suas famílias e de sua terra natal para virem realizar trabalhos forçados aqui. Muitos sofriam castigos físicos e até morriam. Mas isso mudou, a escravidão agora é algo do passado. No Brasil de hoje, há igualdade entre negros e brancos, todos têm as mesmas oportunidades. E devemos tudo isso aos bravos guerreiros que lutaram pela abolição, principalmente a princesa Isabel, que assinou a Lei Áurea e, num gesto de grande humanidade, libertou os escravos. Obrigado.

O discurso foi encerrado com uma sonora salva de palmas por parte da plateia. Vânia não conseguia segurar as lágrimas.

- Desculpem-me pelas lágrimas, mas é muita emoção aqui hoje. Esse aluno Raul é um garoto excepcional, um anjinho. Agora, a aluna Jéssica Martins fará o seu discurso.

- Boa noite, eu me chamo Jéssica e estou aqui hoje para falar sobre algo muito incômodo para todos nós: a escravidão.

Pedro estava atrás do palco, perto dos vestiários, mas se esforçava para ouvir a amiga. Vânia, ainda emocionada, percebeu que Jéssica estava sem o papel do discurso.

- Será que ela decorou todo o discurso? E se ela esquecer de algo?, pensou.

- Peço a todos vocês que fechem os olhos e imaginem o seguinte: que a cor da sua pele define se você terá ou não oportunidades

de uma vida melhor. Imagine também que é a cor da sua pele que determina se você é ou não bem-visto pela sociedade. Imagine também que devido à cor da sua pele as pessoas vão tirar sarro de você e considerar você inferior. Agora, peço que abram seus olhos e olhem ao redor: eu não me referia ao Brasil do século XIX, nós vivemos ainda hoje nesse país que trata negros e brancos de forma diferente.

Vânia olhava para Jéssica boquiaberta, sem conseguir acreditar no que ouvia. A garota não estava seguindo o discurso que ela havia escrito. Algumas pessoas da plateia ficavam se contorcendo na cadeira, incomodadas. Pedro vibrava nos bastidores.

- Nosso país acabou com a escravidão, mas não ofereceu aos ex-escravos condições para se tornarem cidadãos. Pelo contrário, logo após a Lei Áurea, o governo brasileiro facilitou a entrada de imigrantes brancos no país para substituir os negros no mercado de trabalho, marginalizando estes. Os negros foram para as favelas e para o desemprego, sendo excluídos. Não à toa, hoje, a maioria dos analfabetos, dos desempregados e dos presidiários do país são negros. Uma herança que deve nos envergonhar e nos motivar a agir para mudá-la.

Nesse momento, Vânia fazia sinal para o cinegrafista parar de gravar o discurso, mas o homem estava tão concentrado na gravação que não a percebia. Seu Arnaldo provavelmente estaria apoiando o discurso de Jéssica, mas a escola o requisitou para fazer hora-extra durante o evento, tendo e vigiar o portão da escola.

- Para finalizar, questiono a vocês presentes: até quando vamos fazer vistas grossas à condição inferiorizada do negro no Brasil? Até quando vamos dar o lugar de destaque nas novelas, no cinema e no teatro ao branco? Por que dois alunos brancos, Raul e eu, estão fazendo esse discurso aqui hoje? Até quando vamos tratar nossos posicionamentos racistas como uma brincadeirinha de mau gosto? Tolerar tudo isso é alimentar a desigualdade entre negros e brancos no Brasil. Enfim, tolerar tudo isso é dar prosseguimento ao regime de escravidão que ainda hoje existe no país, apesar daquele pedaço de papel assinado em 1888. Obrigada.

Todos na plateia estavam boquiabertos e imóveis com a fala de Jéssica. Foi então que o professor Andrade, que estava na primeira fila, se levantou entusiasmado e começou a aplaudir e a gritar “Muito bem, Jéssica! Arrasou!”. Aos poucos, a plateia foi aderindo às palmas, mas visivelmente as pessoas estavam constrangidas pela situação.

Após aquele discurso, quase nada mudou nas vidas das pessoas envolvidas. Pedro continuou sendo aborrecido na escola, assim como não conseguiu a monitoria de Ciências, apesar de ter as melhores notas na disciplina. Jéssica não sofreu nenhuma punição da coor-

denadora Vânia, porque sua mãe e o professor Andrade interviram. As pessoas da plateia, em geral, não levaram o discurso da garota a sério a ponto de mudar suas atitudes e pensamentos. Enfim, logo ficou claro que não seria um discurso de uma criança branca em meio a uma plateia branca que iria mudar a desigualdade racial no país. Nem Jéssica tinha essa esperança.

Mas algo mudou na relação entre Jéssica e Pedro: o garoto sabia que, apesar das diferenças entre ele e a amiga, podia contar com a ajuda dela, assim como de outras pessoas que considerava sensatas, para resistir às “brincadeiras de meu gosto” dos colegas. O que preocupava o garoto era que, enquanto criança, ele era vítima de “brincadeiras”... Ações que humilham, tiram a confiança e marcam o distanciamento entre ele e os garotos brancos da escola. Mas, quando crescesse, do que poderia ser vítima?

CAPÍTULO 3

Amor e ódio

Jéssica estava ansiosa para reencontrar os professores, os colegas, o ambiente escolar e, principalmente, seu melhor amigo, Pedro. Depois de trinta dias de férias, ela não conseguia esconder a expectativa de voltar para a escola Arco-íris, no primeiro dia de aula do segundo semestre.

- Pedro!

- Oi, Jéssica! Que saudade de você!

Os amigos se abraçam. Apesar de serem vizinhos, não se viam há um mês.

- O que você fez nas férias, Jéssica?

- Eu viajei muito, Pedro. Fui com meus pais pro Rio de Janeiro e, depois, fomos pro Uruguai. Você acredita? Foi demais! Adorei conhecer outro país, nunca antes eu tinha saído do Brasil. E como foram as suas férias?

- Nossa, que legal, Jéssica! Meu sonho era conhecer o Rio de Janeiro. Eu brinquei muito nas férias, foram bem legais.

- Que legal. Você viajou pra onde?

- Na verdade, eu não viajei, sabe. Eu sinto muito enjoo em ônibus, prefiro não viajar.

- Ah, deixa disso, Pedro. E pra ir pro Rio de Janeiro é melhor ir de avião.

- É verdade, mas eu morro de medo de voar de avião. Esse negócio de voar é coisa de passarinho.

Os amigos riram da piada. Pedro não podia acreditar na facilidade que Jéssica tinha para viajar. Esse tipo de viagem não estava em seu horizonte, pois com o salário do pai sua família mal conseguia pagar os boletos.

Logo após entrarem na sala de aula, a coordenadora Vânia entrou também junto com um aluno novato.

- Queridos alunos, é bom recebê-los na escola novamente. Espero que as férias de todos tenham sido maravilhosas. Estou aqui também pra lhes apresentar um novo aluno que ficará com vocês até o final do ano. Conheçam Igor Ribeiro. Digam: “Seja bem-vindo, Igor”.

Os alunos repetiram a frase maquinalmente, enquanto analisavam o garoto da cabeça aos pés. O aluno novato, um pouco envergonhado pela apresentação e pelos olhares fixos, foi andando até a cadeira indicada pela coordenadora, no fundo da sala. No recreio,

Jéssica puxa assunto com o novato.

- Oi, Igor. Eu me chamo Jéssica. Este é o Pedro. Você mora aqui perto? Estudava onde antes?

- Oi, tudo bem? Eu me mudei pra Fortaleza há alguns dias. Eu sou de Manaus. Estou morando há poucos quarteirões aqui da escola.

- Que legal o seu sotaque. Você quer lanche com a gente?

- Seria ótimo. Obrigado.

Jéssica e Pedro adoraram conhecer Igor, que parecia ser um garoto bem legal, e não mais um chato, como o Raul. Ele falou sobre as diferenças entre Manaus e Fortaleza, a vegetação, as comidas típicas. Jéssica e Pedro ficaram imaginando como seria conhecer a região amazônica, tão comentada nos livros e na televisão.

Ao final da aula, as crianças estavam se despedindo no portão da escola.

- Tchau, amigos. Foi bom conhecer vocês. Agora, tenho que ir, minha mãe chegou. Oi, mãe. Olha, esses são meus novos amigos, Jéssica e Pedro. Esta é minha mãe, Lara.

- Oi, meu filho, me dá um beijinho. Oi, Jéssica, oi, Pedro. Que bom que vocês já são amigos do Igor. Ele vem de outro estado e é bom fazer logo boas amizades. Até amanhã!

Jéssica e Pedro acharam a mãe de Igor muito simpática, assim como o filho. Tudo indicava que seriam grandes amigos dali para frente.

À noite, em casa, Pedro jantava com a família.

- Pedro, eu vi que você estava conversando com o aluno novato na hora da saída.

- Sim, pai, o Igor. Jéssica e eu conversamos muito com ele, parece ser muito legal. Ele é de Manaus e se mudou recentemente pra cá. Também conhecemos a mãe dele...

- Meu filho, eu não quero que você tenha amizade com ele, disse seu Arnaldo, interrompendo o filho.

- Como assim, pai? Ele é legal, nós conversamos com ele.

- Eu estou dizendo que você não deve ter amizade com ele.

- Mas, pai, ele é meu amigo.

- Pedro, seu pai e eu estamos mandando você não se aproximar desse menino. Você tem que obedecer. O que você não tá entendendo?, falou a mãe em tom ríspido.

Pedro, chateado, se calou, terminou rapidamente de jantar e foi para seu quarto. Ele não entendia o motivo pelo qual seus pais que-

riam que ele se afastasse de Igor. Na casa de Jéssica, as coisas também estavam esquisitas. A garota flagrou uma conversa de seus pais.



A garota flagrou uma conversa de seus pais.

- Ela e o Pedro estavam conversando com esse garoto na hora do recreio, o Igor. Ele parece ser um garoto legal, mas eu tenho medo do que isso pode causar na Jéssica, relatou dona Mariana.

- Querida, eu acho que essa escola tá em decadência. Deveríamos pensar em matricular a Jéssica naquela escola do centro que visitamos ano passado. A Arco-íris tá cada vez mais virando uma escola popular, um absurdo, disse seu Roberto.

- Mas, Roberto, nós não pagamos nada pelos estudos dela. Teríamos um gasto a mais e ainda teríamos que gastar com gasolina.

- Tem esse ponto negativo, mas também há os benefícios. Temos que considerar isso pro próximo ano. Imediatamente, nós temos que proibi-la de ter contato com esse garoto, não tem condições.

Jéssica ouviu aquilo tudo espantada. Por qual motivo Igor parecia ser tão perigoso. Será que o garoto esqueceu de contar algo importante da sua vida? Será que ele fugiu de Manaus porque estava sendo procurado pela polícia? No dia seguinte, Pedro estava chegando

à escola com seu pai. Coincidentemente, Igor estava desembarcando do carro com uma mulher.

- Bom dia, Pedro!

Pedro não sabia ao certo como agir, pois seu pai estava ao seu lado, mas considerou que deveria cumprimentar o colega.

- Bom dia, Igor! Como tá?

- Estou bem, obrigado, respondeu Igor, virando-se para a mulher que desembarcou junto com ele do automóvel: Tchau, mãe, até mais tarde!

- Tchau, meu filho, Tenha um ótimo dia, falou a mulher, entregando a ele a mochila.

Pedro achou aquilo muito estranho, ele tinha quase certeza de que aquela não era Lara, a pessoa que Igor havia lhe apresentado no dia anterior como sendo sua mãe, mas Igor também havia chamado aquela mulher de mãe. Ao entrar na escola, Pedro encontrou Jéssica.

- Jéssica, tem alguma coisa esquisita com o Igor.

Mas a menina já tinha mais informações sobre o novo colega.

- Deixa eu te falar: o Igor tem duas mães.

- Como assim duas mães? Quem te disse isso?

- Ele foi adotado por um casal de mulheres, foi o que o Raul me disse.

- O Raul? Como ele soube disso? Aposto que é mais uma das mentiras dele.

- Parece que não, Pedro. Ele soube porque os pais dele vieram hoje à escola pra reclamar. Disseram que, se o Igor continuar na escola, o Raul vai sair. Nesse momento, tem vários pais e mães reunidos com a coordenadora Vânia.

Na sala da coordenação, o clima estava tenso.

- A senhora tem que entender que nossos filhos estão em risco com essa criança estudando aqui. E se meu filho virar gay convivendo com esse menino?, questionou um dos pais.

- É verdade, e uma dessas mulheres podem tentar abusar dos nossos filhos, na entrada ou na saída da aula. Sabe lá o que elas fazem com o pobre coitado desse garoto, enfatizou uma mãe.

- Senhoras e senhores, tenham calma! As coisas não são trágicas como vocês pensam. O garoto foi abandonado pelos pais ainda recém-nascido e foi adotado por esse casal...

- Casal, não, casal é um homem e uma mulher, interrompeu um dos pais.

- Senhor, eu preciso falar, por favor, não me interrompa. O garoto foi adotado por essas senhoras. Elas tiveram a vida investigada pelo Conselho Tutelar e outros órgãos, antes de conseguirem a guarda do garoto. São pessoas respeitadas, uma é professora universitária e a outra, veterinária. Não existe nada disso que vocês estão especulando. Além disso, antes de aceitar a matrícula do menino, entrei em contato com o Conselho Estadual de Educação. Não poderíamos negar a matrícula, correndo o risco, caso isso ocorresse, de a escola ser processada pela família.

- Eu sempre desconfiei que isso fosse acontecer. Inclusive, sempre me preocupei com o nome da escola. Tenho quase certeza de que essa gente só escolheu esta escola por causa desse negócio de arco-íris, que é símbolo que elas tentam impor a nós, cidadãos de bem, desabafou outra mãe.

- Senhora, por favor, seja sensata. O nome da escola não tem nada a ver com isso. Esta é a escola mais próxima da residência delas, este é o motivo pro garoto estar estudando aqui.

- Eu é que não sei, o nome também sempre me incomodou, acho que deveria ser revisto. Além disso, eu quero que a senhora nos dê garantias de que nossos filhos não tenham contato com esse tipo de gente na escola, disse um pai.

- Senhores, sejamos sensatos, os filhos de vocês não correm risco algum aqui. Não precisamos transformar essa situação em algo maior.

Apesar dos apelos da coordenadora, que estava extremamente preocupada com a perda de matrículas, os pais não cederam. Pediram que uma reunião de pais e mães fosse convocada o quanto antes. Além disso, fizeram Vânia prometer que iria falar com os professores para que todo e qualquer assunto relacionado ao tema fosse proibido na escola, evitando que seus filhos ouvissem falar do assunto. Um pai chegou a propor que até o conceito de gênero gramatical não fosse mais lecionado, mas logo foi convencido de que isso não tinha relação com o assunto da reunião. Após isso, a coordenadora foi conversar com os professores.

- Como assim? A senhora quer que não falemos de algo que os alunos veem, ouvem e conhecem? A senhora acha que esses alunos não sabem que há pessoas do mesmo sexo que namoram?, questionou o professor Andrade.

- Professor, se sabem ou não, essa não é a questão. Eu estava com um grupo de pais revoltados na minha sala que ameaçavam tirar seus filhos da escola. Estou dizendo que vocês estão proibidos de tocar no assunto, até que encontremos uma solução.

- Essa é a pior decisão. Não falar sobre isso irá confundi-los ainda mais. Melhor aprender sobre isso com um profissional qualificado que pode passar uma visão sem preconceitos, do que deixar isso para pais e mães com visões, muitas vezes, preconceituosas, que não tiveram qualquer formação no assunto e que acham que silenciar sobre temas polêmicos vai ensinar seus filhos a viver. Além disso, nesse momento, todos já devem saber o que está ocorrendo. O Igor já deve estar sofrendo com a questão, suspeitou Andrade.

Ele tinha razão, toda a escola já comentava a situação e alguns alunos já estavam se aproveitando disso para tentar humilhar o garoto. Como sempre, Raul deu o pontapé inicial.

- Ei, Igor, qual das suas mães vem te buscar hoje na saída?, pergunta que veio acompanhada de estrondosos risos de vários colegas.

Igor baixou a cabeça e continuou andando até a sala de aula. Jéssica e Pedro ouviram a provocação, mas não sabiam como agir.

- Jéssica, o que você acha que devemos fazer?

- Eu não tenho a mínima ideia, Pedro. Eu adorei conhecer o Igor, pensei que seríamos grandes amigos e, agora, acontece isso... Não sei se é certo ou errado ele ter duas mães.

- Pois é, que situação. Mas acho que devemos evitar que o Raul faça essas gracinhas dele. Qual a diferença entre o que ele tá fazendo com Igor e o que ele faz comigo?

- Tem razão, Pedro. Vamos lá, diz a garota e começa a andar em direção a Raul e sua turma. Olha aqui, Raul, isso não se faz. Se você não parar com isso, vou chamar a coordenadora.

- Pode chamar, eu não disse nada demais. Ele tem duas mães, ora, eu só estava perguntando, gentilmente, com qual das duas ele vai embora hoje, falou Raul, entre risos.

- Você é muito desaforado, Raul, disse Pedro.

- Quem te perguntou, Tição?

Pedro deu as costas ao garoto e Jéssica o acompanhou. Eles realmente não suportavam aquele garoto.

A coordenadora Vânia ligou para as mães de Igor, pedindo que fossem até a escola.

- Então, essa é a situação que ocorreu hoje aqui na escola, senhoras, concluiu, após narrar tudo o que aconteceu.

- Isso é um verdadeiro absurdo, senhora Vânia. Nosso filho começou a estudar aqui ontem e tudo isso já está ocorrendo dessa forma. Ele deve estar assustado e indefeso agora. Eu quero vê-lo agora

mesmo, por favor, disse Lara.

- Calma, Lara, vamos esperar terminar a aula e levá-lo para casa de forma tranquila, evitando comentários dos colegas, amenizou Ana Maria, a outra mãe de Igor.

- Eu concordo com a senhora. É melhor evitar tirá-lo da rotina, pode ser pior.

- Sim, senhora Vânia, mas eu ainda gostaria de saber como isso tudo vai ser resolvido. Que posicionamento mais extremista é esse desse grupo de pais? Nos acusando de abusadoras? Nós amamos nosso filho e jamais deixaremos ninguém o machucar, desabafou Ana Maria.

- Tenho certeza disso, senhora. Eu torço para que tudo seja resolvido da melhor forma possível. Como disse, na próxima segunda-feira haverá a reunião com pais e mães. Espero que vocês possam estar presentes para dialogar com os demais responsáveis.

Os dias seguintes não foram fáceis para nenhum dos envolvidos. Igor não foi mais à aula, porque Lara e Ana Maria acharam melhor esperar até a reunião. Muitos alunos perguntavam aos professores o que estava acontecendo, mas nenhum dos profissionais podia falar nada por conta da proibição feita pela coordenadora Vânia. Alguns alunos também pediam explicações aos professores sobre a questão da sexualidade porque tinham dúvidas parecidas com a de seus pais; levavam para a escola as mesmas dúvidas que os pais tinham em casa. O silêncio das famílias e da escola não ajudou em nada para o caso se resolver. Pelo contrário, não se falava de outra coisa na escola, mas sempre se falava de forma rasa e superficial. Muitas vezes, falas carregadas de preconceitos e de desconhecimento.

O tema se propagou tanto que as igrejas do bairro passaram a discuti-lo em missas e cultos. O pastor de uma igreja protestante frequentada por vários pais da escola disse que “os cristãos não devem aceitar aquilo que é condenado pela Bíblia. Os pais devem exigir a exclusão desse aluno, ou devem retirar seus filhos dessa escola. Também é importante que o nome dessa escola mude para não fazer propaganda do pecado”. Mas nem todas as igrejas tinham o mesmo discurso. Perto dali, em outra igreja protestante, o pastor tinha uma fala diferente: “irmãos, estou sabendo do que se passa na escola Arco-íris, sei que muitos aqui estudam ou têm filhos e parentes lá. Digo que devemos respeitar essas filhas de Deus e, principalmente, a criança criada por elas. Só Deus pode julgar, irmãos”.

Já na igreja católica do bairro, frequentada pelas famílias de Jéssica e de Pedro, o padre também se referiu ao episódio: “devemos discutir as questões do mundo, pois são elas que traçam nosso cami-

nho para a salvação. Muitos estão sabendo do que se passa em uma escola aqui no bairro. Falarei me pautando nos ensinamentos do Santo Padre da Igreja Católica: não podemos excluir ou julgar os marginalizados, devemos, sim, estender-lhes a mão”.

Na segunda-feira, muitos pais e mães compareceram à reunião. A pauta informada pela coordenação foi: “assuntos pedagógicos urgentes”, mas, de fato, todos sabiam do que se tratava. Inicialmente, as mães de Igor pensaram em não comparecer por acharem aquilo uma enorme exposição de sua família, e, principalmente, da criança, que poderia ficar ainda mais exposta a chacotas na escola. Mas, de última hora, Lara, uma das mães, decidiu participar.

- Eu defendo que esse tipo de caso deve ser aprovado por reunião dos pais, antes de ser efetuada a matrícula, disse um dos pais, que recebeu fervorosas palmas.

- Todos sabem que se uma criança não tem a figura do pai e da mãe acaba não tendo boas referências e virando uma pessoa degenerada na fase adulta, disse uma mãe, também muito aplaudida por uma pequena massa eufórica que, estrategicamente, sentou nas primeiras fileiras do auditório.

Nesse momento, o professor Andrade pediu a palavra:

- Eu gostaria de dizer, como educador, que essas falas são descabidas. Primeiramente, há leis no país. Leis que devem ser respeitadas. Não depende dos pais e das mães da escola decidirem se aceitam ou não uma matrícula. A escola consultou o Conselho Estadual de Educação, caso não saibam. Além disso, essa história de referência de pai e de mãe não passa de um mito. Há pessoas criadas pelos avós, por exemplo, que não se tornam “degeneradas”, como foi insinuado aqui. Uma criança não precisa necessariamente da figura de um pai e de uma mãe. Caso vocês não saibam, um número significativo de famílias vive só com as mães porque é comum os pais abandonarem os filhos. Infelizmente, em relação a isso, não vejo o mesmo nível de revolta que vejo hoje aqui. Dessa forma, peço licença para dizer que há um grande exagero em algumas falas. Vamos poupar essa família de mais sofrimento e vamos viver nossas vidas sem nos metermos na vida alheia, disse o professor Andrade, que não recebeu mais do que meia dúzia de palmas.

Após as falas, a coordenadora Vânia fez uso da fala com o objetivo de encerrar a reunião.

- Pois bem, tendo ciência das falas, destaco que não podemos tomar medidas como expulsar o aluno, conforme já disse o professor Andrade. Posso garantir que os filhos de vocês estão seguros na escola e tomarei todas as medidas para que isso continue ocorrendo.

Nesse momento, quando a reunião já estava sendo encerrada, Lara pediu a fala.

- Olá a todas e a todos! Minha esposa e eu já tínhamos tomado uma decisão quanto a essa escola, mas decidi ouvir as falas de vocês para ter certeza de que a decisão era acertada. Sendo assim, informo que nosso filho não prosseguirá estudando na Arco-íris. Percebemos um ambiente muito hostil e achamos por bem evitar que nosso filho sofra algum tipo de *bullying* ou agressão. Sim, é isso o que está ocorrendo: enquanto muitos se preocupam se minha família é uma ameaça, de fato, o que ocorre é que minha família está sendo ameaçada. Nunca vi meu filho chorar tanto, como nos últimos dias, devido a insultos de crianças desta escola. As crianças não têm culpa de nada, elas, muitas vezes, apenas repetem o que veem em suas casas. Hoje, pude perceber isso. Peço desculpa se causamos algum incômodo e torço para que vocês e seus filhos sejam muito felizes. Obrigada.

Alguns pais e mães ficaram tão eufóricos com a parte em que Lara disse que seu filho não continuaria na escola, que nem atentaram para o final da fala, não perceberam o mal que estavam causando àquela família e, principalmente, ao garoto. Ao final da fala, fez-se silêncio. Vânia pegou o microfone e disse “Reunião encerrada”.

Em casa, Jéssica e Pedro receberam a notícia da saída de Igor pelas suas mães, que haviam participado da reunião. Mesmo não estando juntos, os amigos sentiram algo parecido: ficaram tristes de perder o novo coleguinha. Pedro não parava de pensar na semelhança de tratamento que o Raul tinha em relação a ele e a Igor. “Por que pessoas como nós somos perseguidas?”, pensava. “Há algo de errado conosco, ou essas pessoas perseguidoras é que estão erradas?”.

Por outro lado, Jéssica conversava com sua mãe.

- Mãe, por que o mundo é tão injusto? O que ele fez de errado? As mães só fizeram acolher ele, pois foi abandonado.

- Minha filha, a vida não é fácil, mas eu acho que isso que aconteceu foi o melhor pra você.

- Você pensa em mim, mas esquece de pensar nos outros. Você já parou pra pensar no sofrimento do Igor e das mães dele? A senhora acha que eu não sei que uma criança pode ter dois pais ou duas mães? O que a senhora acha que tá escondendo de mim?

Aqueles questionamentos da filha fizeram Mariana pensar, pela primeira vez, em algo que nunca tinha atentado: até que ponto ela tem influência sobre o desenvolvimento da filha? Onde sua influência acaba e onde a influência dos amigos, da escola, da religião, da televisão, etc., começam?

CAPÍTULO 4

O que Deus tem a ver com isso?

Seu Arnaldo, pai de Pedro, andava muito preocupado. Ficava sempre conversando baixinho com a dona Laura, evitando que o filho escutasse as conversas.

- Filho, vou sair. Já, já, você tem que ir pra cama, certo? Amanhã é dia de escola.

- Mas já tá tarde, pai. Vai dar oito horas. Pra onde o senhor vai?

- Vou resolver umas coisas de adulto, filho. Não se preocupe.

Pedro sabia que tinha algo errado, mas não sabia o quê. No dia seguinte, quando estava voltando da escola com seu pai, percebeu um caminhão e alguns homens trabalhando na entrada da vila. Quando se aproximaram, Pedro viu que a placa da Construtora estava sendo substituída. A nova placa dizia: “Aqui será o mais novo e moderno condomínio da região: Paz Residence. Obras se iniciando ainda este ano. Adquira apartamento na planta e fique tranquilo”.

- Pai, olha isso!, gritou Pedro, apontando para a placa.

- Meu filho, não ligue, isso não é verdade, disse seu Arnaldo e, virando-se para os trabalhadores, disse: aqui mora gente honesta e trabalhadora, isso que vocês estão fazendo é errado.

- Senhor, estamos só fazendo nosso trabalho, disse um dos homens.

Naquele dia, Pedro não conseguiu relaxar. Estava preocupado. Será que sua família seria expulsa de casa? À noite, seu pai e sua mãe decidiram conversar com ele.

- Meu filho, estamos sabendo que o juiz vai autorizar a reintegração de posse do terreno da vila nos próximos dias, disse o pai.

- Isso significa que não vamos ter onde morar? Vamos morar na rua?

- Não, filho, tenha calma, disse Dona Laura. Seu pai, eu e os vizinhos estamos procurando uma solução.

- Mas se o juiz mandou, então não tem o que fazer, não é, pai?

- Meu filho, eu achava que sim, mas nas últimas semanas conhecemos umas pessoas que estão nos mostrando outras possibilidades.

- Quem são essas pessoas? É com elas que o senhor tá indo se encontrar quase toda noite?

- Isso mesmo, Pedro. Estou participando de reuniões com essas pessoas, o seu Antônio, a dona Teresa e outros vizinhos também. Essas pessoas dizem que podem nos ajudar a permanecer aqui, ou, pelo menos, que a gente consiga algumas garantias do governo.

- Que tipo de garantia, pai? Eu não quero morar na rua, falou Pedro com expressão de desespero.

- Meu filho, tire essa ideia da cabeça, a gente não vai morar na rua. Eu não sabia, mas parece que a lei tá a nosso favor, que a moradia é um dos principais direitos do cidadão, disse o pai.

- Então o juiz se enganou, ele vai mudar a decisão?

Nesse momento, seu Arnaldo e dona Laura se olharam como se dissessem “o que podemos dizer?”.

- Pedro, eu não sei se o juiz se enganou, mas eu sei que nós vamos resistir. Esta é nossa casa, nós somos os primeiros moradores dessa rua. O terreno é nosso, finalizou a mãe.

Não muito longe dali, uma associação de moradores se reunia. Não tinha qualquer relação com a Vila Santo Expedito. Era a Associação de Moradores de Condomínio do Montese, presidida por seu Roberto, pai de Jéssica.

- Prezados colegas de associação, estamos hoje reunidos pra dar prosseguimento ao nosso plano de manutenção e de administração da praça da Amizade. A prefeitura está com um programa de adoção de praças. Como nossa associação está registrada em cartório, podemos finalmente adotar nossa praça, disse Roberto.

- Muito bem, Roberto, mas temos pressa. Nós e nossos filhos nunca usamos essa praça, que tá feia e frequentada por pessoas estranhas, falou um dos associados.

- Você não se preocupe, já estou dando andamento ao trâmite burocrático. Vai ser rápido.

- Mas eu estou sabendo que não poderemos cercar a praça, como cogitamos anteriormente. Como vamos impedir que qualquer pessoa estranha frequente a praça?

- Tenha calma, nós vamos gerir a praça. Não precisamos de cercas, podemos contratar seguranças, que farão o mesmo serviço da cerca, disse Roberto.

- Mas o segurança também não vai poder barrar ninguém na praça pública, ou estou enganado?

- Meu caro, tudo com jeitinho dá certo, finalizou Roberto.

No dia seguinte, na escola, Pedro comentou com Jéssica o episódio da placa.

- Como assim? Vocês vão ser expulsos? Onde você vai morar?
- Não vamos ser expulsos. Meus pais disseram que têm pessoas nos ajudando a permanecer na vila.
- Quais pessoas?
- Eu não entendi bem, mas meu pai tá se reunindo com elas há algumas semanas. Disseram que a lei tá a nosso favor. O juiz se enganou.
- Será que são advogados?

Pedro “deu de ombro”, sem saber responder. Naquele dia, à noite, após muita insistência, seu Arnaldo decidiu levar Pedro com ele para uma daquelas misteriosas reuniões. Andaram alguns quarteirões e chegaram a um pequeno imóvel bem iluminado e com todas as portas e as janelas abertas. Havia uma placa na entrada: “Movimento Lutar por Moradia Não é Crime – MLMNC. Respeito ao Trabalhador, à Constituição e aos Direitos sociais”. Pedro ficou muito assustado com a palavra “crime”, estava um pouco arrependido de ter ido com seu pai, mas, agora, não podia mais voltar atrás. Na sala principal, havia várias cadeiras em círculo e algumas pessoas sentadas, alguns vizinhos seus. Também havia uma mesa no canto com duas garrafas térmicas e biscoitos.

- Vamos começar a reunião, disse um homem alto e barbudo.
- Meu filho, fique caladinho só ouvindo, tá bem?, disse seu Arnaldo.

Pedro balançou a cabeça afirmativamente. Estava com tanto medo que nãoalaria nem se lhe pedissem.

- Boa noite, companheiras e companheiros da Vila Santo Expedito!

- Boa noite, respondeu a maioria.

- A Vila Santo Expedito tem que resistir a esse ataque. Vocês foram os primeiros moradores daquela região, quando ainda era um brejo. Aquele terreno nunca teve dono e vocês o ocuparam em busca de moradia. Hoje, a vila está minimamente estruturada e vocês têm uma vida relativamente despreocupada em relação à habitação, mas, de repente, de forma rápida, uma construtora reivindica a posse do terreno e um juiz a concede, contrariando a maior lei deste país, a Constituição. Isso é um absurdo. Esse juiz está rasgando a Constituição.

- Desculpe interromper, seu Gustavo, mas uma pessoa no meu trabalho me disse que a lei garante o direito à propriedade privada, ou seja, segundo ela, se o terreno era da construtora no passado, o juiz tá certo em dar a posse pra construtora, isso é verdade?, disse um vizinho de Pedro.

- Seu Antônio, quem lhe disse isso devia estar desinformado ou mal-intencionado. Veja bem: a Constituição diz, em seu Artigo 6º, que a moradia é um direito social, junto com educação, saúde, alimentação, trabalho, etc. Vocês estão aqui lutando por moradia, certo? A Constituição também garante o direito à propriedade privada, é verdade, mas eu pergunto o seguinte: quem são os donos daquele terreno? Vocês, que chegaram lá e não havia dono, ou uma construtora que visivelmente falsificou documentos? Vocês sabem a resposta melhor do que qualquer um. Além disso, qual a função social desse terreno pra essa construtora? Nenhuma. Já pra vocês, o terreno é essencial. Por fim, uma prática comum dessas construtoras é a especulação imobiliária. Esperaram o terreno de vocês se valorizar pra tentar tomar posse. Atualmente, todos os condomínios ali ao redor querem ver vocês fora de lá, essa é a realidade.

- Concordo com o senhor, seu Gustavo. Eu não acreditava nisso, mas agora começo a ver como as coisas funcionam, disse seu Arnaldo.

Pedro olhava para o pai e não acreditava no que ouvia.

- Obrigado, seu Arnaldo. E digo mais: esse tal Juiz Anacleto é conhecido, sempre dá causa ganha pras construtoras e outras empresas poderosas. Nunca foi descoberto nada contra ele, mas também nada nunca foi investigado. Quem investiga juiz no Brasil? O dono dessa construtora e esse juiz devem tomar cafezinho juntos todos os dias.

- Eu fiquei sabendo que tinha um juiz no Tribunal de Justiça vendendo sentença, tá sendo investigado, disse um dos presentes.

- É verdade, um juiz está sendo investigado e, provavelmente, vai ser confirmado que cometeu crime. Mas, e os demais juízes? Temos aqui um juiz rasgando a Constituição no caso de vocês. Além disso, vocês são a parte fraca do processo. O que será feito pelo Estado pra vocês? Eu digo a vocês: nada. Não podemos esquecer também que o direito à habitação está previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

- O senhor me desculpe, seu Gustavo, mas todo santo dia eu vejo na TV que esse negócio de Direitos Humanos é coisa de bandido, disse Dona Teresa.

- Dona Teresa, quem lhe disse isso? Um apresentador de TV sensacionalista que se promove por meio de discursos inflamados? Desde quando direito à habitação tem a ver com crime? E direito à alimentação, à saúde, à educação, à segurança, à vida, ao lazer e tantos outros? Isso parece coisa de criminoso pra senhora? Eu acho que isso é coisa de quem quer ter uma vida digna, assim como nós todos reunidos aqui hoje.

- Isso tudo é coisa de Direitos Humanos?
- É, sim, tudo isso tá na Declaração Universal, de 1948.
- E por que esses apresentadores falam que isso é coisa de bandido?

- Ora, dona Teresa, quem tem boca fala o que quer. Essas pessoas deveriam ser mais responsáveis com o que falam, mas quem os fiscaliza? Quem os pune? Quem pune poderosos no Brasil?

- O que podemos fazer então pra garantir nossos direitos?, pergunta seu Arnaldo.

- Lutar! Temos que resistir o máximo que pudermos. Temos advogados populares aqui no MLMNC, não cobrarão um centavo de vocês. Mas só recorrer à justiça não resolve. Temos que impedir que a construtora ponha as mãos em suas casas.

- Seu Gustavo, ninguém aqui é vândalo, não vamos brigar com ninguém!, disse Dona Teresa.

- Dona Teresa, a lei diz que todos podem se manifestar sobre qualquer assunto, lutar não é vandalismo, como querem nos fazer acreditar. Tentam nos ensinar isso pra que sejamos dóceis, mesmo quando querem nos massacrar, destruir nossa dignidade, derrubar nossas casas e os fazer morar na rua. Se vocês forem expulsos da vila, onde vão morar? Já estamos no final de outubro e a construtora tá ameaçando começar as obras até dezembro.

Todos se olham desconfiados, alguns baixam a cabeça, ninguém responde. O desânimo é geral.

- Isso mesmo, é isso que essas pessoas querem: que baixemos a cabeça, que sejamos submissos, que não reclamemos. Eles atacam nossa dignidade, atacam nosso lar e nós nos calamos? Eu sou contra isso, jamais poderei ser a favor. Peço que vocês reflitam bem sobre a situação. Se não resistirmos, daqui a pouco todos os pobres serão expulsos das áreas centrais da capital, sendo jogados nas periferias e na Região Metropolitana. Este é o sonho das elites endinheiradas que tentam expulsar vocês. Quase conseguiram isso com o Titanzinho, lembram? Só não conseguiram porque a comunidade se levantou contra os poderosos.

Após a reunião, indo para casa, seu Arnaldo decidiu trocar algumas palavras com o filho.

- Meu filho, não se preocupe com nada, acho que você não entendeu muito bem a reunião, as falas dos adultos...

- Não, papai, interrompeu Pedro, eu entendi tudo. Estão tentando nos expulsar por sermos pobres e quem deveria nos defender, na verdade, tá defendendo os ricos.

Seu Arnaldo se espantou com a fala do filho. Pensou por um segundo se era saudável seu filho, uma criança, ter contato tão direto com aquela realidade, e disse:

- Isso mesmo, meu filho, que bom que você também tá entendendo. Eu tenho muito orgulho de você ser tão esperto. Quando você for adulto, você vai ser algo que eu não tive condições de ser, e espero que nunca esqueça de defender os mais necessitados.

- Eu não preciso esperar ser adulto, pai, eu já posso fazer isso agora, finalizou Pedro.

Naquela noite, Pedro dormiu bem. Boa parte de seu nervosismo dos últimos dias tinha sumido, após aquela reunião. No dia seguinte, os amigos conversavam na escola.

- Movimento de crime?!

- Não, Jéssica, Movimento Lutar por Moradia Não é Crime.

- Ah, entendi. E como foi?

- Eu gostei muito. Foi uma reunião em que todos podiam falar. Muitas pessoas tinham dúvidas e até discordaram uns dos outros. A fala do seu Gustavo foi muito boa, ele conhece muito a lei. E também falou muito sobre as injustiças cometidas por quem deveria nos proteger.

- Nossa, parece ter sido legal. Espero que dê tudo certo, Pedro. Eu não quero que você vá morar longe.

- Eu também não quero sair da vila.

- Pois deixa eu te falar uma novidade: meu pai disse que as obras da praça vão começar nos próximos dias. Ele me mostrou o projeto, vai ficar linda.

- Que legal! Vai ter grama no campinho?, perguntou Pedro entusiasmado.

- Ah, isso eu não sei. Mas a associação vai contratar até segurança. Eu finalmente vou poder brincar com você lá.

Os amigos estavam mais tranquilos. Finalmente, as coisas pareciam estar melhorando para eles. Assim, os dias foram se passando. Uma certa noite, Pedro estava jogando de bola na pracinha com os amigos. As obras na praça já haviam se iniciado, mas o campinho ainda estava liberado para jogos. De repente, a mãe de um dos garotos vai até a praça.

- Fernando, meu filho, vem pra casa agora.

- Por que, mãe? Tá no meio do jogo ainda?

- Vem logo, não faz pergunta. E vocês, garotos, vão pras suas casas agora mesmo.

Fernando saiu do campo chateado. Os demais meninos não entenderam bem a situação.

- O que vamos fazer agora? Tá faltando um jogador, disse Guilherme.

- Sai um jogador do outro time, fica na reserva, respondeu Renato.

Nesse momento, o pai de Guilherme gritou de longe: “Guilherme, venha pra casa agora!”

- Meu pai tá me chamando, pessoal. Que chato.

- O que tá acontecendo?, perguntou Pedro.

Pedro mal fechou a boca e viu sua mãe saindo da vila correndo. “Meu filho, venha rápido!”. O garoto correu até ela.

- O que tá acontecendo, mãe?

- Meu filho, um policial foi morto na Messejana. Estão circulando uns áudios de que esta noite será de terror na cidade.

- Terror? Como assim? Quem vai fazer isso?

- Meu filho, deixe de pergunta e vamos pra casa rápido.



“Meu filho, venha rápido!”.

Em poucos minutos, a pracinha da Amizade estava deserta. As casas estavam trancadas e o silêncio reinava. Naquela noite, nada aconteceu no bairro Montese. Tudo indicava que os áudios foram apenas boatos, ou “fake news”, como costumam ser chamados nos dias atuais as notícias falsas compartilhadas por redes sociais. No dia seguinte, os amigos conversavam na escola.

- Pedro, você ficou sabendo que ontem mataram mais de 20 pessoas na Messejana?

- Nossa, você tem certeza? Estavam todos apavorados na vila, ontem. Mataram mais de 20 policiais?

- Não, Pedro, um policial foi morto. Depois, 20 pessoas foram mortas.

- Nossa cidade tá muito violenta. Os criminosos não têm mais medo de nada: mataram um policial e 20 cidadãos.

- Acorda, Pedro. Essas pessoas foram mortas por policiais.

- Do que você tá falando?

- Estão todos comentando que os colegas do policial morto saíram nas ruas da Messejana matando pessoas pra se vingar.

- Isso não pode ser verdade, Jéssica. Policiais fizeram isso? Mas, se bem que... É, talvez você tenha razão, faz sentido. E, além do mais, eu já não confio nas autoridades como antes.

De repente, Raul se aproxima e diz:

- Vocês estão sabendo que mataram mais de 50 pessoas ontem e que hoje vão matar mais 50?

- Deixa de ser exagerado, Raul, não foram 50 pessoas, não, respondeu Jéssica.

No decorrer dos dias, a notícia oficial foi repassada pelos jornais: 11 pessoas morreram e 7 ficaram feridas, no episódio que ficou conhecido como Chacina do Curió, comunidade que fica no bairro Messejana, um dos maiores e dos principais bairros da capital cearense. A maioria dos mortos era adolescente do sexo masculino, negros e sem passagem pela polícia. Os principais suspeitos eram agentes de segurança do Estado.

A Chacina do Curió incentivou a atuação da Associação de Moradores de Condomínio do Montese.

- Prezados associados, estamos aqui hoje reunidos pra dar um basta na violência em nosso bairro. Precisamos contratar seguranças armados pra vigiar nossa praça e impedir que maus elementos frequentem. Não podemos correr o risco de haver uma chacina aqui, disse Roberto.

- É isso mesmo, vamos acelerar as obras na praça e contratar, o mais rápido possível, seguranças particulares. O bem-estar de nossas famílias em primeiro lugar, corroborou o vice-presidente da associação.

Em outra reunião, não muito longe dali, Pedro e seu pai tratavam sobre o futuro da Vila Santo Expedito.

- Seu Gustavo, sou empregada doméstica em um dos condomínios perto da vila. Meu patrão veio dizer que a vila traz insegurança pro bairro e comentou sobre a chacina ocorrida semana passada. Ora, se todos os meninos que morreram eram negros e pobres, poderiam ter sido meus filhos. Ou seja: nós somos mortos, mas na cabeça dessas pessoas nós é que somos os violentos. É uma total inversão dos fatos. A vila tá mais ameaçada do que nunca. Eu não disse nada a ele porque posso ser demitida, mas cada dia mais percebo essas injustiças.

- É isso mesmo, dona Teresa, a senhora observou bem. E provavelmente vão tentar aproveitar essa chacina pra aumentar a pressão sobre vocês. Nossos advogados já recorreram da decisão do juiz Anacleto. Além disso, solicitamos à prefeitura que vocês tenham algum tipo de auxílio-moradia, caso sejam expulsos. Mas isso não é uma opção agora. Nossa primeira opção é resistir.

Os dias foram passando e a tensão entre os moradores da Vila Santo Expedito só aumentava. Os moradores começaram a relatar ameaças e medo de sair de casa. Era comum um carro com vidros escuros circular todas as noites na entrada da vila, segundo relatos de alguns moradores. Os membros do MLMNC foram informados desses episódios e fizeram Boletim de Ocorrência na polícia, além de terem divulgado à imprensa. Gustavo Passos, presidente do movimento, informou aos moradores que entrou em contato com a emissora de televisão Fortaleza Viva para a realização de uma matéria sobre a situação da vila.

- Mas quase ninguém assiste a essa emissora, seu Gustavo, lamentou dona Teresa.

- Eu sei, mas as outras, as que têm audiência, não se importam com esse tipo de assunto, isso não dá audiência pra elas.

Pedro ia vivendo esse clima de tensão, mas também de felicidade, pois a pracinha estava sendo reformada e, em breve, estaria “novinha em folha”. Um dia, à noite, os garotos se reuniram em frente à vila e foram caminhando juntos pro campinho, que ainda estava intacto, apesar da reforma ao seu redor. Quando colocaram os pés na praça, um segurança privado os abordou.

- Vocês não podem jogar no campinho, disse o segurança.

- Por que não? Já tá sendo reformado?, perguntou Fernando.

- Não. São ordens da associação de moradores: nada de jogo de futebol.

- Deve ser porque tá em reforma, disse Henrique.

- Ah, que chatice, queremos jogar, disse Pedro. E desde quando tem segurança aqui na praça? Isso é pra não roubarem o material da obra?

O segurança apenas balançou a cabeça negativamente e se virou. Os garotos, chateados, deram meia volta. Ainda esboçaram um “racha” na rua de calçamento, mas desistiram. O entendimento deles era de que o jogo de futebol estaria suspenso enquanto durassem as obras, mas os planos da Associação eram outros. No dia seguinte, na escola, os amigos conversavam sobre a situação da pracinha.

- O que seu pai fala sobre a reforma da pracinha? Ele é presidente da associação, não é? Ontem, eu e meus amigos fomos jogar lá, mas um segurança nos barrou.

- Ele não fala muito sobre isso, só disse que contrataria esses seguranças pra deixar a praça mais segura. Ele queria seguranças com armas, mas a maioria dos membros da associação não permitiu.

- Armas? Seu pai é muito exagerado. Já disse: nunca vi na pracinha a violência que seu pai tanto fala. Mas, enfim, o importante é que a pracinha vai ficar “irada” e o campinho também. Não vejo a hora de jogar no campo reformado.

- Ótimo! Ei, como tá a questão da vila?

- O presidente do movimento disse que vão fazer uma matéria de TV com a gente.

- O quê?! Isso é verdade? Espero que sim. Tenho certeza de que depois dessa matéria a decisão desse juiz vai ser anulada.

Apesar disso, a emissora nunca apareceu para realizar a matéria. Pobres sendo expulsos de suas casas realmente não parecia ser algo atrativo para a televisão. Foi assim que o juiz Anacleto autorizou a reintegração de posse do terreno da vila. No início de dezembro, no final da tarde, dois tratores encostaram na praça da Amizade. Os operadores das máquinas desembarcaram e foram embora. Quem passava logo pensava que se tratavam de máquinas para a obra na praça. Algumas horas depois, na madrugada do dia seguinte, ainda escuro, vários carros da polícia começaram a encostar na frente da vila. Um caminhão da Tropa de Choque também. Alguns moradores perceberam a movimentação e se comunicaram com os demais. Em poucos minutos, todas as pessoas da vila estavam acordadas. Algumas estavam em frente ao portão da vila. Outros tentaram conversar com os policiais para saber o motivo de estarem ali, mas não houve resposta.

O MLMNC foi avisado. Pouco tempo depois, Gustavo estava na vila com um advogado.

- Onde está o oficial de justiça? Vocês não podem agir sem um aviso formal, não se esqueçam! E ainda está escuro, gritava Gustavo em direção aos policiais.

- Seu Gustavo, o que vai acontecer? Eles vão mesmo nos expulsar?, perguntou aflita Dona Teresa.

- Eles estão aqui pra isso, mas nós não vamos sair, vamos? Tá chegando um ônibus com apoiadores do movimento, vão nos ajudar a resistir.

Por volta de 4h50min, um carro com placa oficial estacionou na rua e dele desembarcou um homem branco, do cabelo liso e de terno e gravata, era o oficial de justiça. Outro carro estacionou, de onde dois homens desceram e foram em direção aos tratores estacionados ali no dia anterior. Logo atrás desse carro, estacionou outro, era o carro de uma emissora de televisão, a Ceará do Futuro.

- Esses “abutres” não vieram aqui antes ouvir os moradores, mas não perdem tempo em vir filmar o sofrimento de vocês, resmungou Gustavo para alguns moradores ao seu redor.

Pedro foi acordado, mas sua mãe ficou trancada com ele e o Paulinho. Ele estava muito nervoso e querendo chorar, mas sua mãe tentava animá-lo: “Calma, meu filho, logo seu pai e o seu Gustavo vão resolver isso, você vai ver”.

Pedro era uma criança, mas já estava entendendo a lógica de algumas ações da sociedade. Ele torcia para sua mãe estar certa, mas sabia que provavelmente ela estava enganada. De qualquer forma, ser otimista não machucava ninguém: “Sim, mãe, eu tenho certeza que vão resolver”, respondeu com um sorriso tímido.

Lá fora, as coisas começavam a “esquentar”.

- Seu Gustavo, aquele engravatado ali deve ser o juiz, que veio nos expulsar, gritou seu Antônio. Cadê esse ônibus com essas pessoas que vão nos ajudar?

- Aquele não é o juiz, é o oficial de justiça, ele veio nos notificar. O ônibus ainda vai demorar cerca de 20 minutos. Me escutem todos, falou gritando, quero que todos se posicionem no portão da vila, façam uma barreira humana, OK?

- E se eles atirarem em nós?, perguntou apavorada dona Teresa.

- Pessoal, já discutimos isso em reunião: os policiais não podem usar armas letais, mas é provável que usem spray de pimenta, visto que somos poucos e há muitas crianças. Só em ocasiões mais

tensas que eles usam balas de borracha e gás lacrimogênio. Não vai ser fácil, mas temos que resistir. Se nos tirarem daqui hoje, será muito difícil retornar.

O oficial de justiça se aproximou com alguns policiais.

- Bom dia!

- Bom pra quem?, questionou dona Teresa, olhando serenamente nos olhos do oficial de justiça.

Um tanto contrariado, ele continuou a falar.

- Estou aqui hoje para notificar os moradores da Vila Santo Expedito sobre a reintegração de posse autorizada pela justiça estadual do Ceará, de acordo com o processo Nº 30001724242/2014. Pedimos que os moradores desocupem o terreno imediatamente. Caso contrário, as forças policiais vão precisar agir para garantir a paz e a ordem.

- Fique com essa paz e essa ordem pra você, senhor engravatado. Nós aqui vamos lutar por outra paz e por outra ordem, falou firmemente seu Arnaldo, que estava de braços dados com outros moradores, fazendo uma verdadeira muralha humana.

- Vocês têm uma hora para iniciar a desocupação por conta própria. Caso contrário, outras medidas serão tomadas.

O oficial de justiça e os policiais se afastaram do portão para esperar o prazo.

- Ótimo, pessoal. Acho que esse tempo de uma hora vai ser suficiente pra que o ônibus chegue. Não vamos entregar nossas casas pros ricos, vamos resistir. A imprensa já tá filmando. Se formos expulsos, que o país inteiro veja a injustiça que tá sendo cometida, disse Gustavo.

Nesse momento, vários moradores de condomínio já estavam em suas janelas observando a ação. De vez em quando, havia algum grito de apoio aos moradores, mas, principalmente, de apoio aos policiais. Alguns minutos depois, o ônibus do movimento dobra a esquina. Os moradores da vila começam a comemorar. O oficial de justiça conversa com o tenente responsável pelas forças policiais. Imediatamente, o tenente pede para que seus soldados façam uma barreira e impeçam o ônibus de avançar e as pessoas de descenderem do veículo. Inicia-se uma correria na rua. O motorista começa a buzinar bastante, chamando a atenção de todos. Apesar do bloqueio policial, uma pessoa consegue descer do veículo e vai ao encontro de Gustavo. É o vice-presidente do movimento.

- Gustavo, como tá a situação?

- Tá complicada, Alfredo, eles vão agir em breve. Quantas pessoas vieram?

- 22 apenas. Fomos pegos de surpresa. Está vindo outro ônibus do acampamento de Pacatuba, mas vai demorar mais de uma hora pra chegar aqui.

- Não temos esse tempo, somos poucos aqui. Mas pelo menos a imprensa tá aqui pra filmar tudo.

- Tenho uma péssima notícia: você me disse que era a emissora Ceará do Futuro, certo? Liguei pro Marcelão, nosso colega de movimento, e ele me confirmou que um dos donos dessa emissora é sócio da Construtora Efficiency. Provavelmente, irão distorcer os fatos.

- Isso não é nada bom, essa corja de endinheirados “não dá ponto sem nó”, se unem fácil no momento de tirar os direitos de pessoas pobres.

Os policiais ainda estavam barrando as pessoas de descerem do ônibus, os moradores não teriam apoio, por enquanto. Nesse momento, o oficial de justiça se aproximou do portão da vila.

- Senhores, o prazo de vocês se esgotou. Vocês vão sair ou vou precisar requisitar o apoio da polícia?

- Como assim?! O você falou que teríamos uma hora, mas não se passaram nem 15 minutos!, gritou Gustavo.

- Ninguém aqui vai sair, senhor engravatado. Pode chamar quem você quiser. Essa vila é nossa, são nossas casas, nossas famílias e nossas vidas, gritou emocionada dona Teresa, que estava na linha de frente da muralha humana, ao lado de Gustavo.

Todos gritaram emocionados com a fala de dona Teresa. “É isso aí!”, “Ninguém sai!”, “A vila é nossa!”.

O oficial se virou para o tenente e fez um gesto com a mão. O policial, por sua vez, apontou para um grupo de cerca de dez agentes e, depois, apontou para a vila. O grupo de policiais foi andando vagarosamente em formação e em silêncio até o local. Pararam a cerca de dois metros da “muralha”. Um deles era o porta-voz: “Saíam da frente ou agiremos”.

Não houve resposta, os moradores estavam imóveis. Alguns choravam emocionados. Outros, tinham uma expressão de confiança, fitavam o horizonte com um leve sorriso no rosto. O policial se virou para o tenente, que fez um sinal de positivo. Dois policiais começaram a soltar jatos de spray de pimenta nos moradores. Por um instante, a muralha quase se desfez, mas seu Arnaldo gritou: “Ninguém solta o braço um do outro, somos um só!”, e a muralha se refez.

Os olhos ardiam, a garganta fechava, mas a dor era no peito.

Novamente, mais jatos de spray. A muralha bambeou, mas não se desfez. Um policial tirou o cassete e ameaçou bater em seu

Antônio, que estava de olhos bem cerrados devido à pimenta. O porta-voz dos policiais falou novamente: “Saiam da frente ou ‘o caldo vai engrossar’”.

Não houve resposta. Dois policiais então começaram a dar golpes de cassetete nos moradores, que tentavam se defender como podiam. Dona Teresa foi atingida na cabeça; o ardor dos olhos passou por um instante, devido ao sangue, que tomava de conta de seu rosto. Ainda assim, a muralha não se desfez. “Seus desgraçados, vocês deveriam nos proteger”, gritou seu Antônio.

O tenente assoviou e pediu para a tropa retornar. Foi então que ele apontou para a Tropa de Choque, cerca de 15 homens, e ordenou que fossem em direção à vila. Iniciou-se então um ritual típico dessa tropa especial. Os soldados iam marchando lentamente, enquanto batiam em seus escudos com cassetetes e gritavam “Choque, Choque”. Os da frente portavam escudos, os de trás, armas grandes de bala de borracha e jatos de spray de pimenta. Os moradores ficaram mais tensos nesse momento.

- Não desfaçam a barreira humana, gritou Gustavo, com olhos entreabertos devido à pimenta. Ele também levou um golpe na cabeça, mas não sangrou, apesar de estar com um enorme “galo” na testa.

- Esses malditos! Eu nunca pensei que eles fariam isso com pessoas trabalhadoras, como nós, gritou seu Arnaldo.

Em casa, Pedro, seu irmão e sua mãe estavam sufocando com o efeito do spray de pimenta que se alastrou por toda a vila. O pequeno Paulinho, de apenas dois anos, sem saber o que ocorria, chorava desesperadamente, o que contribuiu para Pedro e sua mãe também chorarem e se desesperarem. Eles se trancaram no banheiro e ficaram jogando água no rosto, na esperança de o ardor passar.

Ali perto, todos os vizinhos, nos condomínios, já estavam em suas janelas. Jéssica tinha acabado de acordar e tentava entender o que ocorria.

- Mãe, eles vão matar o Pedro, eles vão matar todos na vila! O que a gente faz?!

- Minha filha, não olhe isso, deixe a polícia fazer o seu trabalho, disse Mariana.

- Mãe, por que você tá falando isso?! Pai, vai lá fazer algo, você é o presidente da associação, eles vão te ouvir!

Seu Roberto olhou para a filha rapidamente, virando novamente o rosto para a janela, sem dizer uma palavra.

Na entrada da vila, a tropa de choque se aproximou da muralha. Um dos policiais, sem falar nada, deu um golpe de tonfa no ombro

de Gustavo e gritou: “Toma essa, seu vagabundo terrorista!”. Depois disso, os policiais iniciaram uma sessão de tiros de bala de borracha, de golpe de tonfa e de jatos de spray de pimenta. Em menos de um minuto, a muralha havia cedido. Alguns correram para se esconder em suas casas, outros apenas desabaram no chão e ficaram chorando. Gustavo desmaiou do golpe que recebeu. Dona Teresa foi outra que ficou desacordada. Seu Arnaldo se ajoelhou a alguns metros do portão da vila, já perto da porta de sua casa, e começou a rezar soluçando. Os olhos e a garganta ardiam. Havia levado uma bala de borracha na bochecha, o que lhe rendeu um ferimento cheio de sangue, que escorria por seu pescoço. “Por que vocês estão fazendo isso conosco? Por quê?!” gritou a ponto de saltar uma veia de sua testa.

A cena foi tão desproporcional que alguns moradores dos condomínios começaram a gritar para que aquela ação parasse. Alguns gravavam tudo com seus aparelhos de celular, alimentando as redes sociais.

Os policiais entraram na vila e começaram a expulsar todos os moradores. Os que tentavam resistir levavam jatos de spray de pimenta ou golpes de tonfa. Em menos de 20 minutos, todos os moradores foram expulsos de suas casas, levando a roupa do corpo e alguns poucos pertences. Quando o tenente foi avisado de que já não havia pessoas na vila, autorizou que os tratores finalizassem o serviço. Não foram precisos mais do que 20 minutos para aqueles casebres irem ao chão. Nas casas ficaram TVs, geladeiras, camas, documentos e dignidade.

Pedro não conseguia abrir os olhos. Não porque ardiam, mas porque não queria ver aquela cena. Jéssica, deitada com o rosto colado ao chão de seu quarto, chorava baixinho e torcia para o amigo estar bem.

Quando os tratores estavam terminando de colocar algumas paredes no chão, começou uma chuvinha fina, um sereno, que molhava, mas não incomodava.

- Isso é Deus mandando um sinal de alívio pra gente, disse dona Laura sobre a chuva.

- Não coloque Deus no meio disso, dona Laura. Deus jamais deixaria isso acontecer, protestou seu Antônio.

Todos os moradores estavam agora na praça da Amizade, em frente aos restos da vila. Pareciam não acreditar no que tinha acabado de acontecer. Alguns estavam visivelmente em estado de choque. Outros, necessitavam de atendimento médico urgentemente. Assim começava mais um dia na Grande Fortaleza.

CAPÍTULO 5

Adeus ou até logo

Dez dias já tinham se passado, desde que a vila havia sido derrubada. Muita coisa aconteceu nesses dias: os moradores ficaram acampados na praça. Conseguiram doações de roupas, comida e de barracas de acampamento. Um dos prédios vizinhos decidiu ceder o banheiro da área de lazer para que os moradores pudessem usar. A votação na reunião de condomínio foi apertada.

Conforme foi previsto pelo vice-presidente do MLMNC, a matéria publicada na TV Ceará do Futuro não mostrou as imagens das agressões, do massacre, mas apenas algumas imagens isoladas, como a fala do oficial de justiça e o trabalho de derrubada dos tratores. Seu Antônio foi entrevistado e teve uma fala de cinco segundos veiculada. O advogado da construtora Efficiency teve 42 segundos de réplica.

Nas redes sociais, na internet, foram veiculadas imagens gravadas por moradores de condomínio, durante a ação policial. Apesar de mostrarem as agressões e a desproporcionalidade da ação de reintegração de posse, serviram basicamente para discussões “vazias” entre defensores e acusadores da ação, não tendo nenhum efeito prático para além disso.

Os moradores e os membros do movimento feridos foram levados a hospitais e liberados no mesmo dia, ou no dia seguinte. Não houve feridas graves. Pelo menos, não físicas. O MLMNC estava pleiteando, junto à prefeitura, o cadastro dos moradores em programas habitacionais, mas tratava-se de uma ação que poderia demorar dois ou três anos, até que pudessem ocupar o imóvel.

Jéssica conseguiu convencer seu pai e sua mãe de que iria todos os dias conversar com Pedro na praça. Também conseguiu convencê-los a ajudar os desabrigados.

- Oi, Pedro. Como você tá?

- Oi, Jéssica. Acho que estou bem. Faz muito frio à noite aqui na praça, sabia? Eu não desconfiava que nossa cidade pudesse ser tão fria de madrugada. Oi, seu Roberto.

- Oi, Pedro. Seja forte, logo você e seus pais vão encontrar outro canto pra morar.

- Obrigado. Espero que sim.

Seu Roberto levou roupas velhas e um pacote de arroz para os desabrigados.

- Boa noite, seu Arnaldo. Você está bem?, perguntou Roberto.

- Boa noite, seu Roberto. É impossível estar bem nessa situação, mas agradeço por se importar.

- Sei bem o que você tá passando.

- Sabe, seu Roberto?

- Quero dizer, você me entendeu, sou solidário à sua dor.

- Ah, obrigado.

- Trouxe umas doações pra vocês. Acho que é sempre bom ajudar a quem precisa.

No dia seguinte, Gustavo, ainda com pontos na testa, foi ao acampamento conversar com os moradores.

- Bom dia a todas e a todos! Tenho duas boas notícias: a primeira é que a criação da Associação de Moradores Santo Expedito está quase concluída. Conforme vocês deliberaram na última reunião, dona Teresa será a presidente e seu Arnaldo, o vice.

Os moradores esboçaram uma comemoração, mas as forças eram poucas.

- Como vocês sabem, a criação da associação pode facilitar a busca por reparações a vocês. Nossos advogados já entraram com uma ação contra o tenente que comandou a reintegração de posse. O juiz Anacleto também está sendo alvo de uma ação judicial por ter autorizado a reintegração, antes de todos os recursos possíveis. Além disso, entramos com uma ação por danos morais e materiais.

- Isso vai dar em alguma coisa, seu Gustavo?

- Seu Antônio, eu não ficaria esperançoso. Esse tipo de gente não é punido em nosso país, nós sabemos. Mas pode servir pra que eles evitem esses excessos no futuro. A outra boa notícia é que a prefeitura de Fortaleza decidiu liberar um auxílio-moradia a todas as famílias da Vila Santo Expedito, enquanto vocês não são beneficiados pelo imóvel do programa de habitação.

A segunda notícia foi bastante comemorada. As pessoas se abraçaram e se confraternizaram por um instante.

- E de quanto é esse auxílio?, questionou dona Teresa.

- Bem, é de R\$ 400,00. Não é muito coisa, mas já vai ajudar em algo.

- Com esse valor nós só vamos poder alugar algo distante do Montese ou até em outro município.

- Eu sei, dona Teresa, não é o ideal, mas pelo menos vocês vão poder sair dessas barracas e não vão precisar dividir um único banheiro. Estamos tentando conseguir que o auxílio seja liberado antes do Natal, mas não é garantido, visto que faltam poucos dias.

De fato, os moradores não receberam o auxílio antes do Natal e tiveram que comemorar ao relento aquela data tão importante para todos ali. Com as doações, conseguiram fazer uma ceia coletiva. Jéssica conseguiu convencer sua mãe a passarem o Natal com os desabrigados. Seu Roberto se recusou a ir.

- Pedro, Feliz Natal pra você! Espero que você volte a ter uma casa logo e que possamos estudar juntos na escola, ano que vem. Este presente é pra você, disse Jéssica, abraçando fortemente o amigo e lhe entregando um porta-retratos com a foto de ambos em uma festa da escola.

- Feliz Natal pra você também, Jéssica! Infelizmente, eu não tenho nada pra te dar de presente.

- Ora, Pedro, sua amizade é o meu presente. Vamos ser amigos pra sempre.

No início de janeiro, as famílias começaram a receber o auxílio-moradia da prefeitura. Inevitavelmente, foram morar em locais distantes de onde ficava a Vila Santo Expedito, locais onde o aluguel era mais barato. Dona Teresa foi para a Barra do Ceará. Seu Antônio para o Pirambu. Outros foram para o José Walter, a Lagoa Redonda, etc, todos bairros periféricos. Alguns decidiram voltar para o interior de suas famílias, abandonando de vez a cidade grande e até abrindo mão do auxílio da prefeitura. A família de Pedro decidiu ir para Maracanaú, cidade da Região Metropolitana que faz divisa com a capital. De lá, seu Arnaldo poderia embarcar no trem que passava próximo do Montese, onde ainda estava empregado na escola Arco-íris, apesar de ter se afastado temporariamente.

- Mas você vai continuar estudando na Arco-íris, não é, Pedro?

- Eu espero que sim, Jéssica. Meu pai vai ver como é o trajeto de trem e se teremos condições de pagar as passagens todos os dias. Mas eu acredito que vai dar certo, sim.

- Vou ficar com muita saudade de você, mas tenho certeza de que vamos nos rever em fevereiro, na escola. Até logo!

Os amigos se despediram com um forte abraço e com muitas lágrimas. Ambos sabiam que aquela despedida poderia ser um “Adeus”, e não um “Até logo”, mas a vida tem disso: encontros e desencontros. Assim como haviam se encontrado e feito a diferença na vida um do outro, agora era o momento de se encontrarem, talvez para que novos encontros pudessem ocorrer e que novas amizades pudessem surgir. As lágrimas, dessa vez, eram de tristeza, não de solidão ou de perda. Isso abria caminho para que novas alegrias pudessem surgir, no futuro.



FIM



PARTE 2

Problematicando



A segunda parte do livro tem o objetivo de problematizar o conteúdo da obra literária Jéssica e Pedro, buscando compreender em profundidade os temas abordados no texto, a partir do diálogo com autores que estudam esses temas. O argumento central é o desenvolvimento da “imaginação sociológica” (WRIGHT MILLS, 2009) pelos discentes, a partir da análise da obra literária.

Wright Mills (2009) destaca que a pessoa comum é limitada à sua órbita privada, isto é, muitas vezes, não consegue compreender problemas pessoais em associação com questões sociais. O desemprego, a violência, os comportamentos, etc. são problemas pessoais ou estão relacionados a questões sociais? A partir das respostas a essa pergunta, “a imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima” (WRIGHT MILL, 2009, p. 11). Dito isso, as seções seguintes devem ser lidas com o entendimento de que os problemas pessoais vividos por Jéssica e Pedro têm relação, também, com questões sociais amplas, com a história.

Ao mesmo tempo, as quatro seções a seguir são curtas e tentam ser o máximo objetivas possível. Dessa forma, pode servir tanto para docentes quanto para discentes da educação básica. Caso a pessoa docente tenha interesse, pode solicitar a leitura da Parte 2 à turma. Por outro lado, caso não esteja previsto no plano de curso, a pessoa docente pode limitar a leitura da turma à Parte 1, servindo a segunda parte para estudos e planejamentos docentes.

Além da problematização dos temas da obra literária, há diversas sugestões de recursos didáticos para serem utilizados em sala de aula, tais como: filmes, músicas, *podcasts*, imagens, dados estatísticos, outras obras literárias, etc. Ademais, ainda há sugestão de atividades tradicionais e diversificadas. Dessa forma, a pessoa docente tem acesso a um leque de possibilidades para trabalhar com os temas em suas aulas.

Uma estratégia de docentes da educação básica é de utilizar variados recursos em sala de aula, a fim de diversificar as aulas e, assim, atrair o público adolescente e jovem, que se caracteriza pela alta conexão na internet e uso constante de suas ferramentas. Dessa forma, atrair esse público pode ser um verdadeiro desafio para uma escola ainda muito pautada em tradições. Dito isso, o uso de filmes, documentários, músicas, *podcasts*, imagens, livros, dados estatísticos, etc. pode contribuir para os objetivos docentes.

Foi pensando nisso que este livro elencou uma série de recursos para os temas problematizados. Cada recurso elencado possui uma breve descrição e também problematização do conteúdo, a fim de orientar a pessoa docente em sua utilização. Além das indicações e problematizações neste livro, a pessoa docente pode buscar e perceber outras, com o objetivo de enriquecer ainda mais os debates em sala de aula.

Independentemente do recurso escolhido para uso em sala de aula, a pessoa docente tem que ter em mente que o recurso deve ser usado como suporte para os objetivos da aula ou da disciplina. A exibição de um filme ou de uma música em sala de aula pode muito bem soar à turma como um momento exclusivamente de lazer, mas a intenção dos recursos não é esta. Por mais que seja agradável assistir a um filme ou ouvir uma música, o uso disso em sala de aula deve ser motivado pelos objetivos docentes.

Dessa forma, as sugestões nas seções seguintes buscam elencar recursos que dialogam com os temas abordados em cada capítulo de Jéssica e Pedro. Este livro não indicará estratégias para o uso dos recursos didáticos, tais como: se devem ser usados antes, durante ou depois da explanação sobre determinado conteúdo, se devem ser exibidos no todo ou em parte, etc. Esses detalhes devem ser refletidos por cada docente, adequando o uso ao seu plano de aula ou de curso, assim como à estrutura disponibilizada pela escola e à carga horária da disciplina.

Por fim, é importante que a pessoa docente analise com atenção os recursos antes de exibi-los para a turma, principalmente, levando em consideração que algumas obras possuem classificação etária e que isso pode ser, inclusive, uma forma de proteção docente, pois pode haver reclamação de discentes ou de familiares acerca da exibição de alguma obra. Se a classificação etária está em acordo com a idade dos discentes, esse tipo de reclamação tende a ser inócua, trazendo segurança para o trabalho docente; ainda mais, considerando os tempos atuais de clima persecutório contra a ciência e o conhecimento crítico. A função docente não pode ser pautada em crenças pessoais e familiares de estudantes. A escola é um espaço de interesse público, não podendo servir a interesses privados.

Recursos didáticos

Muitos dos recursos elencados neste texto têm relação com a arte, como é o caso de filmes, imagens, teatro, música e livros. Segundo Bauman (2015), a Sociologia e a arte se complementam, “pertencem ao mesmo ramo de negócios” (BAUMAN, 2015, p. 24). A literatura, por exemplo, precisa trespassar a “cortina” da realidade, algo similar à prática sociológica, que busca a essência das coisas. Para o

autor, há uma diferença entre quem produz Sociologia e quem produz arte: os cientistas são menos sensíveis às experiências (BAUMAN, 2015, p. 29), indicando o potencial da arte em relação à interpretação da realidade. Wright Mills (2009) atribui papel parecido a romancistas, a dramaturgos e a poetas.

Por outro lado, “nem tudo que reluz é ouro”, ou seja, algumas obras indicadas neste livro podem não ser consideradas arte por alguns grupos sociais, como é o caso dos filmes identificados como *blockbusters*, produzidos para vender o máximo possível, desfigurando, assim, o conceito de arte em que o belo é o objetivo final. Apesar disso, alguns *blockbusters* indicados servem para a problematização e a análise em acordo com os temas apreciados. Por outro lado, a arrecadação desses filmes também serve para análise. Por que um filme sobre um tema específico ou com um personagem específico arrecada tanto, ou tão pouco? É um questionamento que pode ser feito, a fim de fomentar o debate em sala de aula sobre os motivos que levam a isso.

Já em relação à notícia, a margem de manobra é menor, ao ser pautada em fatos, logo, a forma como a notícia é transmitida pode ser diversificada, mas existe um limite para isso, que é o próprio fato em si. Por exemplo: dizer que um estupro foi motivado pela roupa ou pelo comportamento de uma mulher não condiz com os fatos, pois o fato é o crime cometido pelo estuprador. Tentar tirar o foco do crime ou relativizá-lo deixa de ser notícia para ser outra coisa, como: opinião, defesa moral (nesse caso, uma moral doentia) ou, talvez, incitação ao crime.

Uma ferramenta nova e que pode ser importante aliada de docentes são os *podcasts*, que se multiplicam dia após dia e que podem ser identificados como uma “tecnologia de oralidade”, visto que têm relação com locução, debates, locução verbal, etc. Dito isso, “*podcast* consiste em um modo de produção/disseminação livre de programas distribuídos sob demanda e focados na reprodução de oralidade e/ou de músicas/sons” (FREIRE, 2013). É necessário ter cautela ao selecionar um *Podcast*, pois o formato “livre” desse tipo de programa abre margem para falas pouco críticas, além da possibilidade de reprodução de preconceitos e estereótipos, ou até cometimento de crimes¹. Apesar disso, vale o desafio de encontrar programas satisfatórios para a contribuição em sala de aula.

1 Em 2022, em um podcast brasileiro, o apresentador defendeu a existência de um partido nazista no país, por exemplo. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/02/08/podcaster-monark-partido-nazista.htm> Acesso em: 11 mar. 2024. Também houve o caso em que um deputado brasileiro comparou africanos a macacos, em 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2023/07/03/agu-aciona-deputado-gustavo-gayer-por-associar-qi-de-africanos-ao-de-macacos.htm> Acesso em: 11 mar. 2024.

Trabalhar com imagens pode ser um grande desafio para a docência. Apesar disso, a análise de fotografias ou outras imagens fixas, ou móveis (filmes, documentários, peças teatrais, etc.) pode contribuir para a elucidação de temas importantes em sala de aula. A análise consiste na desconstrução/reconstrução do objeto, logo, é necessário que a pessoa que analisa observe com atenção os detalhes da imagem, buscando perceber nuances que, em um primeiro momento, podem passar despercebidos. Esses detalhes contribuem para o entendimento da cena completa e do seu desenrolar, possibilitando que possamos ligar a imagem a uma questão social.

Nesse sentido, segundo Silva (2017, p. 42. Grifos do autor), “docentes e discentes não precisam ser fotógrafos ou vídeo *maker* profissionais. O mais importante é o *ver* e o exercício da *imaginação sociológica*”. Dessa forma, o exercício de análise e imagens não é uma tarefa para uma parcela de pessoas notáveis, podendo ser exercitado por qualquer indivíduo, desde que tenha as “ferramentas” necessárias, que, nesse caso, devem ser disponibilizadas pela ciência.

Em relação ao uso de canções, percebo, a partir de minha experiência como estudante e como docente, que é algo comum em sala nas últimas décadas, apesar de nem sempre haver a devida ligação com os objetivos da aula. Dessa forma, é necessário haver atenção para que ocorra essa ligação. Bodart (2021, p. 17) destaca que o uso de canções contribui para a pessoa docente alcançar dois objetivos em sala de aula: “tornar as aulas mais atrativas e sempre evidenciar a importância do que ensinamos, relacionando os conteúdos à realidade dos(as) estudantes”. Ao afirmar isso, o autor busca destacar que as canções estão presentes no dia a dia de estudantes e que ouvir uma música pode ir além do mero prazer, servindo para a compreensão da realidade social, por exemplo. Dessa forma, usando canções em sala de aula, ao evidenciar o que se ensina, a pessoa docente o faz com atratividade, pois a música se torna um chamariz para a turma compreender o conteúdo escolar.

Dito isso, a seguir, são apresentadas quatro seções Problematizando, correspondentes a cada capítulo do livro Jéssica e Pedro, sendo excluída a análise do quinto e último capítulo da obra literária, visto que é um capítulo de encerramento.

Problematisando:

Capítulo 1 – Ser menino, ser menina



Desigualdade de gênero

O primeiro capítulo de Jéssica e Pedro aborda centralmente o tema da desigualdade de gênero. Este tema é um tabu em nossa sociedade, no sentido de que ter comportamentos considerados impróprios para cada sexo não é aceito socialmente. Isso é comprovado pelo fato de a palavra gênero ter sido interdita da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), aprovada em 2019². Carvalho e Rabay (2015, p. 119) destacam o seguinte sobre isso:

“Gênero” é um conceito debatido e ressignificado no campo dos estudos feministas e ainda de difícil compreensão em geral. A partir de sua generalização, tem se tornado praticamente sinônimo de “sexo” na linguagem comum e até mesmo acadêmica (fora do campo dos estudos de gênero e/ou feministas).

Como se percebe, as autoras compreendem que há confusão acerca do entendimento do conceito. Isso parece contribuir para a tentativa de interdição de debates sobre o tema. Muitas vezes, essa vedação indica que os “lugares” de homens e de mulheres são considerados naturais por parte significativa da sociedade brasileira, isto é, homens e mulheres não podem ocupar os mesmos “lugares”, cada sexo deve se debruçar sobre funções sociais diferentes, reeditando uma nova divisão sexual do trabalho. Em outras palavras, homens e mulheres precisam ter comportamentos diferentes.

Isso fica claro no texto quando as crianças são tratadas de formas diferenciadas por suas famílias: a menina que é chamada e tratada como princesa e que tem o lar, o espaço privado, como *locus* de atuação. A Jéssica de hoje tende a assumir o papel das mães amanhã: a mãe de Pedro que realiza o trabalho doméstico e não concebe que homens o façam: “Cozinha não é lugar de menino”, diz a mãe, quando Pedro tenta lavar as louças. A mãe de Jéssica como submissa ao marido, tendo de aceitar suas imposições e desconsiderando sua própria opinião sobre certos assuntos.

2 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/cne-retira-genero-orientacao-sexual-da-base-curricular-22179063> Acesso em: 24 jul. 2020.

Por outro lado, o menino que é tratado com independência e que, apesar da pouca idade, pode sair à rua, o espaço público, sem maiores preocupações. No mesmo sentido, o Pedro de hoje tende a ser os pais de amanhã: responsável econômico pela família e que não se envolve com trabalhos domésticos. Em outras palavras, a criação de cada criança – um processo social – impacta na formação de seus comportamentos e de seus valores.

Sabendo disso, o debate sociológico sobre gênero torna-se necessário, visto que

na Sociologia, todas as definições para gênero buscam compreender os papéis desiguais, submissos, construídos historicamente e socialmente em relação às mulheres. Gênero é um conceito que se refere à construção social do sexo, ou seja, à definição, pela sociedade, do significado do sexo biológico (ORSATO, 2021, p. 101).

Dessa forma, a Sociologia cumpre o papel de debater o que é social no comportamento humano, diferenciando isso de comportamentos biológicos. Fraga e Maçaira (2021, p. 82) indicam isso ao destacar que a divisão sexual do trabalho é resultado de construções sociais: “resultado de relações sociais entre homens e mulheres e variam de acordo com a época e o país”. Os autores citam o caso da profissão de jornalista, que durante o século XX, no Brasil, era majoritariamente masculina, mas que no século XXI passou a ser majoritariamente feminina.

Esse debate também pode ser feito a partir de características de sociedades simples ou complexas, tendo como base uma visão durkheimiana, visto que o autor destaca que em sociedades simples, com pouca divisão do trabalho, geralmente há maior divisão sexual do trabalho, enquanto as sociedades complexas têm características opostas: muita divisão do trabalho e menor diferenciação entre sexos. Dessa forma, a própria dinâmica social de determinada sociedade pode contribuir para maior ou menor diferenciação entre os sexos.

Apesar disso, há resistências às transformações, visto que o Brasil possui grandes centros urbanos que podem ser compreendidos como sociedades complexas, mas, por outro lado, existem movimentos políticos que defendem que os papéis tradicionais de gênero persistam. Talvez o caso mais emblemático vivido pelo país nos últimos anos tenha sido a famigerada frase de uma ministra de governo de extrema-direita que atribuía a cor rosa às meninas e a cor azul aos meninos. Uma metáfora para indicar comportamentos diferenciados almejados para cada sexo biológico.

Esse tipo de manifestação política pode contribuir para maior confusão, visto que comportamentos de meninas e de meninos não

são os mesmos em todas as sociedades. Há sociedades em que há pouca divisão social do trabalho, mas em que mulheres exercem funções que, por exemplo, no Brasil, são consideradas masculinas. É o caso de mulheres indianas fotografadas por Sebastião Salgado, em 1989: necessitam se cobrir da cabeça aos pés, conforme manda sua tradição religiosa, mas estão trabalhando na construção civil carregando canos de irrigação, profissão considerada masculina no Brasil.

Em outros países, como o Canadá, que pode ser considerada uma sociedade complexa, é comum ver mulheres dirigindo ônibus, pilotando tratores, recolhendo lixo como garis, etc., mas, no Brasil, é raro ver mulheres nessas funções. Nesse sentido, Orsato (2021, p. 103) destaca o seguinte:

As diferenças de sexo passaram a expressar diferenças culturais e não mais naturais ou biológicas. As tarefas domésticas não são consideradas atribuições femininas porque as mulheres são naturalmente mais aptas para esse trabalho, mas porque isso faz parte da construção social da hierarquia de gênero, da divisão arbitrária entre esfera privada (destinada às mulheres) e a esfera pública (espaço dos homens). A interpretação sobre as atividades consideradas masculinas e femininas faz com que as diferenças sejam percebidas como desigualdades, resultado das práticas culturais que definem o que é “ser homem” e o que é “ser mulher” em cada contexto.

Assim como os papéis de Jéssica e de Pedro, que contribuem para moldar seus comportamentos: a do lar e o da rua, a dos trabalhos domésticos e o da política, a sensível e o “casca-grossa”, a passiva e o ativo, etc. Essas diferenças comportamentais relacionadas com a cultura local acabam, segundo a autora, sendo transmutadas em desigualdades, criando, assim, um ambiente de disparidade de poder entre as pessoas. No livro, Jéssica e Pedro têm um diálogo que busca problematizar esse cenário: quando a garota convida o amigo para brincar de boneca. Ela faz um questionamento pertinente: se um homem mora sozinho, ele não cozinha? Aprender a cozinhar, mais do que uma atividade feminina, é uma atividade essencial para a vida, independentemente do sexo.

Essa disparidade é o que embasa a criação do conceito de “minorias” que serve para outras situações, além da questão de gênero. Os grupos minoritários não necessariamente são minoritários em quantidade, mas são minoritários em poder. Um exemplo: as mulheres representam mais da metade da população brasileira. Não são minoria numérica, mas, sim, minimizadas nas relações de poder de gênero.

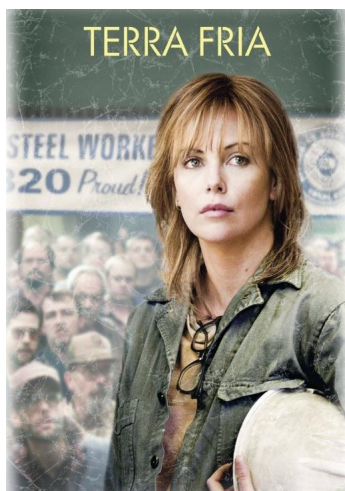
Sugestões de recursos didáticos:

Capítulo 1 – Ser menino, ser menina



Sugestão de filme

Filme 1: Terra fria



Fonte: Warner Bros.

Josey Aimes se separou após sofrer violência doméstica. Ela voltou para a casa dos pais, em uma pequena cidade, com seus dois filhos (de pais diferentes). Lá, ela consegue emprego em uma mina, que é considerado um trabalho masculino. Além dos comentários da população sobre sua vida íntima, ela e outras mulheres sofrem várias formas de assédio no local de trabalho. Josey, então, decide processar a empresa. Filme baseado em fatos reais.

Conferir classificação etária indicativa.

Filme 2: A Colmeia



Fonte: Zeitgeist Films/ Kino Lorber.

Após a Guerra do Kosovo, uma pequena aldeia praticamente não tem homens em idade produtiva. Fahrije, então, decide se unir a outras mulheres para criar seu próprio negócio. Porém, a comunidade tradicional e patriarcal não está feliz com essa decisão. O filme nos ajuda a pensar sobre os papéis sociais destinados a homens e a mulheres e como isso pode afetar o desenvolvimento de uma sociedade e a autoestima de mulheres que ousam desafiar o status quo. O filme é baseado em fatos reais.

Conferir classificação etária indicativa.

Filme 3: A Mulher Rei

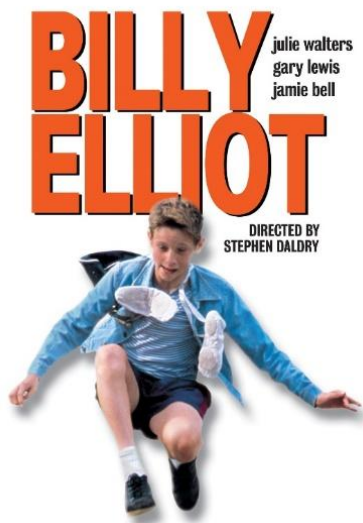


Fonte: Sony Pictures Releasing.

A película, baseada em fatos reais, mostra a história de um esquadrão de guerreiras mulheres africanas que lutam, entre outras coisas, contra o processo de colonização europeu. A obra serve, por exemplo, para desnaturalizar o papel de fragilidade atribuído ao sexo feminino.

Conferir classificação etária indicativa.

Filme 4: Billy Elliot



Fonte: Universal Pictures.

Rosa para meninas e azul para meninos, certo? Essa frase aponta para uma extrema divisão de papéis entre os sexos, o que inclui até a cor de suas vestimentas. Nesse sentido, poderíamos dizer: meninos jogam futebol e meninas fazem balé. Não parece ser o caso de Billy Elliot. Esse emocionante filme conta a história de um garoto que, contrariando seu pai – e a sociedade! –, decide fazer balé. Os obstáculos do garoto são muitos e passam, principalmente, pelo embate com a moral social vigente em sua sociedade.

Conferir classificação etária indicativa.



Sugestão de *PodCast*

Podcast 1: Praia dos ossos



Fonte: Rádio Novoel.

O podcast de oito episódios conta a história da morte da socialite Ângela Diniz, em 1976. A morte de Ângela e o julgamento de seu algoz, seu ex-namorado, Doca Street, marcaram uma guinada no movimento feminista no Brasil, segundo as produtoras. O episódio 7 (Quem ama não mata) e episódio 8 (Rua Ângela Diniz) abordam especificamente as primeiras manifestações feministas no país, assim como analisam informações sobre feminicídio e machismo no Brasil.



Sugestão de imagem

Imagem 1: Mulheres na construção civil



Fonte: foto de Sebastião Salgado. Exposição Trabalhadores, no SESI Lab, Brasília, 2023 e 2024. Legenda: “Mulheres transportam canos que serão usados na irrigação. Rajasthan, Índia, 1989”.

Sebastião Salgado é um artista que passou a vida fotografando cenas que nos tiram do sério. Há uma série de imagens desse autor que podem servir para análise em sala de aula. A imagem anterior pode causar estranheza a um brasileiro: mais de uma dezena de mulheres cobertas das cabeças aos pés realizando trabalho de construção civil, atividade considerada masculina no Brasil. A cobertura de todo o corpo e da cabeça pode indicar que são adeptas do islamismo, religião minoritária na Índia. Somos habituados a pensar em mulheres muçulmanas como sendo extremamente submissas ao poder patriarcal. Sendo assim, a partir da perspectiva brasileira, o lar deveria ser o espaço reservado a elas. Todavia, a imagem indica diferenças culturais mais complexas, pois as mulheres realizam trabalhos de uso de força e em espaço público. A complexidade vem do fato de que, provavelmente, isso não significa que tenham maior autonomia frente aos homens.

O mercado de trabalho capitalista vem cada dia mais aumentando a proporção de mão-de-obra feminina. Todavia, isso não necessariamente deve ser visto como um movimento de inclusão, visto que elas são inseridas recebendo salários menores, além de estarem mais expostas a violências, como é o caso do assédio sexual no local de trabalho. Além disso, a tripla jornada de trabalho ainda é uma realidade para as mulheres, ou seja, além do trabalho assalariado fora do lar, o cuidado com a casa e com a família.

Imagem 2: Mulher pioneira na FAB



Em 2012, a 1ª Tenente Aviadora Adriana Gonçalves foi a primeira mulher a pilotar o maior avião da Força Aérea Brasileira (FAB), o modelo KC-137. As forças militares são compostas majoritariamente por homens, o que atribui a essas profissões o papel de masculinidade. Ainda é comum que concursos para militar tenham vagas restritas para mulheres, o que vem sendo cada dia mais questionado. Gonçalves contribui para desconstruir estereótipos.

Fonte: Reprodução/ FAB. Imagem desfocada.



Sugestão de música

Música 1: Triste, louca ou má (Francisco, El hombre)

A banda Francisco, El hombre canta a história de uma mulher genérica – que pode muito bem ser qualquer mulher brasileira – que se ousar não seguir a receita cultural do papel social destinado à mulher será qualificada como “triste, louca ou má”. A mudança dessa receita cultural só vem acompanhada de dores. Essa mulher brasileira que não quer ser “alvo de caça, conformada, vítima”, necessita rediscutir e reagir aos papéis sociais estabelecidos, logo, ela diz, mudando de 3ª pessoa para 1ª pessoa do singular: “Prefiro queimar o mapa/ Traçar de novo a estrada/ Ver cores nas cinzas/ E a vida reinventar”. A mudança na pessoa que narra a história parece ter relação com uma mudança de perspectiva na música: passando de um distanciamento para uma aproximação da causa. Segundo Elias (2008), a compreensão dos pronomes é importante para entender certos discursos. Dessa forma, não parece uma mera coincidência essa mudança na letra da música. As ações dessa mulher brasileira destacam os papéis sociais de gênero como passíveis de transformação. O espaço reservado para homens e para mulheres não são estanques e podem ser mudados, principalmente se considerarmos a agência das atrizes e dos atores sociais.

Música 2: Maria da Vila Matilde (Elza Soares)

Elza Soares canta a história de uma mulher empoderada que não relativiza a agressão sofrida da ação de um provável companheiro. A música, que uso o recurso da primeira pessoa do singular, destaca a reação de Maria, após sofrer agressão: “Eu vou ligar pro um oito zero/ Vou entregar teu nome e explicar meu endereço/ Aqui você não entra mais/ Eu digo que não te conheço/ E joga água fervendo se você se aventurar”. Maria tem conhecimento de seus direitos e conhece canais de denúncia, como é o caso do serviço telefônico 180 do governo federal para denúncia de violência doméstica e familiar contra a mulher³.

3 Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/denuncie-violencia-contra-a-mulher/violencia-contra-a-mulher> Acesso em: 13 fev. 2024.



Sugestão de livro

Livro 1: BOJUNGA, Lygia. A bolsa amarela. 36.ed. 5ª reimpr. – Rio de Janeiro : Casa Lygia Bojunga, 2023.

Raquel é uma garota comum que consegue uma bolsa especial. Duvido você adivinhar a cor da bolsa! Lá, ela guarda de tudo, incluindo as vontades dela, além de um galo, claro. As vontades da Raquel são três: de escrever, de ser grande e de ser... menino. Por qual motivo a garota tem vontade de ser menino? A resposta é mais óbvia do que parece.



Sugestão de dados estatísticos

Uma fonte interessante para pesquisar dados estatísticos sobre o tema é o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). O órgão publicou, por exemplo, o estudo Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 1995 a 2015⁴, que evidencia essas desigualdades no período destacado por meio de dados em larga escala colhidos principalmente na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). O documento mostra, por exemplo, que os lares chefiados por mulheres cresceram de 23% para 40% em 20 anos, indicando o acesso feminino ao mercado de trabalho, visto que uma parcela dessas famílias não é monoparental, como se pode pensar. Apesar disso, a parcela de mulheres empregada nunca ultrapassou 60% no país, diferentemente dos homens, que já chegou a 85%, indicando desigual acesso a empregos.

Outra fonte importante é o IBGE, que publicou o estudo Estatísticas de Gênero – Indicadores sociais das mulheres no Brasil⁵. A publicação mais recente é referente a dados de 2022, que indica que as mulheres ainda realizam cerca de 10h de trabalho doméstico a mais do que os homens, trabalho não remunerado e não reconhecido, mas que é essencial para a reprodução e também para a produção. O trabalho doméstico e a renda feminina são inversamente proporcionais, ou seja, se a renda é baixa, a mulher trabalha mais em casa. Isso, por óbvio, impede que a mulher tenha acesso ao mercado de trabalho: em 2022, apenas 53% delas participavam daquele mercado, enquanto a participação deles era de 73%.

4 Disponível em: https://www.ipea.gov.br/porta/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_raca.pdf Acesso em: 11 mar. 2024.

5 Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html> Acesso em: 19 mar. 2024.



Sugestão de atividade

Atividade diversificada

Separe a turma em dois grupos: os que se identificam como homens e as que se identificam como mulheres. Peça para cada grupo escrever em um papel profissões que considera tipicamente do sexo oposto, ou seja, o grupo dos homens enumeram as atividades femininas e vice-versa. Após isso, peça para uma pessoa representante de cada grupo ler as profissões atribuídas ao sexo oposto em voz alta. É provável que as reações do outro grupo sejam espontâneas, mas a pessoa docente pode contribuir com o debate questionando o outro grupo o seguinte: “Vocês acham que essa profissão combina com vocês?”, “Por que vocês acham que essa profissão está sendo atribuída a vocês?”. A pessoa docente também pode fazer questionamentos a ambos os grupos: “Alguém conhece uma pessoa do outro sexo que exerce essa função?”, “Vocês conseguem exercer as profissões que atribuíram como sendo do sexo oposto?”, “É válido exercer essa profissão atribuída ao sexo oposto em troca de salário?”.⁶

Atividade tradicional

1. Transcreva dois trechos do capítulo em que é possível identificar a desigualdade de gênero.
2. Há episódios de resistência à desigualdade de gênero no livro? Caso sim, comente-os.

Problematizando: Capítulo 2 – Eu não sou racista



Racismo e desigualdade racial

O racismo é provavelmente a maior mazela social brasileira. Não surpreende, visto que nosso país foi o último do continente americano a abolir a escravidão. Ademais, o racismo existente no Brasil possui características singulares, o que o diferencia, por exemplo, do tipo de racismo praticado nos Estados Unidos (EUA), país com intensos conflitos raciais.

As desavenças entre Pedro e Raul buscam indicar o tipo de racismo que existe no Brasil: as agressões se disfarçam de “brincadeira”, de “piada”. Também não é comum práticas públicas de racismo. Pelo contrário, nós brasileiros condenamos o racismo público, como indica o caso da agressora do goleiro Aranha, que o xingou de “macaco”, durante o jogo Santos e Grêmio, em 2014. No dia seguinte, a agressora disse o seguinte: “eu quero pedir desculpas ao goleiro Aranha. Perdão de coração. Eu não sou racista. Perdão. Perdão. Peço desculpas [...] Aquela palavra macaco não foi racismo de minha parte, foi no calor do jogo, o Grêmio estava perdendo”⁷.

Para entender melhor o racismo brasileiro, é interessante compará-lo com o racismo de outro país, como os EUA. Neste país, os conflitos raciais são exacerbados e abertamente violentos. Vale lembrar o caso da morte de George Floyd, em maio de 2020. Floyd, um homem negro, foi morto por um policial branco, no meio da rua, em plena luz do dia, com dezenas de câmeras filmando a ação. Isso indica que a violência contra negros naquele país não é escondida. É uma consequência do processo histórico estadunidense: após a abolição da escravidão, os EUA contaram com leis separatistas: brancos e não-brancos estavam proibidos de frequentarem os mesmos espaços, de se casarem e até de beberem água no mesmo bebedouro. Vários espaços públicos contavam com placas que indicavam o local dos white (brancos) e dos colored (pessoas de cor). Caso uma pessoa negra usasse um espaço exclusivo para brancos, ela poderia ser presa. Essa legislação segregacionista deixou profundas marcas na sociedade estadunidense que estão presentes até os dias de hoje, como mostra o episódio da morte de Floyd. Pessoa e Sousa Neto (2021, p. 93) dizem o seguinte sobre o tema:

7 Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/09/patricia-moreira-quebra-silencio-e-da-entrevista-sobre-caso-de-racismo.html> Acesso em: 24 jul. 2020.

o racismo estadunidense era explícito e estava presente nas leis, assim como era explícita a violência física contra os negros naquele país, poucas práticas racistas eram veladas. Até a década de 1960, eram comuns linchamentos de pessoas negras, que ocorriam em praças públicas e reuniam famílias brancas, como se estivessem em um piquenique.

Já no Brasil, o processo histórico foi diferente: após a abolição, não surgiram leis separatistas. Ao contrário, todas as Constituições brasileiras pós-abolição (1891, 1943, 1937, 1946, 1967 e 1988) contaram com a seguinte frase: “todos são iguais perante a lei”. Em um primeiro momento, isso parece indicar que não existia discriminação do negro no país, mas essa afirmação não se sustenta, se analisarmos outros dados da realidade.

Primeiramente, o negro foi marginalizado, após a abolição, visto que os postos de trabalho que eles ocupavam como escravizados passaram a ser reservados, principalmente, a imigrantes. O governo proibiu a entrada de imigrantes asiáticos e africanos, em 1890, além de ter subsidiado a vinda de centenas de milhares de pessoas, principalmente, da Europa. O governo brasileiro criou uma política pública de branqueamento da população. Para tanto, seria necessário evitar a entrada de mais pessoas negras no país. A aposta de nossas elites era a de que o cruzamento entre os negros residentes e os brancos que chegavam iria branquear a pele da população, logo, tratava-se de uma obra de engenharia social que visava a extinção do negro em solo nacional, uma política eugênica. Essa extinção se daria vagarosamente e havendo certa “harmonia” entre negros e brancos. Um representante do governo brasileiro que participou de congresso na Europa sobre eugenia no início do século XX chegou a dizer que esperava o branqueamento do Brasil em um período de cem anos, o que não foi bem recebido pelo público, devido ao longo período de tempo previsto (SCHWARCZ, 2012).

É necessário destacar que todo o violento e duradouro processo de escravização deixou marcas profundas na sociedade brasileira, assim como marcou nossa cultura. Esses traços não se apagam facilmente e sem intervenção. Além disso, o século XIX contou com as teorias raciais, isto é, teorias supostamente científicas que asseveravam a superioridade da “raça” branca em detrimento das demais. Hoje, sabemos que essas teorias eram meramente ideológicas, não havendo seriedade na realização dos supostos estudos. Todavia, não era esse o pensamento dominante naquele século.

Essas teorias eram extremamente problemáticas porque não possuíam rigor científico, utilizando-se de metodologias sem critérios bem definidos. Isso indica

o que hoje é óbvio: os resultados dos “estudos” eram políticos, e não científicos. Serviam basicamente para legitimar o domínio dos brancos sobre os não-brancos, substituindo a escravidão, que estava em declínio, por outras formas de dominação. Foi devido a isso que os negros passaram a ser classificados como moralmente degenerados, pois, por natureza, segundo aquelas teorias “científicas”, não possuíam a grandeza moral dos brancos. Essas falsas teorias prosperaram por todo o mundo ocidental, sendo bem recebidas pelas elites brasileiras (PESSOA; SOUSA NETO, 2021, p. 94).

Tudo isso culminou em um cenário prolongado de discriminação e de preconceito contra a população negra. O fim da escravidão significou o início do processo de exclusão da população negra. Não houve leis separatistas nem violência pública e midiática contra negros no Brasil: “enquanto nos EUA e em outros países havia o extermínio físico do negro, linchado em praça pública, no Brasil esse extermínio se dava de forma lenta, sem conflitos exacerbados e com a convivência aparentemente ‘harmônica’ entre negros e brancos” (PESSOA; SOUSA NETO, 2021, p. 95).

Isso gerou o famigerado mito da democracia racial, isto é, a máxima de que negros e brancos se relacionavam de forma harmônica, sem a existência de discriminação, preconceitos, exclusão e violência. A comum comparação entre EUA e Brasil fortalece aquele mito, pois, de fato, existe grande diferença entre o racismo de lá e o de cá, o que é explicado pelos processos históricos de cada país. Em relação ao caso brasileiro, Schwarcz (2012, p. 32) diz: “Isso indica que estamos diante de um tipo particular de racismo, um racismo silencioso e que se esconde por trás de uma suposta garantia da universalidade e da igualdade das leis, e que lança para o terreno do privado o jogo da discriminação”.

Esse terreno privado discriminatório – entre amigos, familiares, colegas, etc. – é comumente acessado por meio de piadas e comentários pretensamente inocentes, assim como faz o personagem Raul. Em relação à questão do humor, Moreira destaca o seguinte:

Ao contrário do que muitos atores sociais pensam, o humor não é mero produto de ideias que surgem espontaneamente nas cabeças das pessoas. As piadas que elas contam são produtos culturais, são manifestações de sentidos culturais que existem em dada sociedade. Por esse motivo, o humor não pode ser reduzido a algo independente do contexto social no qual existe. A produção do efeito cômico depende dos significados culturais existentes nas mensagens que circulam nas interações entre os indivíduos. Ele é, portanto, um tipo de mensagem que expressa o status cultural de que as pessoas

gozam em uma determinada comunidade [...] Os estereótipos derogatórios sobre minorias raciais expressam então entendimentos sobre os lugares que os diversos grupos sociais devem ocupar, as supostas características dessas pessoas, os limites da participação delas na estrutura política, a valoração cultural que eles podem almejar e ainda as oportunidades materiais às quais podem ter acesso (MOREIRA, 2019, p. 63).

Esse tipo de ação é chamado pelo autor de “racismo recreativo”, revelando que a discriminação racial está presente em nossa cultura ao ponto de elaborarmos e reproduzirmos trocas sobre vulnerabilidades de certas populações, em especial a negra. É o significado cultural que atribui o efeito cômico à piada, conforme destaca Moreira. Essas intervenções aparentemente inofensivas também têm a função de manter os lugares dos grupos sociais estanques, garantindo, dessa forma, a manutenção do status quo. É a partir dessa conclusão que o autor indica um dos efeitos do racismo recreativo que tem relação com o mito da democracia racial: “esse discurso permite que pessoas brancas possam utilizar o humor para expressar sua hostilidade por minorias raciais e ainda assim afirmar que elas não são racistas, reproduzindo então a noção de que construímos uma moralidade pública baseada na cordialidade racial” (MOREIRA, 2019, p. 63).

É nesse contexto que os diálogos da obra devem ser analisados, como, por exemplo, ressalta Pedro: “Sempre é a mesma coisa, Jéssica. Sempre ele [Raul] vem com esse papo de ‘brincadeirinha’”. Não só ele, mas todos que falam essas coisas comigo aqui na escola. Ninguém é racista nesta escola, dizem, mas muitos falam essas coisas comigo”. É o racismo à brasileira, permeado pelo racismo recreativo, que indica o tipo de preconceito sofrido pelo personagem.

Interseccionalidade

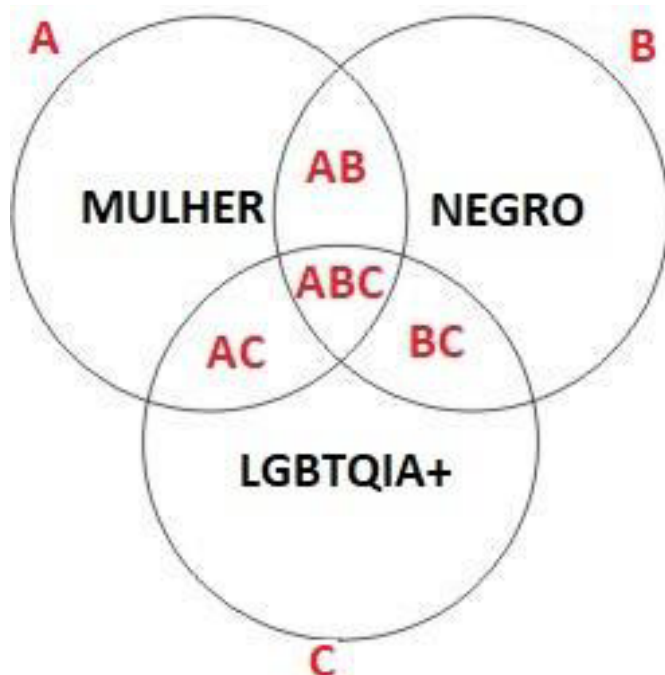
Outra questão importante a ser discutida é a interseccionalidade entre tipos de desigualdades apresentadas: de gênero e de raça. A interseccionalidade é inspirada em um conceito matemático que indica uma sobreposição de conjuntos, isto é, há conjuntos separados que podem, eventualmente, se conectar – ou, mais especificamente, se interseccionar – com outros conjuntos. Se isso ocorre, naquela intersecção os conjuntos possuem as mesmas características.

Nas ciências sociais, a interseccionalidade indica uma sobreposição de características para grupos de pessoas diferentes. Ou seja: o que o grupo mulheres tem em comum com o grupo negros? O que o grupo negros tem em comum com o grupo LGBTQIA+⁸? Aparente-

8 Significado da sigla: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexos, Assexuais e o símbolo + faz referências a outras orientações sexuais e identidades de gênero.

mente, há pouco em comum, pois cada grupo possui suas características próprias. Porém, esses grupos são distintos apenas teoricamente, pois, na realidade, os seres humanos não se limitam a essas barreiras conceituais. Um ser humano não é definido só pelas características de um grupo. É possível que uma pessoa seja uma mulher trans negra. Assim como há homem cis negro gay. Logo, há uma intersecção das características e, mais especificamente, há uma conexão entre as formas de discriminação. Isso acaba criando um somatório discriminatório, ou seja, quanto mais características de grupos discriminados uma pessoa tem, maior será a sua desvantagem na sociedade.

Imagem 1 - Interseccionalidade representada por meio do conceito matemático de intersecção de conjuntos.



Fonte: Produção do autor.

Legenda: AB – mulher negra; AC – mulher LGBTQIA+; BC – homem negro LGBTQIA+; ABC – mulher negra LGBTQIA+

Sugestões de recursos didáticos:

Capítulo 2 – Eu não sou racista



Sugestão de filme

Filme 1: O banqueiro

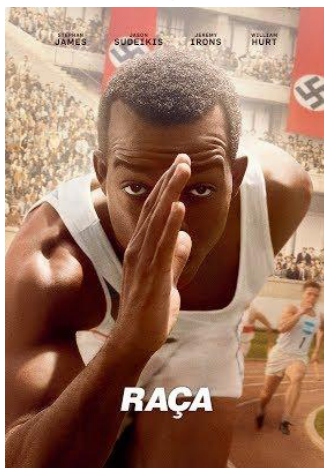


Fonte: Reprodução/ Apple TV+.

EUA segregacionista dos anos 1950: como um negro pode conseguir um empréstimo para ter condições de abrir seu próprio negócio? Como implementar o “sonho americano” se o banco o barra na porta? A solução para Garrett e Morris foi comprar seu próprio banco. Mas estaria o proprietário branco disposto a vender sua instituição financeira para dois negros? Para conseguir isso, eles precisam ser criativos. O filme expõe a intensa segregação racial nos EUA e serve para comparação com o caso brasileiro, que possui um racismo velado.

Conferir classificação etária indicativa.

Filme 2: Raça



Raça conta a história de Jesse Owens, corredor estadunidense que superou atletas arianos em pleno a Berlim Nazista, sob os olhos de Adolf Hitler, nas Olimpíadas de 1936. A conquista de Owens abalou as crenças de muitas pessoas que consideravam os brancos biologicamente superiores aos demais indivíduos. Contraditoriamente, ao voltar para os EUA, Owens continuava vivendo em um país segregado em que não podia frequentar alguns espaços e não podia se relacionar com algumas pessoas.

Conferir classificação etária indicativa.

Fonte: Entertainment One Films/ LFR Films/ SquareOne Entertainment.

Filme 3: Pantera Negra

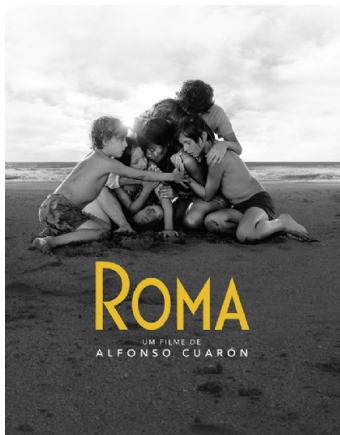


Fonte: Walt Disney Studios/
Motion Pictures.

Procuram-se super-heróis negros! Por décadas, os super-heróis foram exclusivamente brancos. Nos últimos anos, começou uma tendência de reparação com a adoção de personagens negros na telona. Pantera Negra foi um marco nessa tendência, visto que obteve ganhos de bilheteria volumosos, sendo um dos primeiros grandes sucessos de heróis negros. Após esse filme, outros seguiram o mesmo sentido de dar espaço para personagens não-brancos: Adão Negro, Falcão, Aquaman, etc. É provável que em breve Homem-Aranha ganhe uma adaptação cinematográfica para o personagem Miles Morales.

Conferir classificação etária indicativa.

Filme 4: Filme Roma



Fonte: Netflix.

Um filme para abordar interseccionalidade. Mulheres estão em uma posição desprivilegiada na sociedade, certo? Mas o que dizer da comparação entre uma mulher pobre e outra de classe média? O filme Roma mostra que ser mulher pode ter significados diferentes a depender da classe social a qual ela pertence. Por outro lado, essas classes sociais estão em contato e podem viver relações de exploração, de cooperação e de solidariedade.

Conferir classificação etária indicativa.



Sugestão de documentário

Documentário 1: Coleção Antirracista

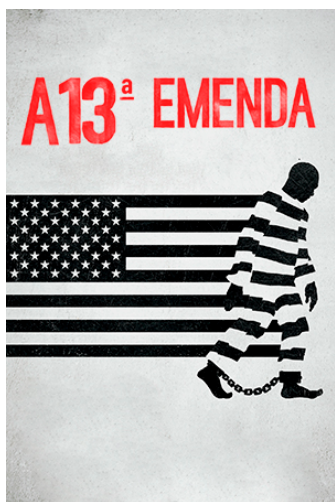


Fonte: Globoplay.

Documentário com oito curtos episódios, que têm entre 10 e 15 minutos cada. Fala da história da desigualdade racial, do racismo e do período da escravidão no Brasil. Intelectuais, políticos, artistas e ativistas são entrevistados.

Conferir classificação etária indicativa.

Documentário 2: A 13ª Emenda



Fonte: Netflix.

O documentário mostra como a 13ª emenda à Constituição dos EUA, responsável pelo fim da escravidão no país, deixou uma brecha para um novo tipo de exploração de negros naquele país, pois possibilita que criminosos possam ser submetidos a trabalhos forçados. Considerando o histórico segregacionista do país, isso impacta diretamente na população negra, que é maioria nos presídios.

Conferir classificação etária indicativa.



Sugestão de *PodCast*

Podcast 1: Mano a mano (Mano Brown/ Spotify)



Fonte: Spotify

de uma forma menos aflorada. No caso de Roque, filho de Regina, ele sequer conseguia brincar com seus colegas, pois as diferenças fenotípicas entre ele e as demais crianças dificultavam isso.

Em 04 de maio de 2023, foi ao ar a entrevista com Regina Casé. A artista fala, principalmente, sobre racismo (tema recorrente nas entrevistas realizadas por Mano Brown). Casé narra um caso inacreditável envolvendo seu filho, a única criança negra em uma escola de elite. Quando pensamos em desigualdade racial, é provável que pensemos em ameaças, violência e morte, mas uma criança pode vivenciar a desigualdade

Podcast 2: Projeto Querino



Fonte: Rádio Novelo.

O Podcast de oito episódios (mais faixa bônus) idealizado pelo jornalista Tiago Rogero conta uma série de eventos que destaca a desigualdade racial e o racismo no Brasil, explicando por qual motivo vivemos atualmente em um país com profunda cisão racial, indicada por dados estruturais.

Podcast 2: Foro de Teresina



Fonte: Revista Piauí.

do episódio aborda o caso do jogador e o racismo. Os jornalistas apre-

O Foro de Teresina foi um Podcast jornalístico da Revista Piauí que existiu entre 2018 e 2023. O episódio 254 Foro de Teresina foi ao ar em 26 de maio de 2023, na semana em que o jogador brasileiro Vini Jr. foi vítima de atos racistas durante um jogo do campeonato espanhol de futebol. O primeiro bloco

sentam o contexto dos crimes cometidos contra Vini Jr. na Espanha. Além disso, também destacam dados estruturais sobre racismo no Brasil e na Espanha.



Sugestão de imagem

Imagem 1: Apartheid nos espaços públicos dos EUA



Fonte: Elliot Erwitt/ Latinstok.

Essa conhecida imagem indica a separação entre brancos e negros nos EUA durante boa parte do século XX. Negros sequer podiam beber água no mesmo bebedouro que brancos. As placas indicam para quem são cada bebedouro: white (brancos) e colored (pessoas de cor).

Imagem 2: Apartheid nas escolas dos EUA



Fonte: autor desconhecido.
Link: <https://midiaeduca.wordpress.com/category/direitos-humanos/>

Na década de 1960, nos EUA, negros ganharam o direito de estudar nas mesmas escolas que os brancos, o que não ocorria antes. Isso gerou uma série de revoltas nos estabelecidos. A imagem mostra, em primeiro plano, uma garota branca segurando um cartaz que diz, em tradução livre: “Nós queremos manter nossa escola branca”. No fundo, há mais brancos com cartazes. Há outras imagens chocantes na internet sobre esse período.

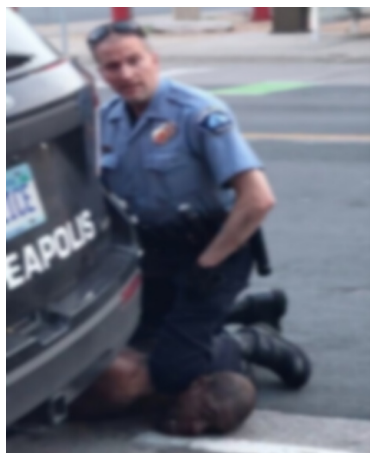
Imagem 3: Apartheid nos ônibus dos EUA



Fonte: Hank Walker /
Getty Images.

A tela mostra a divisão existente em transporte público nos EUA. Negros só podiam sentar na parte traseira do ônibus. Em 1955, Rosa Parks, uma mulher negra, se recusou a se levantar de uma cadeira e ceder seu lugar a um branco. Ela foi presa e isso deu início a uma série de manifestações a favor dos direitos civis naquele país.

Imagem 4: I can't breath

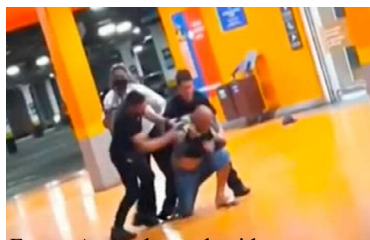


Fonte: Autor desconhecido.
Reprodução/Facebook.
Imagem desfocada.

Nove minutos. Esse foi o tempo em que o joelho do policial branco ficou sobre o pescoço de George Floyd. “Eu não consigo respirar”, alertou Floyd, enquanto ainda tinha forças. Floyd morreu e isso desencadeou em uma série de manifestações nos EUA e em vários países, em 2020. Um detalhe que geralmente passa despercebido em análises do caso: a ocorrência se deu à luz do dia, várias pessoas testemunharam e gravaram, mas o policial não tentou esconder seus atos em nenhum momento e nem parece estar nervoso com seus atos.

Isso indica o grau de violência com que negros são tratados pelas instituições estadunidenses, além da transparência dessa violência, algo que se diferencia do racismo brasileiro. Os processos históricos de ambos os países explicam essas diferenças.

Imagem 5: Racismo escancarado



Fonte: Autor desconhecido.
Reprodução/Facebook.
Imagem desfocada.

Em novembro de 2020, no estacionamento de um supermercado em Porto Alegre, um homem negro é espancado até a morte por funcionários. Um caso raro em que a violência racial é realizada abertamente no Brasil. Pessoa e Sousa Neto (2021) discutem o racismo à brasileira, um tipo velado, mas destacam que nos

últimos essa violência tem se tornado mais aberta, visto que está se tornando comum, representantes eleitos praticarem racismo abertamente, como o caso de um político de extrema-direita que disse que negros eram pesados em arrobas, unidade de peso de animais. Talvez o caso dessa imagem tenha relação com essas transformações.

Imagem 6: Falta diversidade?



Fonte: Reprodução/ Ável.
Imagem desfocada.

Uma empresa financeira de São Paulo decidiu fazer uma homenagem aos seus funcionários. Reuniu todos na cobertura do prédio e publicou essa foto. Quantos negros você vê? E quantas mulheres? A imagem repercutiu e chamou atenção para as desigualdades.

A empresa foi processada para apurar falta de diversidade e se defendeu informando que a diversidade é política da companhia.



Sugestão de música

Música 1: A carne (Seu Jorge, Marcelo Yuka, Ulisses Cappellette)

Interpretação: Elza Soares

Elza Soares interpreta uma música de letra forte que destaca a desvalorização de negros no Brasil. Ela diz: “A carne mais barata do mercado é a carne negra”. O videoclipe da música interpretada por Soares mostra pessoas negras em situações de humilhação e de agressão, fazendo referência ao período escravista. A letra faz referências à situação de classe social que é comprovada por dados estruturais da sociedade brasileira: a cor da pele influencia na situação econômica dos brasileiros.

Interpretação: Larissa Luz

A cantora ressignifica a letra de Elza Soares ao afirmar o seguinte: “A carne mais barata do mercado era a carne negra. Agora, não é mais”. Essa mudança indica as transformações pelas quais a sociedade brasileira vem passando nos últimos anos. Além das resistências de movimentos negros, políticas públicas foram fundamentais.

Música 2: Bonecas pretas (Larissa Luz)

Onde estão as bonecas pretas? A cantora parte dessa inquietação para nos presentear com uma música com alto nível de criticidade: “Procuram-se bonecas pretas. Procura-se representação”. Como uma criança negra consegue se enxergar relevante se não existem referências negras importantes durante sua infância? Onde estão as “mídias

virtuais”, os “anúncios constantes”, “revistas”, “jornais” destacando a importância do negro na sociedade? “Referência acessíveis é poder para imaginar”, arremata Luz.

Música 3: Cota não é esmola (Bia Ferreira)

Após a aprovação das cotas raciais em universidades públicas, houve uma série de manifestações contra a medida, além de constantes críticas. Bia Ferreira canta o dia a dia de uma criança/adolescente negra, destacando as dificuldades de ser negro no Brasil e como isso impacta no aprendizado, o que, por óbvio, não acontece com pessoas que têm nível econômico melhor e determinada cor de pele: “Experimenta nascer preto e pobre na comunidade/ você vai ver como são diferentes as oportunidades”. A cantora não deixa de falar do processo histórico por trás daquela situação: “São nações escravizadas/ e cultura assassinadas/ é a voz que ecoa do tambor”. Por fim, destaca o que está por trás da crítica sobre as cotas: “E nem venha me dizer que isso é vitimismo/ não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo”.



Sugestão de peça teatral



Fonte: Centro Cultural Banco do Brasil.

Makeda é uma princesa africana que está em processo de aprendizagem para se tornar rainha. Em companhia de seu trisavô, ela viaja pela imaginação para conversar com suas ancestrais. Nessa viagem, ela descobre a força do seu sangue e a beleza da sua “raça”. O espetáculo é interativo e emocionante. No final, o público canta junto com Makeda canção que ela aprendeu com uma ancestral: “Sou linda, meus cabelos são lindos, tenho muita luz no coração”.

Conferir classificação etária indicativa.



Sugestão de livro

Livro 1: NOAH, Trevor. Nascido do crime. Rio de Janeiro : Verus, 2020.

Autobiografia do comediante e apresentador Trevor Noah aborda especificamente sua infância e juventude na África do Sul. O título do livro não é metafórico: Noah nasceu do crime. Isso mesmo. Ele nasceu de uma relação entre um homem branco e uma mulher negra, o que era crime na África do Sul do Apartheid (que durou até a década de 1990). Devido a isso, o garoto viveu escondido por muitos anos. O livro contribui para o entendimento de uma sociedade fortemente segregada por raça.



Sugestão de dados estatísticos

O Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA) do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) possui um site que hospeda muitos estudos interessantes⁹. Um desses estudos é o Relatório das Desigualdades Raciais (2022)¹⁰, o mais recente. Esse documento apresenta várias estatísticas sobre o tema, o que contribui para o entendimento das desigualdades no país. Outro documento que pode contribuir é que foi apresentado anteriormente: Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 1995 a 2015 (IPEA). O estudo mostra, por exemplo, que mulheres brancas possuem vantagens em relação às negras em vários campos, o que contribui para a discussão sobre interseccionalidade. Outra fonte imprescindível é o site do IBGE.

9 Disponível em: <https://gema.iesp.uerj.br/> Acesso em: 06 mar. 2024.

10 Disponível em: <https://gema.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2023/02/Relatorio-das-Desigualdades-Raciais-2022-1.pdf> Acesso em: 06 mar. 2024.



Sugestão de atividade

Atividade diversificada

Divida a turma em grupos. Cada equipe deverá produzir um questionário online em aplicativo de sua preferência e deverá aplicar o instrumento com o máximo de discentes possíveis da escola, tentando conseguir, no mínimo, 100 respostas. A pessoa docente pode estabelecer uma amostra válida como meta, caso tenha interesse. Cada grupo pode ficar responsável por coletar respostas de uma série diferente da escola, como forma de divisão de tarefas. O questionário deverá conter perguntas sobre cor ou “raça” dos estudantes. Exemplo: pergunta aberta: qual a sua cor ou “raça”? É possível que ocorram respostas inusitadas; pergunta fechada: qual a sua cor ou “raça”? branco, preto, pardo, amarelo ou indígena. É possível incluir mais perguntas sobre os temas desigualdade racial e racismo, caso haja interesse. A partir dos dados coletados, será realizado debate em sala de aula sobre a forma como os brasileiros definem “raça” por meio da cor e as dificuldades que isso acarreta na definição da categoria.

Atividade tradicional

1. Transcreva dois trechos do capítulo em que é possível identificar a desigualdade racial ou o racismo.
2. Há episódios de resistência à desigualdade racial e ao racismo no livro? Caso sim, comente-os.



Problematizando: Capítulo 3 – Amor e ódio

Sexualidade, identidade de gênero, natureza e LGBTfobia

Falar sobre sexo, sexualidade e orientação sexual é um verdadeiro tabu no Brasil. Todavia, se existe um espaço onde isso deve ser feito, é a escola, visto que o tema pode ser abordado por uma ótica técnico-científica. Conforme destaca Bauman (2015), a Sociologia necessita dialogar com o senso comum. E o que não falta na sociedade são pré-noções sobre aqueles temas.

Dito isso, começaremos essa discussão falando não sobre seres humanos, mas, sim, sobre animais, visto que é muito comum ouvir

peças apelando à natureza para condenar comportamentos sexuais que consideram reprováveis, que, muitas vezes, são nomeados de antinaturais. Dito isso, é questionado: por qual motivo uma abelha faz sexo (cópula é a palavra correta)? Uma forte hipótese é: para reproduzir a sua espécie. Essa resposta não está errada, mas a abelha tem consciência disso? É claro que não. O que então a estimula a copular? A resposta é: o prazer¹¹. A natureza criou esse importante artifício para garantir que as espécies se reproduzam: todos os animais – incluindo a nós – são estimulados pela busca do prazer para garantir a reprodução da espécie.

Se a cópula fosse dolorosa, em vez de prazerosa, será que animais acasalariam? É provável que não, pois animais fogem da dor e do risco como forma de autopreservação. O filme K-PAX – O caminho da luz (SOFTLEY, 2001) tem um diálogo muito interessante que aborda o tema: o personagem Prot diz ter vindo de outro planeta para a Terra e que sua espécie é mais evoluída que a humana. Devido a isso, é internado em um hospital psiquiátrico.

O psiquiatra Mark Powell, então, começa a fazer perguntas ao paciente sobre como é a vida nesse planeta. Uma das perguntas é sobre sexo. Prot diz que o sexo em sua espécie é extremamente doloroso e acompanha mau cheiro, o clímax da relação “é como ser chutado na barriga e cair numa poça de excrementos” de um tipo de gambá daquele planeta, porém mais fedorento. Devido a isso, Prot diz que sua espécie se reproduz com “o maior cuidado possível”.

Por qual motivo, então, os kpaxianos fazem sexo? A resposta é simples: porque é necessário. Caso contrário, a espécie seria extinta. O sexo em K-PAX é um exercício de racionalidade em que os indivíduos necessitam sofrer em prol de um bem maior: a continuidade da espécie. Isso só é possível em uma espécie com racionalidade. As abelhas, certamente, seriam extintas nesse contexto. E os seres humanos?

Nós, seres humanos, temos algo que os demais animais não têm: cultura. A racionalidade dos kpaxianos em fazer sexo pode ser objeto cultural deles: dar significado a um ato doloroso. Da dor nasce a vida. O sacrifício por um bem maior. Assim, nós, assim como os kpaxianos, atribuímos significado ao sexo, coisa que os outros animais não fazem. Os significados do sexo para os seres humanos e para os kpaxianos são distintos: enquanto um atribui significado de sacrifício, o outro atribui significado diferente e diversificado, a depender da religião, do local, das leis, etc. É esse significado que embasa o conceito de sexualidade entre os seres humanos, conforme destaca Sampaio em diálogo com Weeks:

11 Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/nao-somos-a-unica-especie-que-faz-sexo-por-prazer> Acesso em: 29 fev. 2024.

A sexualidade não pode ser reduzida às práticas sexuais nem pode ser determinada pelas genitálias das pessoas [a natureza]. Como salienta o historiador social britânico Jeffrey Weeks, existe uma vasta literatura afirmando que a biologia não é determinante para a sexualidade. Na verdade, a sexualidade é uma construção social, “uma invenção histórica”, modelada no interior de relações de poder (SAMPAIO, 2021, p. 91).

Dessa forma, instituições sociais como Estado, igreja, escola e família influenciam no tipo de comportamento considerado normal pela sociedade (SAMPAIO, 2021). O autor complementa:

existe um conjunto de saberes e discursos que concedem legitimidade ou não aos nossos comportamentos sexuais, assim como desqualificam todas as possibilidades de sexualidades que não se enquadram ao que foi arbitrariamente definido como normal e “natural” [...] a heterossexualidade é considerada “natural”, normal e universal [...] Todas as outras possíveis formas de sexualidade, além de não serem legitimadas e [serem] patologizadas, precisam ser combatidas com o auxílio de concepções de pecado, imoralidade, perversidade, doença e caos (SAMPAIO, 2021, p. 92-93).

Quem condena o sexo por prazer geralmente argumenta que ele tem um objetivo exclusivamente natural: a reprodução da espécie. Dessa forma, o prazer seria apenas uma consequência indesejada do ato. As abelhas discordariam desse argumento, se fossem racionais. As baleias jubarte também, visto que o primeiro registro fotográfico de acasalamento entre dois animais dessa espécie foi entre dois machos. Há registros de atos sexuais entre machos ou entre fêmeas (atos homossexuais) em dezenas de espécies, o que indica que os animais buscam o prazer e que a natureza não se limite à reprodução.

Todavia, é a insistência na reprovação do prazer e a supervalorização de objetivos supostamente naturais do sexo – contestados por abelhas, baleias e outros animais – que embasam discursos inflamados e, muitas vezes, violentos, contra práticas sexuais que não seguem o padrão heteronormativo, que pode culminar em reprodução – desde que não sejam utilizados meios culturais, tais como: camisinha, pílula, DIU, tabelinha, etc. E desde que o casal heterossexual não realize formas de sexo alternativas, tais como: sexo oral, sexo anal, masturbação mútua, etc.

Outra questão pouco discutida é a existência não rara de indivíduos intersexo, ou seja, pessoas que nascem com características dos sexos masculino e feminino. É o caso de hermafroditas, por exemplo.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a proporção estimada dessas pessoas pode chegar a 1,7% da população mundial, a mesma quantidade de pessoas ruivas¹⁰12. Estudamos em Biologia que homens nascem com o 23º par de cromossomos XY, enquanto as mulheres com XX. Pessoas intersexo podem possuir variações distintas: homens XX, mulheres XY, homens XXY, etc. Isso faz com que o sistema reprodutor dessas pessoas seja diferenciado, não se encaixando na noção binária masculino-feminino, a qual atribuímos naturalidade.

Além disso, existe a questão da identidade de gênero – já discutida anteriormente –, que tem relação com comportamentos considerados femininos e masculinos, uma exacerbação da divisão sexual do trabalho, em que homens não poderiam ter comportamentos considerados femininos e vice-versa. Esses comportamentos também não são naturais:

A identidade e gênero é formada principalmente por elementos culturais, pela sociedade e pela experiência familiar, desde a infância, ou seja, pelo processo de socialização pelo qual adultos influenciam crianças a adotar certos comportamentos e usos do corpo: cabelo curto para meninos e longo para meninas; passividade para meninas, agressividade para meninos; bonecas para meninas, carrinhos para meninos (SILVA et al, 2016, p. 332).

Assim, tanto a sexualidade, quanto a identidade de gênero, têm origem em práticas culturais próprias de animais com cultura, como é o caso dos seres humanos. É nossa capacidade de dar significado às ações que define o que é aceitável e o que não é, considerando a média das avaliações na sociedade. É isso que faz com que um comportamento aceitável em uma época ou em um local não seja aceitável em outra época ou em outro local.

Alguns exemplos são: em relação ao tempo, no passado, casais homoafetivos não podiam ter união civil, o que impedia o acesso a diversos direitos a essas pessoas, como, por exemplo, o direito a herança. Se um cônjuge morria, quem herdava seus bens eram os pais ou irmãos, em vez do outro cônjuge, como ocorre com quem tem união civil. Desde 2011, após decisão do Supremo Tribunal Federal, os cartórios brasileiros são obrigados a aceitar união civil entre pessoas do mesmo sexo, logo, aqueles direitos negados passaram a valer para essas pessoas.

Já em relação ao local, ao espaço, a Islândia é o país com maior igualdade de gênero na atualidade (SILVA et al, 2016). Lá existe um quase equilíbrio de poder entre homens e mulheres. No Irã, por outro lado, também na atualidade, as mulheres precisam usar véus para

12 Disponível em: <https://www.unfe.org/pt/know-the-facts/challenges-solutions/intersex> Acesso em: 14 mar. 2024.

cobrir a cabeça e são interditas em várias atividades, necessitando da aprovação de homens (marido, sogro ou cunhados), além do fato de que seus direitos são geralmente limitados, valendo mais para homens do que para elas, como é o caso do direito à herança¹³.

Essas mudanças e diferenças têm relação com a cultura, com os significados atribuídos pelas pessoas às ações em um espaço ou em uma determinada época, significados que podem mudar. Se esses comportamentos fossem naturais, inatos, seriam idênticos e de difícil mutação, visto que a natureza demora centenas ou milhares de anos para realizar mudanças significativas, o que é embasado no conceito de evolução das espécies de Charles Darwin, que destaca a descendência como fator crucial para as mutações.

Da mesma forma, considerando um discurso religioso muito comum no Brasil, se os seres humanos foram criados à imagem e à semelhança de Deus, em tese, seriam imutáveis em sua composição e em seu comportamento. Os exemplos anteriores sobre comportamentos distintos no tempo e no espaço indicam que isso não ocorre, logo, uma passagem bíblica que aponta para imutabilidade dos seres humanos deve ser analisada e interpretada com parcimônia.

Por outro lado, é necessário distinguir os discursos da prática real, o que é bem demonstrado pelo estudo de Alfred Kinsey, nos EUA, nas décadas de 1940 e de 1950. O estudo realizado com quase 20 mil pessoas mostrou que os estadunidenses possuíam, em sua maioria, comportamentos sexuais que, em público, eram reprovados pela maioria da sociedade: masturbação, sexo oral, sexo pré-matrimônio, etc. Se a maioria reprovava os comportamentos em público, como seria possível que a maioria os realizasse em sua intimidade? A resposta é: a desconexão entre discurso e prática (GIDDENS, 2005).

É a discordância com comportamentos distintos dos comportamentos estabelecidos – no caso das sociedades humanas, os comportamentos heterossexuais –, considerados corretos e bons pela média das avaliações da sociedade, que pode gerar discriminação e violência contra certos grupos sociais, como a violência contra LGBTQIA+. Em estudo qualitativo realizado por meio de entrevistas, Tagliamento et al (2020) apontam três tipos de “vivências de discriminação” relatados por LGBTQIA+: o primeiro tipo é a discriminação familiar, que ocorre no seio da própria família, por membros dessa unidade não aceitarem a orientação sexual do familiar. Os autores dizem o seguinte: “Nota-se que as famílias, pautadas na heteronormatividade, consideram-se detentoras da moral e dos bons costumes e discriminam, maltratam, expulsam suas(seus) filhas(os)” (TAGLIAMENTO et al, 2020, p. 86).

13 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63429830>
Acesso em: 06 mar. 2024.

O segundo tipo é o relacionamento social, incluindo as relações no ambiente escolar. Os autores afirmam que “os relatos das(os) entrevistadas(os), ficam visíveis as práticas da LGBTfobia que ocorriam dentro do contexto escolar, através das perseguições, intimidações e rotulações” (TAGLIAMENTO et al, 2020, p. 90). A rua é outro espaço em que o relacionamento social ocorre de forma a violentar pessoas LGBTQIA+. Um dos relatos destaca o seguinte:

Eu estava acompanhada de uma menina na rua e veio..., vieram duas moças e ficaram discriminando a gente por sermos gays, dizendo que a gente não ia pro céu, que a gente ia pro inferno, esse tipo de coisa. (Beatriz, 20 anos, mulher cisgênero homossexual). (TAGLIAMENTO et al, 2020, p. 90).

A rua, em contraposição à escola, parece ser um local em que a violência sai de um cenário velado para um aberto: abordagens, xingamentos, agressões, etc. Outra dificuldade no relacionamento social tem relação com o acesso ao mercado de trabalho, ainda mais para travestis e transsexuais (TAGLIAMENTO et al, 2020, p. 91).

Por fim, o terceiro tipo tem relação com a religião e os próprios autores ressaltam que esse tipo justifica os dois primeiros. Os autores dizem que “as sociedades contemporâneas têm tido fortes influências doutrinárias religiosas que, por intermédio de um viés conservador acerca das liberalizações dos costumes pessoais, são capazes de interferir em pautas emergentes dos direitos das pessoas LGBTs” (TAGLIAMENTO et al, 2020, p. 93). Essas influências religiosas desenvolvem um discurso que atribui a LGBTQIA+ o estigma do pecado.

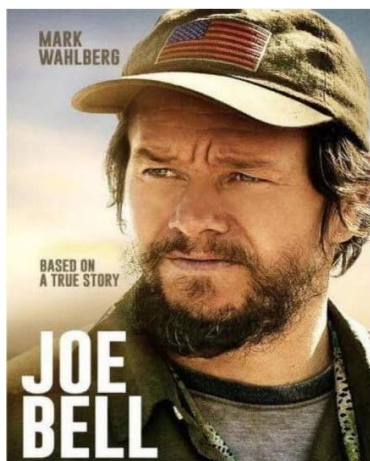
É a compreensão de que nossos comportamentos são culturais e de que somos seres racionais que pode desnaturalizar comportamentos pré-concebidos sobre sexualidade. O prazer nas relações sexuais foi inserido na natureza para garantir a reprodução das espécies, mas, se animais irracionais podem buscar sexo além da reprodução, o que nos impediria de fazer o mesmo?

Sugestões de recursos didáticos: Capítulo 3 – Amor e ódio



Sugestão de filme

Filme 1: Joe Bell

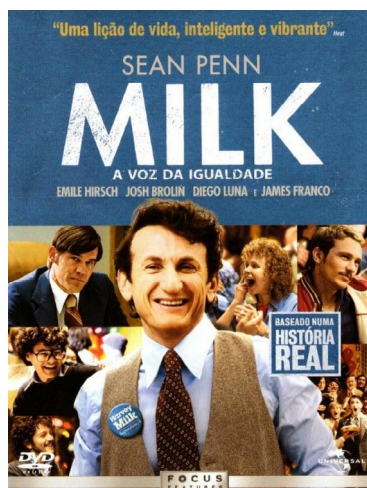


Fonte: Roadside Attractions

O filme conta uma história, baseada em fatos reais, de um pai que atravessa os EUA a pé para conscientizar as pessoas contra o bullying, após seu filho ser vítima dessa prática na escola. Trata-se de uma bela história que aborda conhecimento e autoconhecimento sobre tolerância, amor e empatia.

Conferir classificação etária indicativa.

Filme 2: Milk – A voz da igualdade



Fonte: Universal Pictures.

Milk é um homem gay que decide se candidatar a um cargo eletivo para ser o primeiro político abertamente gay dos EUA, ainda na década de 1970. O filme, baseado em fatos reais, mostra as hostilidades e os desafios enfrentados por Milk durante sua campanha eleitoral e depois. A lição do filme está relacionada com o direito a existir da população LGBTQIA+.

Conferir classificação etária indicativa.

Filme 3: A garota dinamarquesa



Fonte: Focus Features



Sugestão de imagem

Imagem 1: LGBTfobia na Av. Paulista



Fonte: Reprodução/ TV Globo

de liberdade, considerando que havia adolescentes e adultos entre os agressores.

Agressão a jovens gays na Avenida Paulista, em 2010. Os agressores verbalizaram ofensas lgbtfóbicas, enquanto cometiam as agressões. Eles foram condenados a pagar indenização e também foram condenados a privação

Imagem 2: Rebelião de Stonewall



Foto de confronto entre manifestantes LGBTs e policiais em 1969, após a invasão de uma boate LGBT pela polícia de NY sem justificativa. O episódio ficou conhecido como Rebelião de Stonewall, nome da boate. A data do ocorrido, 28 de junho, tornou-se o Dia do Orgulho LGBTQIA+.

Fonte: Foto de capa do jornal The New York Daily News, em 1969.

Imagem 3: Primeira doutora travesti



Fonte: Igor Grazianno/UFC.
Imagem desfocada.

Luma Andrade é a primeira travesti com diploma de doutorado no Brasil, título conquistado na Universidade Federal do Ceará. Exemplos de superação como o de Luma podem inspirar outras pessoas a conquistar seus objetivos. A doutora Luma Andrade disse o seguinte: “Nós vivemos numa posição que a sociedade nos impõe, à margem de tudo. E temos que quebrar esse paradigma e viver no centro da sociedade, a educação é uma das formas que temos para conseguir”¹⁴.

Imagem 4: Baleias acasalando



Fonte: Lyle Krannichfeld e Brandi Romano/
Pacific Whale Foundation.

O primeiro registro fotográfico de baleias jubarte acasalando ocorreu entre dois machos, assim como existem vários registros de acasalamento entre machos de animais de outras espécies.

Isso indica que os animais buscam o prazer. É isso também que garante a reprodução das espécies. Apesar disso, o acasalamento entre macho e fêmea não é a única ocorrência na natureza, conforme indica a imagem.



Sugestão de música

Música 1: Não recomendado (Caio Prado)

O compositor concebeu a letra da música como se uma pessoa LGBT recebesse avisos, ameaças e humilhações de um grupo de pessoas, destacando o que parece ser uma situação comum para LGBTQIA+s. Se não comum no sentido de ações, mas, pelo menos, por meio de comentários e de críticas veladas. Na música, uma série de frases de senso comum são ditas em 3ª pessoa do singular para

14 Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2012/08/minha-conquista-serve-de-exemplo-diz-1-travesti-doutora-do-brasil.html> Acesso em: 26 fev. 2024.

essa pessoa LGBTQIA+: “Perverso, mal-amado, menino malvado, muito cuidado/ má influência, péssima aparência, menino indecente, viado”. A comunidade LGBTQIA+ comumente é vítima de censuras: o carinho que um casal hétero faz em público é aceito, mas o mesmo carinho vindo de um casal LGBTQIA+ pode desencadear em críticas, ameaças e humilhações. Isso não passou despercebido pelo compositor, que, agora, destaca em 1ª pessoa do singular: “A placa de censura no meu rosto diz/ A tarja e conforto no meu corpo diz/ Não recomendado à sociedade”.

Música: We exist (Arcade Fire)

A música aborda algo muito comum na vida de adolescentes e jovens LGBTQIA+: o abandono afetivo, isto é, o abandono da pessoa pela sua família. Inicialmente, a banda diz que as pessoas agem como se pessoas LGBTQIA+ não existissem, além do fato contraditório de que elas são vítimas de olhares excludentes em certos ambientes. As encaradas excludentes, os pedidos para que se comportem de forma diferente, para que não existam, são respondidos: “Apenas nos deixem em paz”. A pessoa da canção pede apoio ao pai, mas este lhe “vira as costas”, excluindo-a, um gesto de traição em um momento da vida em que a pessoa é mais vulnerável: na adolescência ou na juventude, ainda mais considerando o cenário de preconceito, de LGBTfobia. No final, há um apelo para que a família permaneça unida, o que faria diferença na vida desses adolescentes e jovens.

Música 3: Indestrutível (Pablo Vittar)

A música busca motivar pessoas que sofrem LGBTfobia na adolescência e na juventude. As lágrimas vão secar e a dor vai passar. No final, “tudo vai ficar bem”. A cantora ainda destaca que a dor deve ser respondida com amor, que é um princípio básico do cristianismo, por exemplo. Essa dor sentida por essa pessoa agredida e humilhada a torna indestrutível, pois aqueles episódios dolorosos a fortalecem. O videoclipe da canção mostra um garoto LGBTQIA+ que sofre agressões e humilhações na escola, indicando que aquilo fez parte da história da cantora. Na escola, ainda são comuns episódios de LGBTfobia, algo que deve ser discutido na busca de superação. A obra de Pablo Vittar é uma ode à resistência e busca confortar adolescentes e jovens que podem estar vivendo situações de medo e de desesperança devido à orientação sexual.



Sugestão de dados estatísticos

A cada ano o Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil lança o dossiê Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil¹⁵. O

13 Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenacialgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2023/05/Dossie-de-Mortes-e-Violencias-Contra-LGBTI-no-Brasil-2022-ACONTECE-ANTRA-ABGLT-pdf> Acesso em: 11 mar. 2022

documento mapeia mortes e violências contra LGBTQIA+ no país, buscando expor à sociedade e às autoridades a problemática do preconceito contra essa população. Em 2022, houve 273 mortes de pessoas LGBTQIA+ no Brasil. É importante destacar que essas mortes são motivadas pela sexualidade e pela orientação sexual dessas pessoas, e não por outro motivo. Ou seja: não se trata de um latrocínio, por exemplo. Trata-se, sim, de uma pessoa ter matado outra tendo como motivo aquelas condições ressaltadas anteriormente. Outra fonte de pesquisa é o site do IBGE, mas este instituto ainda possui limitações em pesquisas dessa temática.



Sugestão de atividade

Atividade diversificada

Divida a turma em grupos de até cinco pessoas. Esse grupo terá de realizar uma entrevista com um desses quatro perfis: uma pessoa LGBTQIA+, uma pessoa que se considera homofóbica, uma pessoa que se considera machista ou uma pessoa que se considera feminista. Cada grupo deverá elaborar um roteiro de perguntas que será revisado pelo docente. Dicas e sugestões sobre como realizar entrevista devem ser tema de aula, assim como questões éticas ligadas à preservação da identidade dos participantes, a fim de garantir o bom andamento da entrevista e o respeito aos sujeitos envolvidos, visto que opiniões sobre o assunto podem ter consequências negativas para os participantes, o que não é desejável. A pessoa docente deve acompanhar todas as etapas da atividade, dando as devidas orientações à turma. A entrevista deve ser transcrita e analisada pelo grupo, a partir das teorias discutidas em sala de aula. A apresentação também pode ocorrer de forma diversificada: por meio de slides, de vídeo, etc. Uma sugestão é o grupo produzir um tipo de telejornal em vídeo em que analisa os relatos.

Atividade tradicional

1. Transcreva dois trechos do capítulo em que é possível identificar a LGBTfobia.
2. Há episódios de resistência à LGBTfobia no livro? Caso sim, comente-os.

Problematizando: **Capítulo 4 – O que Deus tem a ver com isso?**



O capítulo 4 trata de diversos temas importantes. Dessa forma, esta seção será dividida em subseções, a fim de que os principais temas sejam discutidos de forma mais objetiva e clara.

Desigualdade econômica, preconceito de classe e violência policial

A desigualdade econômica nunca foi tão grande quanto nos dias atuais. O capitalismo tem o mérito de produzir riquezas em um volume jamais visto em toda a história da humanidade. Todavia, uma característica desse modo de produção é a concentração de riquezas, o que é explicado por meio da Mais-valia (MARX, 1983).

No Brasil, a situação da desigualdade é uma das piores do mundo:

enquanto uma pequena parcela da população [brasileira] tem grande riqueza, podendo utilizar tudo o que existe na sociedade, [em 2017] 16 milhões de pessoas não tinham pleno acesso à alimentação, saúde, educação e renda, o que gera uma distância da qualidade de vida entre os que dominam a riqueza e o que são excluídos do acesso aos direitos básicos (OLIVEIRA, 2021, p. 68).

Esse cenário se exacerba ainda mais pelo próprio sistema de redistribuição de riquezas fomentado pelo Estado, visto que, atualmente, o Brasil possui um sistema tributário regressivo, isto é, quem ganha menos paga mais, enquanto quem ganha mais paga menos. Em 2024, o governo isentou do pagamento de imposto de renda quem ganha até dois salários mínimos, que equivalem a R\$ 2.824,00. Sabendo disso, é feita a questão: quem ganha R\$ 2.900,00 vive de renda ou é assalariado? É coerente que um assalariado pague imposto de renda? Ao mesmo tempo, quem recebe dividendos de lucros de bancos não paga um centavo de imposto, valores que chegam à casa dos bilhões de reais¹⁶. No mesmo sentido, quem tem uma moto de 50 cilindradas paga Imposto sobre Propriedade de Veículo Automotor (IPVA), mas quem tem um helicóptero, um jatinho ou um iate não paga esse tipo de imposto¹⁷. Quem tem mais condições de contribuir com a sociedade?

16 Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/renda-variavel/empresas/noticia/2024/02/05/itau-itub4-anuncia-alguns-bilhoes-em-dividendos-extraordinarios.ghtml> Acesso em: 24 fev. 2024.

17 Disponível em: <https://www.uol.com.br/carros/colunas/paula-gama/2023/07/24/por-que-voce-paga-ipva-do-seu-carro-e-donos-de-jatinho-e-iate-sao-isentos.htm> Acesso em: 24 fev. 2024.

Isso gera uma extrema desigualdade que contribui para fomentar uma série de mazelas sociais, visto que prejudica o acesso à plena cidadania, que é caracterizada pelo usufruto dos direitos civis, políticos e sociais. Alguns exemplos são: ir e vir é um direito civil, mas como você pode se locomover por sua cidade sem condições sequer de pagar uma passagem de ônibus? Da mesma forma, o voto é um direito político universal no Brasil, mas como garantir esse direito se, mais uma vez, a locomoção no dia da eleição não é garantida?¹⁸ Por fim, direitos sociais como educação, saúde e assistência social ainda “patinam” no país em relação à qualidade, o que pode ser explicado também pela sua oferta universal recente, datando do pós-Constituinte de 1988.

Esse é o caso da família de Pedro e de todos os moradores da vila, que foi construída após apropriação de um terreno. As diferenças sociais no local são tão grandes que os moradores que se definem como classe média e que moram em condomínios no entorno da vila evitam contato com as pessoas dali e não toleram a convivência com elas, o que as leva, inclusive, a tentar impedir o acesso delas à praça.

Esses fatores abrem margem para um fosso entre as classes sociais, desenvolvendo diferenças sociais de difícil superação. Vale salientar que as classes sociais deveriam possibilitar a mobilidade social, diferentemente do que ocorre com os estamentos, as castas, etc. (SILVA, 2021). Mas, em muitas ocasiões, essa mobilidade é apenas teórica. Isso pode gerar o preconceito de classe social, visto que as classes não dialogam e não convivem, exceto em situações específicas, tais como: o patrão e o empregado, que se relacionam por meio de relações de poder bem delimitadas e com pouca margem de manobra para a parte mais vulnerável.

Dito isso, a aporofobia – o preconceito a pobre – pode se desenvolver no seio da sociedade. No Brasil, existe uma cisão entre espaços e serviços para pobres e para as classes médias e, principalmente, para as altas. Os serviços sociais públicos são consumidos principalmente pelos pobres. As classes médias frequentam escolas particulares e têm planos de saúde privados, mesmo que a qualidade desses serviços seja questionável. O importante, muitas vezes, é a distinção a partir da “disposição estética” (BOURDIEU, 2008), não o serviço em si. Isso garante a uma classe social distanciamento das outras.

É essa visão discriminatória que é adotada por muitos vizinhos da vila Santo Expedito, principalmente pela associação de moradores presidida por seu Roberto, pai de Jéssica. Apesar de não haver casos de violência na praça, a percepção desses moradores é de que há. A violência percebida não é física ou psicológica, mas, sim, tem relação

18 Apenas em 2023 o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que o poder público deve ofertar transporte gratuito em dia de eleição. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=516322&ori=1> Acesso em: 24 fev. 2024.

com a própria existência daquela população pobre da vila, que ousa frequentar os mesmos espaços que os moradores dos condomínios fechados.

Outra questão que não pode passar despercebida tem relação com o racismo, visto que, no Brasil, há uma relação direta entre renda e cor, havendo desvantagem para os negros. É esse tipo de relação que autoriza forças policiais a praticarem violência estatal contra populações pobres e negras. Em 2013, o Comando da Polícia Militar na cidade e Campinas, São Paulo, expediu ordem de serviço aos seus policiais para intensificarem o policiamento em um bairro específico, focando as abordagens “especialmente [em] indivíduos da cor parda e negra”¹⁹. A Chacina do Curió – ou Chacina da Grande Messejana –, narrada na obra literária, é uma história real dos cruzamentos de Fortaleza, ocorrida em novembro de 2015. Segundo as investigações, com objetivo de vingarem a morte de um colega de farda, vários policiais espalharam o terror no bairro periférico Curió, matando, principalmente, jovens pretos, de forma aleatória, sem que tivessem qualquer envolvimento com o crime. Por qual motivo aqueles policiais selecionaram jovens negros como alvos? A noção de interseccionalidade contribui para a explicação: jovens, pobres, pretos.

Ideologia, alienação e indústria cultural

Karl Marx e Friedrich Engels (1998) dizem que a sociedade capitalista se divide em duas classes sociais fundamentais: os proprietários dos meios de produção – os capitalistas – e os que não têm propriedades daqueles meios – os trabalhadores. Quem necessita vender sua força de trabalho para sobreviver – os trabalhadores – é submetido a longas jornadas de trabalho e tem muito de suas energias sugadas para a produção econômica. Sabendo disso, segundo os autores, apenas os capitalistas possuem condições objetivas de se organizar e de pensar na sociedade, produzindo discursos sobre ela. A isso eles dão o nome de ideologia, que é uma visão de mundo sobre a realidade. Todavia, eles dizem que essa ideologia das classes dominantes é uma falsa ideologia, que serve para tentar enganar e desorganizar a classe trabalhadora.

É importante destacar que Marx e Engels viveram e escreveram durante o século XIX, época da Revolução Industrial. Devido a isso, a indústria estava no centro de seu discurso. Isso mudou no final de século XX, quando os serviços passaram a ocupar lugar de destaque no capitalismo. Outras mudanças ocorreram nesse meio tempo

19 Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2013/01/pm-de-campinas-deixa-vazar-ordem-para-priorizar-abordagens-em-negros.html>
Acesso em: 24 fev. 2024.

que contribuem para relativizar a teoria do autor.

Sabendo disso, como a ideologia dominante seria repassada para a população? Considerando as mudanças ocorridas na segunda metade do século XX, uma forma seria por meio da mídia tradicional: jornais escritos, televisão e rádio, por exemplo²⁰.

No caso do Brasil, existe um oligopólio no domínio dessas empresas, em que poucas famílias muito ricas e poderosas as controlam. Como exemplo, as quatro principais emissoras de televisão do Brasil são controladas pelas famílias Marinho (Globo), Macedo (Record), Saad (Band) e Abravanel (SBT), grupos familiares super ricos e proprietários de meios de produção. Em relação a isso, Adorno e Horkheimer (1985, p. 110) dizem que “sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica”. E continuam: “Democrático, o rádio transforma-os a todos igualmente em ouvintes, para entregá-los autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 111). É importante lembrar que os autores escreveram em um período pré-televisão. A chamarem o rádio de democrático, não se referem ao controle social, mas, sim, ao alcance desse meio de comunicação, ouvido por milhões de pessoas. Os alemães destacam o caráter padronizado do produto.

Fontes e Magalhães (2021, p. 23), dialogando com os alemães Adorno e Horkheimer, dizem o seguinte: “a indústria cultural cumpre um importante papel na formação das pessoas e no seu adestramento para a obediência, funcionando como um mecanismo de controle social”. Indústria cultural é como os autores europeus chamaram esse fenômeno (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Considerando o que é chamado de adestramento, que se aproxima do conceito de alienação em Marx, os autores dizem que: “Todos têm de mostrar que se identificam integralmente com o poder de quem não cessam de receber pancadas” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 141), enfatizando que os meios de comunicação em massa servem como ferramenta na luta entre as classes sociais.

Dialogando novamente com as autoras Fontes e Magalhães (2021, p. 24), o fato de a informação ser divulgada, principalmente, por grupos tão restritos e com características tão similares (aquelas quatro famílias são da mesma classe social, por exemplo) gera padronização da informação. Além disso, ocorre um processo de alienação da mercadoria cultura, no sentido de que o jornalista, o diretor, o produtor, etc. têm menor ou nenhuma liberdade para criar, tendo de atender aos interesses de seus patrões.

20 Na primeira metade do século XX, Adorno e Horkheimer (1947) consideravam os seguintes meios: cinema, rádio e revistas. No início do século XXI, surgiu o fenômeno das redes sociais da internet, assunto que será abordado adiante.

É a partir dessa perspectiva que compreendemos a relação entre indústria cultural, ideologia e alienação, visto que os proprietários da cultura padronizada (a indústria cultural) passam ao público uma visão de mundo que está em acordo com os valores daqueles e da classe social deles (a ideologia dominante), a fim de que o público adira a esses valores e passe a defendê-los, mesmo que não correspondam às suas demandas e que, em alguns casos, as prejudiquem (alienação).

No século XXI, surgiu o fenômeno das redes sociais na internet. Agora, praticamente todas as pessoas possuem um *smartphone*, recebendo e enviando conteúdo a todo instante. Na obra dos alemães, é possível fazer um paralelo entre o *smartphone* e o telefone do século XIX: “Liberal, o telefone permitia que os participantes ainda desempenhassem o papel do sujeito” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 111). Ou seja: eles consideravam que o telefone dava poder de agência aos indivíduos, em vez de serem meros expectadores, como no caso do rádio. Com os *smartphones*, também surgiu esse poder de agência, tirando, em parte, poder daquelas emissoras de televisão, que vêm sua audiência cair a cada ano (BECKER; GAMBARO; SOUZA FILHO, 2015). Todavia, isso não foi uma panaceia democrática, visto que as redes sociais na internet possibilitaram o crescimento exponencial das *fake news*. Apesar da observação, esse assunto não será tratado em profundidade neste texto.

Movimentos sociais e direitos humanos

Se os Três Poderes representam o povo, qual a necessidade de existirem movimentos sociais? A resposta é simples: em uma democracia, é legítimo que a sociedade civil reivindique demandas aos seus representantes. O Executivo, o Legislativo e o Judiciário não são onipresentes ou oniscientes. Longe disso, ainda mais se for considerada a tendência à burocratização de quem ocupa cargos políticos (MICHELS, 1982), como é o caso de dois dos três Poderes. Dessa forma, os cidadãos podem se organizar para cobrar as autoridades. Essa organização pode ocorrer, por exemplo, por meio de iniciativa popular para propor um projeto-lei ao Congresso Nacional – medida prevista na própria Constituição –, mas também pode ocorrer por meio de coletivos reivindicatórios.

O Art. 5º da Constituição diz que “todos podem reunir-se pacificamente”, assim como “é plena a liberdade de associação para fins lícitos”. Da mesma forma, o Art. 20 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) corrobora com aquilo ao destacar que: “todo ser humano tem direito à liberdade de reunião e associação pacífica”. Esses dois documentos garantem que os movimentos sociais possam atuar na sociedade. Dito isso, é necessário analisar o caso dos

moradores da Vila Santo Expedito e dos membros do Movimento Lutar por Moradia Não é Crime. Se os donos da construtora comprovaram a propriedade do terreno da vila dentro da legalidade, então o espaço é deles, visto que a mesma Constituição diz que “é garantido o direito de propriedade”.

Apesar de o documento garantir a propriedade privada, há outros direitos ali que a relativizam em certas circunstâncias, por exemplo: “a propriedade atenderá a sua função social”, “a lei estabelecerá o procedimento para desapropriação por necessidade ou utilidade pública, ou por interesse social” e “no caso de iminente perigo público, a autoridade competente poderá usar de propriedade particular” (todos os trechos pertencem ao Art. 5º). Dito isso, há direitos que se chocam. Quando isso ocorre, qual deve prevalecer? A própria lei responde: o direito ligado à função social prevalece.

No mesmo sentido, a moradia é um direito social constante na Carta Magna (Art. 6º). Expulsar famílias de suas casas com o argumento de que o terreno não lhes pertence pode se chocar frontalmente com as garantias constitucionais daquelas famílias, visto que, por óbvio, aquele terreno estava sem função social quando as casas foram construídas – é o que indica a existência de um terreno baldio. Um espaço abandonado em uma metrópole como Fortaleza – a quinta cidade mais populosa do país com densidade demográfica maior que a capital de São Paulo – não cumpre qualquer papel relevante para a sociedade. O Plano Diretor de Fortaleza tem como um de seus princípios a função social da propriedade, entendida, dentre outras coisas, como: a promoção da justiça social e o direito à cidade, tendo o direito à moradia digna como eixo central (FORTALEZA, 2009).

Como resolver essa situação com o devido respeito à propriedade privada? A resposta é simples e consta na própria Carta Magna: paga-se indenização ao proprietário do terreno. Assim, o Estado garante a moradia às famílias que ali habitam e o proprietário converte sua propriedade fundiária (terra) em propriedade pecuniária (dinheiro), sendo resguardado o direito à propriedade.

Essas discussões são apresentadas no capítulo 4 de maneira a elucidar todo esse imbróglia legal e jurídico. Moradia deveria ser um direito fundamental no Brasil, mas, muitas vezes, é tratado como caso de polícia. Em 2012, houve o emblemático caso de Pinheirinho, no estado de São Paulo, quando a justiça autorizou a reintegração de posse de um terreno onde moravam quase 10 mil pessoas. Durante a operação policial, houve confrontos e várias pessoas ficaram feridas. As centenas de famílias desalojadas foram para abrigos e, depois, receberam aluguel social de R\$ 500 do poder público até o final de 2016, quando, finalmente, foram transferidas para casas populares.

Em relação aos movimentos sociais hodiernos, Ferreira e Alvadia Filho (2021) destacam que a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, promulgada na esteira da Revolução Francesa de 1789, está na gênese deles:

Mesmo considerando que ao longo da história da humanidade houve inúmeros episódios em que indivíduos se organizaram contra a opressão e o que entendiam como injusto, é nessa declaração que estão presentes os elementos basilares das ações dos movimentos sociais em sua acepção moderna. Trata-se do marco inaugural de um campo fértil de apropriação desses valores pelos mais diferentes matizes de grupos sociais, no bojo de um esforço histórico de participação democrática, com avanços e inflexões, no sentido da constituição da sociedade moderna (FERREIRA; ALVADIA FILHO, 2021, p. 103).

Considerando a concepção de Modernidade e de Estado Moderno, é a declaração citada um marco na proteção do povo contra possíveis abusos perpetrados pelo Estado, no sentido das garantias das liberdades individuais e coletivas, além da execução dos direitos, o que tem relação direta com a noção de Liberalismo político, pois se trata de um limitador para os poderes do Estado.

Os movimentos sociais estruturam-se “a partir de questões que incluem conflitos, litígios e disputas experienciadas no seio da sociedade civil, produzindo um senso de identidade coletiva a partir de interesses comuns” (FERREIRA; ALVADIA FILHO, 2021, p. 103-104). Essa definição de estrutura dialoga com o que é apresentado no livro, pois os moradores da Vila Santo Expedito e os membros do MLMNC criam um forte vínculo em pouco tempo, pois há uma identificação entre eles, a ponto de os membros do movimento se arriscarem pelos moradores no conflito com o aparato estatal.

Apesar disso, há teóricos que identificam a irrupção das massas como manifestações de irracionalidade e risco para a ordem existente (PASQUINO, 1998). No mesmo sentido, há movimentos sociais conservadores, que buscam evitar mudanças sociais ou mesmo regredir a um passado ideal (FERREIRA; ALVADIA FILHO, 2021). Uma definição de movimentos sociais que englobe todos os tipos de interpretação – da revolucionária à conservadora – é dada por Pasquino (1998, p. 787): “constituem tentativas, fundadas num conjunto de valores comuns, destinadas a definir as formas de ação social e a influir nos seus resultados”. Ou seja: trata-se de um movimento que busca influenciar os rumos da sociedade a partir de valores que considera corretos.

Dito isso, é importante frisar novamente que os movimentos sociais são legítimos em uma democracia. No livro, a demanda do

MLMNC é a moradia digna para a população pobre, o que é acolhido pela Constituição. Ademais, o grupo realiza um trabalho de conscientização que busca desmistificar ações naturalizadas pelos moradores da vila, como, por exemplo, quando Gustavo e dona Teresa discutem:

- O senhor me desculpe, seu Gustavo, mas todo santo dia eu vejo na TV que esse negócio de Direitos Humanos é coisa de bandido, disse dona Teresa.

- Dona Teresa, quem lhe disse isso? Um apresentador de TV sensacionalista que se promove por meio de discursos inflamados? Desde quando direito à habitação tem a ver com crime? E direito à alimentação, à saúde, à educação, à segurança, à vida, ao lazer e tantos outros? Isso parece coisa de criminoso para a senhora? Eu acho que isso é coisa de quem quer ter uma vida digna, assim como nós todos aqui reunidos aqui hoje.

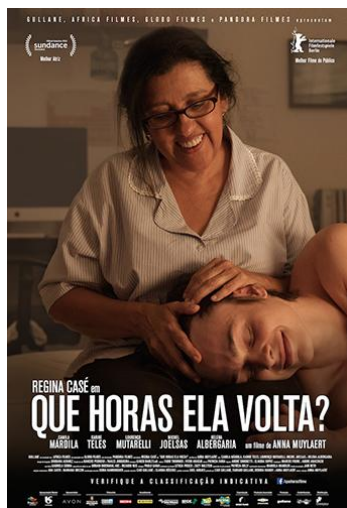
Em uma perspectiva marxiana, a ideologia dominante foi inculcada por dona Teresa, a partir da ação da mídia tradicional, por meio da indústria cultural. Dessa forma, Gustavo visa conscientizar a moradora de que aquele discurso é falso, tentando superar, assim, a alienação.

Sugestões de recursos didáticos: Capítulo 4 – O que Deus tem a ver com isso?



Sugestão de filme

Filme 1: Que horas ela volta?

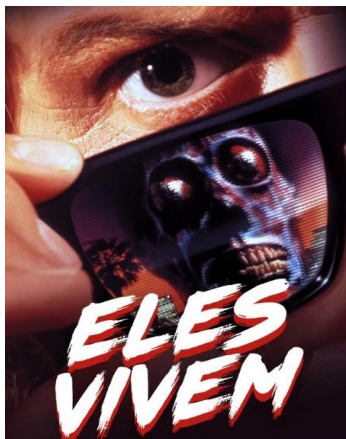


O filme mostra a história de uma empregada doméstica que trabalha em uma grande mansão na capital paulista. A mulher necessita se dedicar ao trabalho e aos patrões de forma que secundariza sua própria família e sua vida. Por outro lado, há entre ela e os patrões uma relação ambígua, em que a empregada, em algumas situações, parece ser tratada como uma extensão da família e da casa. A história sofre uma reviravolta quando a empregada precisa hospedar a filha na casa dos patrões por alguns dias. Confrontados com a situação, os patrões têm de decidir se a trabalhadora é “parte da família” ou se devem “colocá-la em seu lugar”.

Conferir classificação etária indicativa.

Fonte: Pandora Filmes.

Filme 2: Eles vivem



Fonte: Universal Pictures.

E se o que acreditamos ser real não for a realidade de fato? E se o que consumimos busca nos controlar? E se há indivíduos que pensam tudo isso para nos manter sob controle? Esse é o mote do filme “Eles vivem”. Substitua alienígenas por classe proprietária e óculos especiais por conscientização e você terá uma referência à obra de Marx e Engels.

Conferir classificação etária indicativa.

Filme 3: Elysium



Fonte: TriStar Pictures.

O filme de ficção apresenta um futuro em que máquinas superdesenvolvidas exercem funções que, no passado, eram exercidas por humanos. O desenvolvimento tecnológico levou os humanos a um cenário extremo de exclusão social, pois, agora, a classe trabalhadora é praticamente descartável, conforme percebemos com o caso do protagonista, Max da Costa, que sofre um grave acidente de trabalho que o condena à morte e, devido a isso, é automaticamente despedido pela empresa.

Nesse cenário, as classes abastadas chegam ao limite do apartheid social, criando uma gigantesca estação espacial onde vivem completamente isolados. A película nos mostra que desenvolvimento tecnológico produz resultados que podem não estar em acordo com o ethos da solidariedade e da empatia.

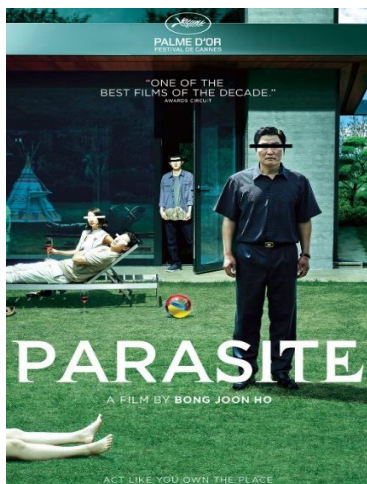
Conferir classificação etária indicativa.

Filme 4: O som ao redor



Fonte: Vitrine Filmes

Filme 5: Parasita



Fonte: Alpha Filmes.

O filme apresenta o “drama” de uma classe média decadente na cidade de Recife; decadente em vários sentidos. Preocupações individualistas de personagens daquela classe social se misturam com uma preocupação cínica pelo bem comum, principalmente pelo bem-estar de pessoas pobres que trabalham para aquele grupo decadente. Há vários episódios de conflito de classe social no filme, indicando preconceito de classe e aporofobia.

Conferir classificação etária indicativa.

A película – vencedora do Oscar de melhor filme – conta uma história de forte desigualdade social na Coreia do Sul, que, em muitos aspectos, se assemelha ao que ocorre no Brasil. Uma família pobre cria estratégias para ludibriar uma família rica, conseguindo que esta contrate todos os membros daquela família, que fingem não se conhecer. Durante todo o filme, há fortes indícios da separação entre as classes sociais: a descida para a periferia (ou subida para a área nobre), o cheiro dos trabalhadores e a “ingenuidade” dos patrões, que contrasta com a “esperteza” dos trabalhadores.

A história tem uma reviravolta, quando a família trabalhadora descobre que não são os únicos a quererem se aproveitar da situação. O que uma pessoa pobre é capaz de fazer para sobreviver em uma sociedade extremamente desigual? Qual o limite do aceitável na relação entre trabalhadores e patrões?

Conferir classificação etária indicativa.



Sugestão de documentário

Documentário 1: Ilha das Flores



Fonte: Casa de Cinema de Porto Alegre.

Descobrimos, então, o que porcos são e o que os seres humanos têm que os porcos não têm.

Com direção de Jorge Furtado, o documentário fala sobre desigualdades sociais de uma forma didática e, até certo ponto, divertida. A questão que embasa a obra é: por qual motivo porcos têm prioridade de alimentação em relação aos seres humanos em um local chamado Ilha das Flores?

Documentário 2: Levante sua voz



Fonte: Interveozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social.

Pedro Ekman dirige esse documentário que mostra como a concentração dos meios de comunicação no Brasil pode afetar nossas vidas. Poucas famílias controlam a esmagadora maioria dos canais de televisão, estações de rádio, jornais e revistas do Brasil.

O que essas famílias têm a nos dizer? A obra indica que esse oligopólio serve para uma classe social passar sua visão de mundo para as outras.



Sugestão de PodCast

PodCast 1: Nerdologia



Fonte: YouTube/ Reprodução.

O Nerdologia é um canal do YouTube produzido pelo historiador Filipe Figueiredo que geralmente narra fatos históricos a partir de fontes confiáveis e com uma linguagem parcimoniosa. O canal possui uma série sobre Fake News com 10 curtos episódios que podem ser exibidos e discutidos em sala de aula.



Sugestão de imagem

Imagem 1: Greves do ABC Paulista



Fonte: Arquivo SMABC.

As famosas greves do ABC Paulista, em 1980. Dezenas de milhares de trabalhadores da indústria se reuniam para reivindicar melhores salários e condições de trabalho. Isso ocorria durante a Ditadura, que proibia esse tipo de movimento.

Essas manifestações acabaram influenciando a abertura política do país e o final da Ditadura, que ocorreu em 1985.

Imagem 2: Democracia Corinthiana



Fonte: Divulgação/ Corinthians.

Legenda: "Ganhar ou perder, mas sempre com democracia".

A abertura política do país no início dos anos 1980 influenciou e foi influenciada por um importante movimento no futebol: a Democracia Corinthiana, que contou com personagens como os irmãos Sócrates e Casagrande.

Segundo relatos, tudo no clube era decidido coletivamente e isso inflamou as arquibancadas e o país. Há outros relatos que contrariam essa versão dos fatos, indicando que nem tudo era decidido coletivamente (GOZZI; BRASILEIRO, 2002). Apesar disso, o movimento ficou no imaginário popular.

Imagem 3: Pinheirinho



Fonte: Roosevelt Cassio/Reuters. Imagem desfoca.

Em 2012, quase 10 mil pessoas foram expulsas de um terreno abandonado, local que foi nomeado de Pinheirinho, na cidade de São José dos Campos, São Paulo. A foto anterior mostra mulheres fugindo do local, durante a ação policial. O terreno pertencia a um empresário, mas estava sem uso há décadas. As famílias o ocuparam por quase 10 anos. O empresário solicitou reintegração de posse e teve causa ganha na justiça, apesar da falta de função social do terreno. O governo promoveu a reintegração de posse e expulsou todos os moradores. Em 2022, o terreno de Pinheirinho se tornou uma... área abandonada. Quase 10 mil pessoas foram expulsas para que o terreno continuasse seu ciclo de especulação imobiliária. Qualquer semelhança com a Vila Santo Expedito, onde Pedro morava, não é mera coincidência.

Imagem 4: Justiça pela Chacina do Curió



Fonte: Reprodução/ Facebook.
Imagem desfocada.

Em 2023, oito anos após a Chacina do Curió, cearenses protestam por justiça. Alguns dos policiais envolvidos foram condenados, mas ainda podem recorrer. Outros aguardam julgamento. Essa foi a maior chacina policial da história do estado.

Imagem 5: 80 tiros



Fonte: Reprodução/ Redes sociais.

Oitenta. Essa foi a quantidade de tiros que atingiu o carro do músico negro Evaldo Rosa, em 2019. A ação não foi perpetrada por traficantes ou ladrões, mas, sim, por militares do exército.



Sugestão de música

Música 1: AmarElo (Emicida)

Emicida nos presentearia com uma linda canção que destaca os desafios que as pessoas que moram nas periferias brasileiras necessitam enfrentar diariamente: a fome como combustível; o “abutre” que ronda ansioso pela queda; a busca por grana, que indica a instabilidade

financeira; a impossibilidade de ser derrotado no “mundo cão”: “só eu e Deus sabe o que é não ter nada, ser expulso”, o que as levam, inclusive, a questionar a vida. Apesar dos desafios, o compositor nos mostra que a vida é bela e merece ser vivida: “permita que eu fale, não as minhas cicatrizes/ tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?/ alvos passeando por aí/ permita que eu fale, não as minhas cicatrizes/ se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência/ é roubar um pouco de bom que vivi”. Mostrar a beleza da periferia é reconhecer que ali é um local efervescente, cheio de vida e de histórias que devem ser vividas.

Música 2: Comportamento Geral (Gonzaguinha)

Tudo vai bem? Tudo legal? Ou devemos reivindicar melhores condições de vida? Gonzaguinha mostra com maestria uma situação em que a alienação é muito bem empregada: “você deve notar que não tem mais tutu [dinheiro]/ e dizer que não está preocupado/ você deve lutar pela xepa [os restos, a sobra] da feira/ e dizer que está recompensado”. Apesar de vivenciar uma situação difícil de pobreza, a pessoa demonstra estar bem e despreocupada. Analisando a letra pela ótica marxiana, é possível compreender o indivíduo da música impregnado pela ideologia dominante, que o aliena e o impede de enxergar a realidade massacrante em que vive. A ideologia dominante age como um véu à frente de nossos olhos, turvando a realidade. De quem é a culpa pelas mazelas sociais? O capitalismo gera desigualdade social ou basta você se esforçar, estudar mais e trabalhar mais duro e tudo será resolvido?

Música 3: Get up, stand up (Bob Marley)

Levante, resista: lute pelos seus direitos! Não desista da luta!, diz Marley no refrão dessa icônica canção. O compositor faz alusão a um discurso religioso que exalta a vida pós-morte, a vida eterna, mas ignora que mudanças devem ocorrer na vida material: “A maioria das pessoas pensa/ que o Grande Deus vai surgir dos céus/ levar tudo/ e fazer todo mundo se sentir elevado/ mas se você sabe o quanto a vida vale/ você irá olhar pelos seus [iguais] na terra/ e agora que você enxerga a luz/ lute pelos seus direitos”. A letra carrega significado que dialoga perfeitamente com a noção de alienação em Marx: existe um falso discurso que ludibria as pessoas; no caso da música, um discurso religioso que ignora a vida terrena material. Mas a conscientização – descobrir o valor da vida, segundo a letra – leva as pessoas a perceber a realidade de outra forma, “enxergando a luz” e possibilitando que lutem pelos seus direitos agora, não esperando pelo paraíso prometido.

Música 4: A cara do Brasil (Celso Viáfora)

A música, brilhantemente interpretada por Ney Matogrosso, mostra a diversidade, a desigualdade e as contradições do Brasil. Existe apenas um Brasil ou podemos dizer que nosso país é bastante complexo e diversificado, a depender da região que analisamos, ou mesmo do bairro para o qual focamos? O Brasil que tem sede e o que vive da seca, o que não tem acesso ao hospital e o que foge dele por considerá-lo inadequado, o que come de talher de prata e o que come com a mão, o que bate tambor e o que bate carteira, o que joga bonito e perde e o que joga feio e ganha, o que da favela do Rio vê as ilhas inacessíveis financeiramente ou o que das ilhas enxerga a favela? A resposta para todos esses questionamentos é dada: “A gente é torto igual Garrincha e Aleijadinho/ ninguém precisa consertar”, o que indica que não existe cultura boa ou ruim, superior ou inferior. Somos o que somos, fruto de nosso processo histórico. Isso, por certo, não significa que devemos nos acomodar às desigualdades, visto que a cultura está em constante transformação. Em relação a isso, vale lembrar o recado de Bob Marley: “Levante, resista: lute pelos seus direitos! Não desista da luta!”.



Sugestão de livro

Livro 1: ZOLA, Émile. *Germinal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Germinal, o clássico livro de Zola, conta a história de trabalhadores de mina de carvão na França do século XIX. O protagonista, Étienne, lidera uma greve de mineradores devido às péssimas condições de trabalho e aos baixos salários. O romance aborda a luta de classes, destacando as diferenças entre trabalhadores e patrões, mas vai além, pois ultrapassa a perspectiva marxiana, destacando que entre as duas principais classes não existe apenas exploração. Segure o fôlego e se prepare para ler um livro que vai mudar a sua vida.

Livro 2: UMRIGAR, Thrity. *A distância entre nós*. 1. ed. São Paulo: Mediafashion, 2017.

Umrigar conta uma história complexa que envolve duas mulheres indianas de castas diferentes: Sera e Bhima. Existem diferenças sociais, religiosas e de status entre elas que as distanciam, mas, ao mesmo tempo, existe um elo que as une. A distância entre nós fala sobre diferenças sociais que podem ser amenizadas, mas será que podem ser superadas?



Sugestão de dados estatísticos

O Brasil é um dos países com maior desigualdade social no planeta, segundo o World Inequality Report 2022²¹. O documento destaca que, no Brasil, os 50% mais pobres ganham 29 vezes menos do que os 10% mais ricos. Na França, por exemplo, esse valor é de sete vezes. O documento destaca que, apesar de programas de distribuição de renda, sem taxação aos ricos e sem reforma agrária, a desigualdade praticamente não mudou desde o ano 2000. Prova disso é que a parcela do 1% mais rico detém cerca de 50% de toda a riqueza do país. Outra fonte imprescindível é o site do IBGE.



Sugestão de Atividade

Atividade diversificada 1

Divida a turma em grupos. Cada grupo deve buscar informações sobre desigualdades sociais em fontes confiáveis, tais como os seguintes sites na internet: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Oxfam Brasil, Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA), etc. Cada grupo ficará responsável por um tipo diferente de desigualdade: racial, de gênero, de sexualidade, de classe social, etc. Esses grupos devem colher dados naquelas fontes e desenvolver uma forma de apresentar esses dados para o restante da turma: pode ser por meio de vídeos, de música, de poema, de cartazes, etc. A forma de apresentação fica por conta da criatividade de cada equipe.

Atividade diversificada 2

Divida a turma em equipes. Elas devem pesquisar se o município onde moram possui Plano Diretor. Se não possuir, que pesquisem o da capital do estado ou de alguma outra cidade próxima. Após isso, cada grupo ficará responsável por apresentar para a turma características do documento, tais como: quais os princípios norteadores, o que o documento diz sobre propriedade privada, se há possibilidade de participação popular na gestão da cidade, entre outras.

21 Disponível em: https://wir2022.wid.world/www-site/uploads/2023/03/D_FINAL_WIL_RIM_RAPPORT_2303.pdf Acesso em: 11 mar. 2024.

Atividade tradicional

1. Transcreva dois trechos do capítulo em que é possível identificar o preconceito de classe social.
2. Há episódios de resistência ao preconceito de classe social no livro? Caso sim, comente-os.
3. Transcreva um trecho do capítulo que destaca a discussão entre ideologia e alienação.
4. É possível identificar no capítulo características de indústria cultural? Comente-as.

Referências

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento – Fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Paris, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> Acesso em: 27 fev. 2024.

BAUMAN, Zygmunt. Para que ser a sociologia? Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BECKER, Valdecir; GAMBARO, Daniel; SOUZA FILHO, Guido Lemos de. O impacto das mídias digitais na televisão brasileira: queda da audiência e aumento do faturamento. In: Palavra Clave, 18(2), p. 341-373, 2015.

BODART, Cristiano das Neves. Usos de canções no ensino de sociologia. Maceió, AL : Editora Café com Sociologia, 2021.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, 1988.

BRASIL. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. Retrato das desigualdades de gênero e raça – 1995 a 2015. Brasília, 2017.

CAMPOS, L. A.; BARBOSA, R.; RIBEIRO, J.; FERES JÚNIOR, J. Relatório das Desigualdades Raciais (2022). Rio de Janeiro: UERJ; IESP; GEMAA, 2022.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; RABAY, Glória. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil.

In: Estudos Feministas, Florianópolis, 23(1): 312, janeiro-abril/2015.
CHANCELL, L.; PIKETTY, T.; SAEZ, E.; ZUCMAN, G. (Orgs.).
World Inequality Report 2022. Paris: World Inequality Lab, 2021.

ELIAS, Norbert. Introdução à Sociologia. Lisboa: Edições 70, 2008.

FERREIRA, Wallace; ALVADIA FILHO, Alberto. O que é movimento social? BODART, Cristiano das Neves (Org.). Conceitos e categorias fundamentais do ensino de Ciência Política. V. 1. 1. ed. Maceió, AL : Editora Café com Sociologia, 2021.

FONTES, Barbara; MAGALHÃES, Renata. O que é indústria cultural? In: BODART, Cristiano das Neves (Org.). Conceitos e categorias fundamentais do ensino de Sociologia. V. 2. 1. ed. Maceió, AL : Editora Café com Sociologia, 2021.

FORTALEZA. Lei Complementar Nº 062, de 02 de fevereiro de 2009. Institui o Plano Diretor Participativo do Município de Fortaleza e dá outras providências. Diário Oficial do Município. Fortaleza, 2009.

FRAGA, Alexandre Barbosa; MAÇAIRA, Julia Polessa. O que é divisão sexual do trabalho? In: BODART, Cristiano das Neves (Org.). Conceitos e categorias fundamentais do ensino de Sociologia. V. 1. 1. ed. Maceió, AL : Editora Café com Sociologia, 2021.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação. 2010. 338 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, 2013.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOZZI, Ricardo; BRASILEIRO, Sócrates. Democracia corintiana: a utopia em jogo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

LENZI, M. H.; PRADO, P. F. do; GONÇALVES, T. C. Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022. Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2023.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. V. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MICHELS, Robert. Sociologia dos partidos políticos. Brasília : Ed. Universidade de Brasília, 1982.

- MOREIRA, Adilson. Racismo recreativo. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- OLIVEIRA, Eilson Castro Soares de. O QUE É DESIGUALDADE SOCIAL? In: BODART, Cristiano das Neves (Org.). Conceitos e categorias fundamentais do ensino de Sociologia. V. 1. 1. ed. Maceió, AL : Editora Café com Sociologia, 2021.
- ORSATO, Andréia. O que é gênero? In: BODART, Cristiano das Neves (Org.). Conceitos e categorias fundamentais do ensino de Sociologia. V. 1. 1. ed. Maceió, AL : Editora Café com Sociologia, 2021.
- PASQUINO, Gianfranco. Movimentos sociais. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. v. 1. Brasília: Ed. UnB, 1998.
- PESSOA, Márcio Kleber Moraes; SOUSA NETO, Manoel Moreira de. O que é racismo à brasileira? In: BODART, Cristiano das Neves (Org.). Conceitos e categorias fundamentais do ensino de Antropologia. V. 1. 1. ed. Maceió, AL : Editora Café com Sociologia, 2021.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário. Cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- SILVA, A.; LOUREIRO, B.; MIRANDA, C.; FERREIRA, F.; FERREIRA, L. P.; SERRANO, M. M.; ARAÚJO, M.; COSTA, M.; NOGUEIRA, M.; OLIVEIRA, O. F. de.; MENEZES, P.; CORRÊA, R. M. C.; PAIN, R.; LIMA, R.; BUKOWITZ, T.; ESTEVES, T.; PIRES, V. M. Sociologia em movimento. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2016.
- SILVA, Antonio Ozai da. Fotografia e ensino de Sociologia. In: Revista Espaço Acadêmico, n. 190, 2017.
- SILVA, Luís Fernando Santos Corrêa da. O que é estratificação social? Conceitos e categorias fundamentais do ensino de Sociologia. V. 1. 1. ed. Maceió, AL : Editora Café com Sociologia, 2021.
- SOFTLEY, Iain. K-PAX – O caminho da luz. Estados Unidos; Alemanha: Universal Pictures, 2001.
- TAGLIAMENTO, G.; SILVA, S. S. C. da; SILVA, D. B. da; MARQUES, G. de S.; HASSON, R.; SANTOS, G. E. dos. Minha dor vem de você: uma análise das consequências da LGBTfobia na saúde mental de pessoas LGBTs. Cadernos de Gênero e Diversidade, 6(3), 77–112, 2020.
- WRIGHT MILLS, C. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SOBRE O AUTOR

Márcio Pessoa é sociólogo e doutor em Sociologia. Foi professor da educação básica na rede estadual do Ceará durante 11 anos. Atualmente, é professor do curso de Ciências Sociais e do Mestrado Profissional de Sociologia (Profsocio) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

SOBRE A ILUSTRADORA

Alice Magalhães venceu um concurso para ser ilustradora deste livro: concorreu contra todas as filhas do autor. Ela venceu com uma mão nas costas. Alice tem 10 anos, é filha única de Márcio e sonha em ser: cantora, jogadora de futebol, cozinheira e escritora.



**EDUCAÇÃO E ENSINO:
NOVAS ABORDAGENS**



VOLUME IV